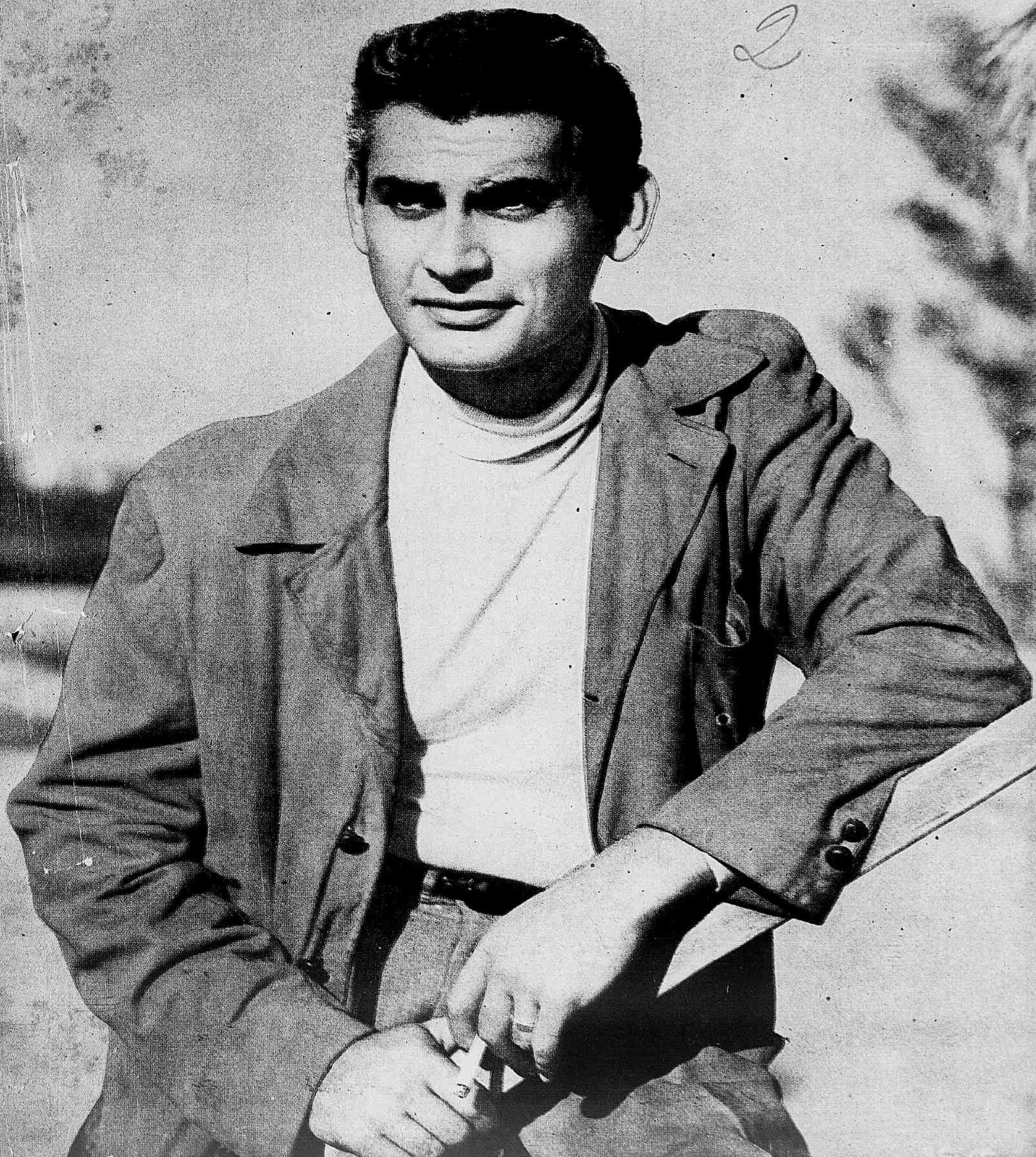
N.º 14 ★ 5-4-51

Cr$ 3,00 em todo o Brasil

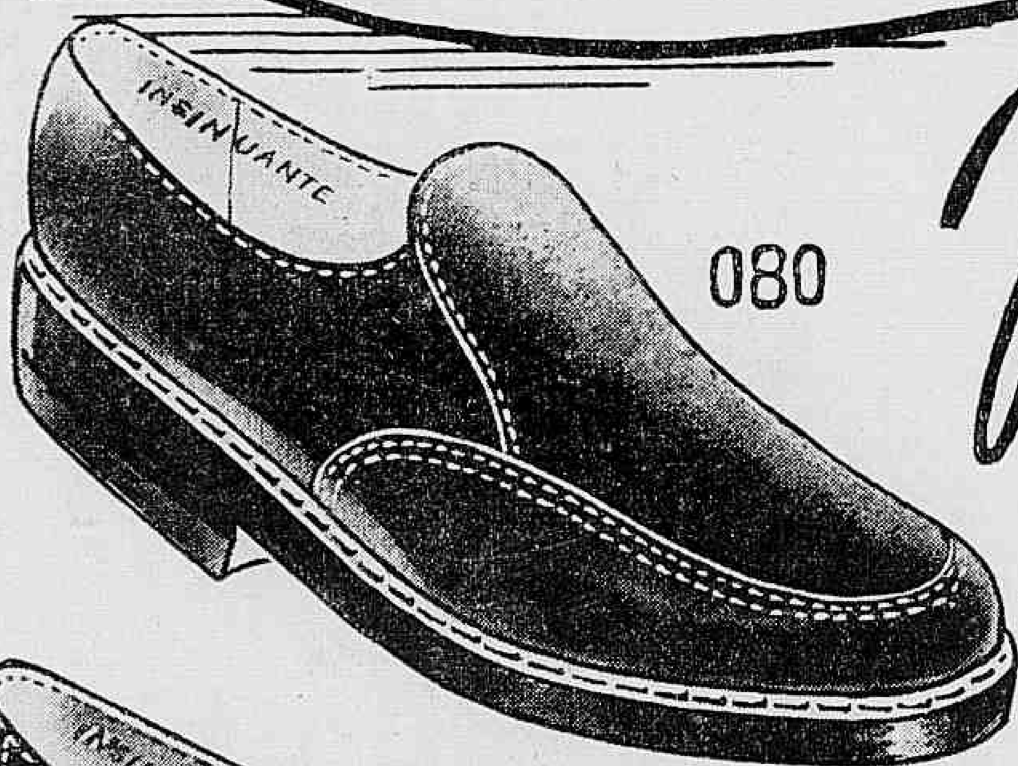
A CENA muda

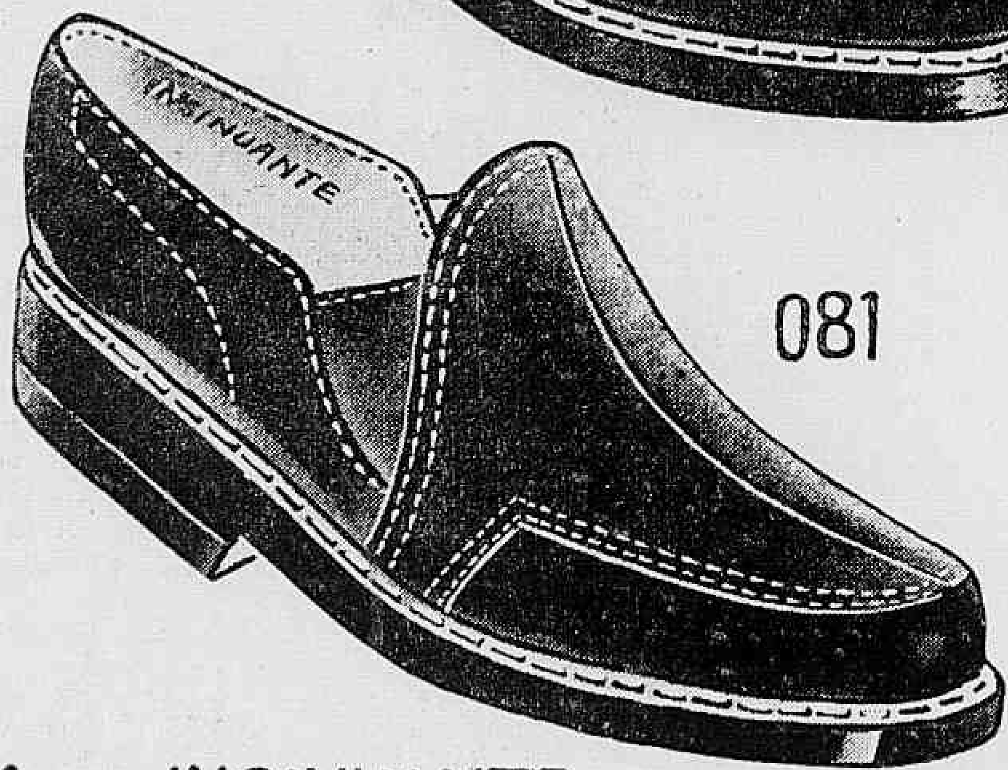
CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES





O BRASIL FABRÍCA
O MELHOR CALÇADO DO MUNDO
INSINUANTE
VENDE O MELHOR CALÇADO DO
BRASIL





Maracanã!
UM SAPATO
Excepcional
POR PREÇO
Excepcional

CR$ 175,00

INSINUANTE
Devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!

insinuante

UMA GALERIA A' SUA DISPOSIÇÃO, COM ÁGUA
GELADINHA
SEMPRE ÁS SUAS ORDENS

CARIOCA, 46-48 – 7 de SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG.

A CENA Muda

Semanário de ARTE
ANO 30 ★ N.º 14, de 4 de abril de 1951

SUMARIO

Ser artista (Leon Eliachar).. 3
A criança é o pai do homem (Antônio Rocha) 4
O baião chegou para vencer (Max Gold) 8
Em Punta Del Este, n. 2 (Alberto Conrado) 9
Phyllis Calvert (A.C.) 13
Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 14
Ilka Soares 15
Estrada 301 (Cine-Romance).. 16
Frances Ramsden 18
Bate papo com Ana Luz...... 19
Amor vai, amor vem (cine-romance) 20
O Conde em sinúca 22
Coluna do fã 25
Rádio (Armando Migueis).... 28
Telas da cidade 31
Arquivo (Brooklyn Jack) 32
Música (Oswaldo da Cunha).. 33
Pausa para meditação......... 34

★

CAPA
Jeff Chandler
(U. International)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito.
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Distribuição em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

Publicidade em São Paulo: Jarbas de Freitas Galvão Rua da Conceição, 58 — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THOMAS KEENE
CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O prêço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



SER ARTISTA

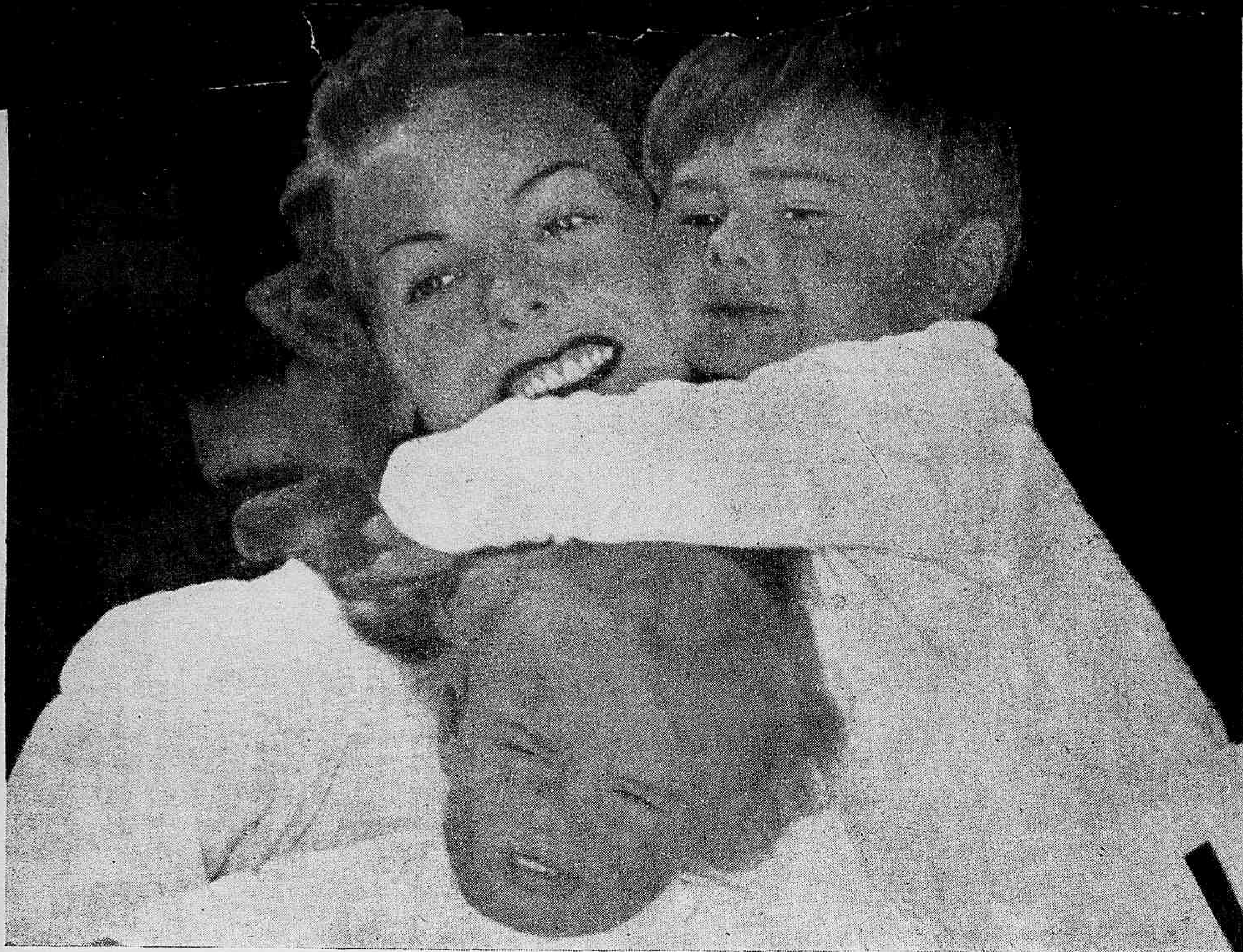
SER artista de cinema é coisa que já passou pela cabeça de todos nós — ao menos uma vez. Talvez ontem, talvez hoje. Ou talvez mesmo amanhã, quem sabe? Mas há um certo receio que nos freia, que mantém latente o nosso desejo, que não nos deixa exteriorizar nosso verdadeiro sentimento. São as censuras dos amigos, os deboches dos colegas. Dêsses mesmos amigos e dêsses mesmos colegas que têm as mesmas idéias e os mesmos desejos que nós — mas que não ousam externá-lo. E tentam paralisar nosso impulso, com frases irônicas, com palavras de pessimismo. Protelamos a vontade. Aguardamos uma oportunidade. O tempo passa. E leva também o desejo. Encontramos desculpas para nós mesmos. Rimo-nos de como éramos, e orgulhamo-nos do que somos. Sim, ao menos temos a grande vantagem de nos orgulhar do que somos no presente. Se conseguimos alguma posição boa, louvamos o nosso esfôrço; se fracassamos, temos o futuro na frente. Mas, vez por outra, ainda nos lembramos do tempo em que desejávamos ser artistas de cinema. Vêm-nos à lembrança os nomes famosos da tela. Os sorrisos imitados, os trajes copiados por todo o mundo. A inveja dos beijos cinematográficos, mais simples e mais sintetizados do que os próprios que damos. Mas sentimos inveja. Dos autógrafos que nos pediriam. Das multidões que nos cercariam. Dos contratos fabulosos que assinariamos. Dos coquetéis que nos ofereceriam. Das viagens que fariamos. Da volumosa correspondência dos fãs. Ser idolo. Ser deus. Ser envolto numa sombra de mistério. Deixar de ser humano, como os outros, para viver flutuando no firmamento da glória. Refletores. Luzes. Cifras. Fama. Tudo nos vem à lembrança. Inclusive o desejo de ser artista de cinema, que repousa, serenamente, no nosso subconsciente. Mas nunca nos lembramos da outra parte. De que continuaremos, como os outros, a ser humanos. Talvez mais humanos do que somos agora. Acordar cedo. Enfrentar o calor das luzes, o alvorôço do estúdio, o cansaço do ensaio, o enfado da repetição de cenas, a viagem de volta para o lar, para a espôsa, que raramente vemos. O desejo de férias. O prazer de ver o mar, real, e não aquêle cenário pintado no próprio "set". A vontade de ir à praia, trocar o refletor pelos raios do sol. Vestir roupas leves, esportivas. Visitar um amigo. Ter uma noite livre. Dormir cedo, descansar, ler um jornal, ouvir um programa de rádio, brincar com as crianças. A satisfação de ter um compromisso transformada, pela rotina, na angústia de "ter" um compromisso. A multidão já não entusiasma tanto. Os autógrafos cedidos com má vontade, com descaso. A glória, agora efêmera, já é tida como coisa certa. Não tem o mesmo valor. Vendo por cima, não temos a mesma visão de quando víamos "por baixo". Tudo é tão diferente. A mesma rotina, o mesmo tédio, os mesmos vicios continuarão nos perseguindo. Os pequenos hábitos, os minúsculos prazeres, talvez não possamos fazê-los. E se os fizermos, talvez não tenham o mesmo sabor. O tempo é comprimido entre os deveres e a responsabilidade. Já não somos nós mesmos, mas uma soma de vários personagens que construiram a nossa personalidade — que é do dominio público. Talvez sintamos prazer com isso; talvez não. São variantes da vida. "Na natureza, nada se cria e nada se perde; tudo se transforma"...

Muita vez, o desejo de "ser artista" nos abandona. Sentimo-nos perfeitamente integrados em nós mesmos. Somos o que somos. Mas, outras vêzes, desperta aquêle mesmo desejo antigo, de quando crianças, ao tempo em que acreditávamos que os astros eram deuses. Alguma fôrça nos impele para que realizemos nosso desejo. Talvez a vocação. A certeza da vitória; a garantia que trazemos em nós mesmo do sucesso. Sim, porque a indecisão, em principio, é uma admissão inconsciente da derrota.

★

Cartas e mais cartas temos recebido, consultando-nos sôbre "o que devemos fazer" para ser artista. A resposta é simples: procurar aproximação do meio cinematográfico. Existem muitos estúdios no Brasil (Vera-Cruz, Atlântida, Sul-Filmes, Farrapos-Filmes, Horizonte-Filmes, Flama, Nova Terra, Maristela, e muitos outros). Muitas companhias estão surgindo. Para que haja filmes é preciso que haja artistas. Novas estrêlas vêm sendo descobertas. A oportunidade não irá buscar ninguém em sua casa. E' preciso "contato". Ninguém pode reinar se não há um trono. Se você, que me lê, luta com êsse desejo, com essa vontade irreprimivel de "ser artista", não hesite. Faça uma auto-critica de si próprio, de sua capacidade, de sua vocação. E caminhe para a frente. Quando surgir uma chance, o que não faltará dentro em breve, agarre-a. Se você tiver talento e o seu diretor também, então êle tirará de você o máximo que você possa dar. Mas não culpe ninguém pelo seu fracasso, senão a você mesmo. E pelo sucesso também. Porque a Vitória e a Derrota estão dentro de nós mesmos. Em qualquer ramo de atividade. E desde já, pode contar com a colaboração de A CENA, que estará prestando um auxilio, não só a você, mas ao próprio cinema nacional.

leon eliachar



JEAN GRAIN
A carreira melhora com cada filho...

SEXO OU FILHOS?

"A CRIANÇA É O PAI DO HOMEM"

O QUE PREFEREM OS ASTROS E ESTRÊLAS? ★ SERÁ HOLLYWOOD UM ANTRO DE PERDIÇÃO? ★ CASAMENTOS FELIZES E AVENTURAS INFELIZES ★ OS ARTISTAS RESPEITAM A MORAL ★ CONSEQUÊNCIAS DE UM PASSO EM FALSO: PRISÃO OU SUICÍDIO ★ AS ARTISTAS CASADAS NÃO SÃO "BOA BILHETERIA"?

De ANTÔNIO ROCHA



CLARK GABLE
Lamenta não ter filhos...



INGRID BERGMAN
Ninguém sabia que era mãe...



JANE POWELL
Deseja a visita da Cegonha...

EXISTE um fenômeno interessante concernente aos artistas de Hollywood. Não importa o quanto um artista seja benevolente, bom pai de família e esforçado, o público prefere acreditar que os astros e estrêlas (estas principalmente) são fogosos animais que correm frenèticamente porque não conseguem encontrar bastante pessoas para amar. Podem perfeitamente ter a casa cheia de crianças e passar a metade da noite preocupados em saber como curar um filho de um sarampo ou de um meio para fazê-lo melhorar as suas notas na escola que isso nada significa para o fã; êste prefere acreditar que isso tudo não passa de um frontispício; que os artistas realmente não gostam de crianças; que êles são temerários e irresponsáveis.

Há pouco tempo atrás um famoso artista do cinema se encontrava em uma pequena cidade do interior filmando «in location» e certa tarde se encontrava aproveitando um descanso, sentado na varanda do hotel, quando uma bela senhorita dêle se aproximou, a fim de pedir um autógrafo. Depois de ver satisfeito o seu primeiro desejo, a jovem tentou iniciar uma conversação.

Olhou o astro, tratava-se de John Wayne, e suspirou:

— «Oh, John, como eu o invejo! Você pode fazer tudo o que lhe der na cabeça, ir aonde quiser. Sem preocupações, sem cuidados...»

— «Você deve estar brincando, ou então me tem confundido com alguma outra pessoa.» — redarguiu John.

A moça sorriu:

— «Você não me engana!» — Sorriu a moça com os olhos acesos.

— «Benzinho!» — gargalhou estrepitosamente John — «Quem me dera que eu pudesse! Mas tenho uma desilusão para você. Sou o pai de quatro crianças.»

TUDO E' ILUSAO

Essa jovem apenas reflete o pensamento de milhares de outros fãs de cinema em relação aos seus artistas favoritos e à cidade onde êles habitam. Pessoas assim não acreditam que possa existir gente decente em Hollywood e aquêles pobres produtos da humanidade — mártires da fama — têm todos os seus ideais dirigidos para um ponto fixo que é o prazer.

Não há nada de errado nem de podre em Hollywood e todos os defeitos atribuidos a esta cidade, motivados especialmente pelos quatrocentos repórteres e correspondentes com os seus quartéis aí localizados sòmente se encarregam em dar publicidade a coisas capazes de atrair atenção. E que mais atrai a atenção do que os erros, extravagâncias desenfreadas e escândalos dêsse grupo de artistas? Sim, por que não há nada de mais na meca do cinema. Aí vivem pessoas trabalhadoras e responsáveis como em qualquer outra parte do mundo. Talvez até mais esforçadas, pois aquêles que têm alguma ligação com o mundo da arte bem compr... imensamente mais difícil vencer numa arte do que em qualquer outra profissão.

A questão interessante é que os fãs se recusam a acreditar que esta cidade da Califórnia seja como qualquer outra. Isto tiraria o «glamour» que a envolve e talvez não lhes paracesse tão fascinante e misteriosa. Êles preferem acreditar que Shelley Winters não faz outra coisa senão perseguir «gostosões» em convertíveis. Que Joan Crawford confessa o seu amor a um homem diferente cada sábado. Que Peter Lawford passa a maior parte do tempo comprando e devolvendo alianças.

Acima de tudo, porém, — como chegaram à conclusão os próprios artistas, o fã procura de tôda maneira possível evitar o pensamento de que um astro se casa por amor. Para êle o casamento é simplesmente um artifício para legalizar as suas relações e porque estão cansados de viver sòzinhos...

Não resta a menor dúvida que o fator sexual desempenha um importante papel no casamento de seja lá quem fôr. Tanto faz ser Ling Sao residente em uma pequena aldeia existente no interior da China, um Samuel em Israel ou um Bred gósio que mora em algum lugar do Ceará. Mas nunca êsse é o fator dominante. O homem já se interessa por outros detalhes. E em se tratando de Holllywood, uma cidade de pessoas em sua maior parte de cultura um pouco acima do nível normal, isto significa um menosprêzo à verdade. Contraem matrimônio porque desejam um lar, sòzinho sòmente se pode viajar mais rápido até um certo limite. Muitos casais ali provam que Montaigne estava enganado quando disse que um casamento para ser bom teria de ser realizado entre uma cega e um surdo... Há muitos perigos e é por isso que o casamento aí é essencial. Se existem realmente alguns deslises, êstes são em número reduzido e a maioria dos que erraram expiaram por seus erros e alguns cometeram o suicídio, enquanto outros ainda se encontram na prisão, como demonstraremos adiante.

Talvez isso seja uma surprêsa, mas são poucos os artistas que não têm filhos. Greer Garson, Ginger Rogers, Clark Gable, Claudette Colbert, Katherine Hepburn e Gene Autry estão nesse grupo. Apesar de casados, não tiveram a sorte de ter filhos.

Qual a melhor resposta para a pergunta sexo ou crianças do que esta: nos últimos meses, June Allyson, Esther Williams, Lana Turner, Jean Hagen, Cyd Charisse e muitos outros anunciaram orgulhosamente a vinda da cegonha.

DESTRÓI-SE UM MITO

Até há alguns anos atrás, nos Estados Unidos (sim, porque o mesmo fenômeno já tive oportunidade de constatar aqui entre os nossos artistas de rádio) se acreditava que uma atriz não dava boa bilheteria se fôsse mãe, ou um ator se fôsse um pai de família. Tôda vez que uma atriz dava à luz uma criança a notícia era considerada como um alto segrêdo e se silenciava sôbre o assunto, chegando-se ao cúmulo de subornar jornalistas para não darem publicidade ao fato.

Todos talvez ainda se lembram que quando Jennifer Jones chegou à meca do cinema para interpretar o papel principal em «A Canção de Bernadete» nada foi dito sôbre o seu casamento com um jovem ator, que mais tarde também viria a triunfar no cinema, Robert Walker, e que era a mãe de dois garotos. Sòmente anos mais tarde êste fato foi trazido à luz e chegou a prejudicar até mesmo a própria atriz, pois sendo Robert Walker um homem extremamente sensível, sentiu-se magoado pelo fato e por êsse motivo o casamento veio a se desmoronar pouco depois.

Quando há pouco mais de um decênio atrás Ingrid Bergman chegou a Nova York, os agentes da publicidade recusaram-se a citar o fato de que a bela sueca era uma mãe.

Quando a espôsa de Gary Cooper deu à luz uma filha, quando Alida Valli teve o seu segundo filho, quando Irene Dune foi presenteada com uma filha, — as notícias foram consideradas como um grande segrêdo.

Mas foi Betty Grable quem destruiu êste mito, e outras a auxiliaram nesta campanha, ao se tornar mais popular ainda com o nascimento de seus filhos. Presentemente as rainhas da bilheteria em sua maioria são mães.

Jeanne Crain diz que a sua carreira sempre melhora com o nascimento de um novo filho.

— «Depois que tive o meu primeiro nenê o estúdio me deu o papel principal em «Apartment for Peggy» e «Quem é o Infiel». Com o segundo filho, Michael, puseram-me em «Débil é a Carne». Quem sabe se depois dêsse agora não ganharei um **Oscar**?» — Costuma dizer ela.

Jeanne, dando uma prova da liberdade dos artistas atualmente em Hollywood, nem ao menos esperou que o estúdio lhe desse licença para ser mãe pela terceira vez. Surpreendeu o pessoal da Fox com a notícia, no dia em que devia



JUNE ALLYSON
Espera a Cegonha...



JOAN BENNETT
Outra glamorosa vóvó.



JAMES STEWART
Ainda não tem herdeiros



JENNIFER JONES
Era casada e tinha filhos, mas isso era segrêdo.



IRENE DUNNE
Teve um filho. Mas isso não foi divulgado.

partir para Georgia a fim de filmar «in loco» a película «I'd Climb the Highest Mountain». Felizmente Susan Hayward concordou em substitui-la.

Depois de seis anos de vida conjugal com Dick Powell, June Allyson estava a ponto de adotar uma segunda criança quando percebeu que isso seria desnecessário, pois ia ser mãe. Notificou ao estúdio, que a dispensou de seu papel em «Royal Wedding».

LAR, DOCE LAR

Nada é mais doce do que saber que ao se aproximar de casa num «Lincoln» do último tipo, o cachorro o está esperando e ladra satisfeito; que um par de olhos marcará ansioso a sua chegada e se incendiará de um fulgor de alegria a sua vista e as crianças virão contentes dar-lhe um abraço e um beijo, com os pequeninos rostinhos iluminados num sorriso de alegria. Esta parece ser a atitude dos artistas de cinema e muitos dêles já cristalizaram êste ideal.

Sim, porque há casais felizes em Hollywood e que há anos desafiam os golpes de um destino ingrato. Neste grupo encontramos: Maureen O'Sullivan, a bela estréla que últimamente tem andado sem sorte em seus papéis, é casada desde 1937 e tem seis filhos.

Don Ameche é um astro que vive feliz no lar ao lado de sua espôsa e seus seis filhos.



JOHN WAYNE
Um «cow-boy» com quatro filhos...



MARLENE DIETRICH
Uma bela vóvó...

Steve McNally, casado desde 1940, tem cinco rebentos para vestir, alimentar e educar. Bing Crosby, Bob Hope, Teresa Wright, Pat O'Brien, John Wayne, Alan Ladd e Joan Bennett (uma vovó do cinema), todos têm quatro filhos.

Fred Astaire, William Holden, Gregory Peck, Burt Lancaster, Loretta Young e alguns outros têm três filhos cada.

Mas houve um tempo em que os produtores mantinham uma luta em campo aberto contra as mães, atrizes como Louise Treadwell, (na vida particular Sra. Spencer Tracy), Dixie Lee, a caríssima espôsa de Bing Crosby, e outras que discordavam do ponto de vista dos produtores tiveram de retirar-se do cinema e dedicar-se ao lar.

No interim, a bilheteria provava que não faz nenhuma diferença para o público que uma atriz casada, solteira, ou mãe... as atrizes começaram a descobrir isso e passaram a contrair matrimônio e ter filhos sem consultar o estúdio. Não sòmente as atrizes, pois diversos estúdios eram contrários ao casamento de seus jovens atores, como aconteceu ainda recentemente com o artista da Metro, Marshall Thomson.

O argumento favorito dos produtores era que os filhos estragavam a silhueta, mas logo foram desiludidos com as provas contrárias. Bastava dar uma olhada para Ingrid Bergman, Rita Hayworth ou Lana Turner.

PERIGOS DESCONHECIDOS

Mas os artistas são pessoas como tôdas as outras. Podem estar mergulhados em um sono profundo de letargia, mas acordarão para as emoções da mesma maneira como tôdas as outras. Sentem o amor, a raiva, o ódio, a indiferença e tôdas as demais sensações como qualquer outro ser humano.

Êles compreendiam isso e resolveram casar. Não o faziam por interêsse, nem o fazem, pois para isso têm bastante dinheiro, mas, sim, por amor, esta ocupação dos ociosos e a ociosidade dos ocupados. Não é sòmente em livros que o amor pode viver, mas em qualquer latitude. O único lugar onde o amor não poderia existir seria onde nunca se tivesse ouvido esta palavra, mas êste lugar certamente não é Hollywood.

Os artistas compreenderam que durante o curso de suas carreiras seriam confrontados com muitas tentações sexuais. Por êsse motivo, a fim se de livrarem disso, talvez a única da qual não se podiam livrar, sentiram que os laços da família os manteriam estabelecidos, com responsabilidades e aparelhados para resistir às tentações.

Dêste modo os astros tiveram uma escolha a fazer: sexo ou filhos? E parece que se decidiram pelos filhos. Parecerá bobagem dizer, mas os artistas vivem vidas normais. Nada é mais falso do que a teoria de que as atrizes estão por demais engolfadas no desenvolvimento de suas próprias carreiras para ser normalmente maternais.

Todos conhecem a história da meteórica carreira de Olivia de Havilland, uma jovem que chegou a fugir de casa para ser atriz e muito lutou para conseguir chegar até à posição que atualmente desfruta na meca do cinema. A sua dedicação pela carreira que abraçou é verdadeiramente espantosa, no entanto, quando Olivia de Havilland ficou grávida, permaneceu sete meses de cama, evitando quaisqueer riscos de perder o filho, que atualmente conta dois anos de idade.

O mesmo sucedeu com Georgina Skelton, a espôsa de Red e também atriz, antes do nascimento do filho.

Mas, onde há casamentos sem amor, há sempre amor fora do casamento... e nem tudo é idílico em Hollywood. Há casais sem filhos, e Hollywood também tem os seus pecadores, mas êstes estão em minoria.

Relembraremos, por exemplo, o caso de Frances Farmer, uma das mais promissoras atrizes que Hollywood já conheceu, e também uma das mais bonitas, confirmando que as coisas mais belas do mundo são também as mais inúteis, terminou uma série de casos amorosos exagerando o álcool e benzedrina.

Frances Farmer terminou como uma das pacientes de um asilo.

Carole Londis, cometeu o êrro de apaixonar-se perdidamente por um homem. Mas era um amor sem esperanças, pois o seu príncipe encantado era casado.

Carole Landis cometeu o suicídio.

Lupe Velez, a bonita e alegre mexicana que apareceu em Hollywood de um minuto para outro e desapareceu com a mesma rapidez. A querida dos mais notórios conquistadores da meca, cuja lista de números de telefones era a inveja das «farristas» locais, foi vencida, também, pelo amor. Lupe se apaixonou e concebeu um filho fora do casamento.

Lupe Velez tomou cinqüenta e cinco pílulas contra insônia para esquecer...

Madge Meredith, a singela «caipira» de Iowa que chegou a Hollywood cheia de vontade de ser uma estrêla, se envolveu com uns malfeitores que haviam raptado o seu agente.

Hoje, embalde chora, Madge Meredith está prêsa na Prisão de Mulheres de Tehachapi, condenada a uma sentença que poderá estender-se de cinco anos até à prisão perpétua.

Jean Wallace, a bela mulher que estreou em «Quatro Irmãos a Queriam», tentou cometer o suicídio depois do fracasso de seu casamento com Franchot Tone.

Jean Wallace se salvou.

A lista de transgressores é enorme. Alguns não são citados, porque o cronista não sabe se os deve incluir na lista dos homens sérios e respeitáveis da meca do cinema ou dentre os criminosos. E' êste o caso de Robert Mitchum e Robert Walker, dois astros de quem já nos ocupamos em artigos anteriores. Ambos deram um passo em falso, mas logo se reajustaram. O primeiro, depois de sessenta dias na cadeia. O segundo, após alguns meses de tratamento na Clínica Menninger, em Topeka.

Mas, uma coisa é certa. Nos últimos tempos, D. Cegonha tem suado p'ra xuxu, conduzindo bebés para as felizes famílias da meca do cinema. Esta, leitor, é a última novidade de Hollywood, que não é bem novidade para nós...



LANA TURNER
Deseja mais filhos...



JOAN CRAWFORD
Não tem filhos. Mas adotou cinco crianças...



BING & DIXIE LEE
Ela deixou o cinema para ser mãe



ALIDA VALLI
Estado civil mantido em segrêdo

O BAIÃO CHEGOU PARA FICAR

A HISTÓRIA DO ADVOGADO HUMBERTO TEIXEIRA ★ O MELHOR COMPOSITOR DE 1950 ★ LAURO MAIA E LUÍS GONZAGA ★ DOIS MARCOS NA HISTÓRIA DA MÚSICA SERTANEJA

Reportagem de MAX GOLD

AS MAOS DE HUMBERTO
Criadoras do Baião

SE perguntarmos aos leitores se já ouviram falar no advogado Humberto Teixeira, a resposta mais provável é um "não" categórico. Entretanto, se perguntarmos às mesmas pessoas se conhecem Humberto Teixeira, o compositor, então, para nosso espanto, responderão: — "Naturalmente, o homem que dançou o baião no Rio e no Brasil."

Pois esta é a verdade, não se pode separar Humberto Teixeira do baião, nem o baião de Humberto Teixeira. Um completa o outro de uma forma total. E o mais curioso é que Humberto Teixeira já tinha lançado várias músicas de sucesso, antes do baião e mesmo depois. Basta que se diga que a sua primeira música gravada foi a "Sinfonia do Café", criação de Déo, um verdadeiro clássico da música popular brasileira. Outros sucessos de Humberto fora do reinado do baião foram "Deus me perdoe" (gravação de Ciro Monteiro) e "Louca" (gravação de Orlando Silva). Mas, vamos contar a história da vida dêste homem que está contribuindo para levantar a economia do pais, exportando como nosso segundo produto, o baião.

Natural de Iguatu (zona do Cariri), no Estado do Ceará, terminou o curso secundário em Fortaleza, no Liceu do Ceará, e veio para o Rio de Janeiro em 1932. Aqui se bacharelou pela Faculdade Nacional de Direito.

Entretanto, desde cedo, o menino Humberto Teixeira, vinha revelando pendores musicais bem acentuados. Aos 6 anos, ainda em Iguatu, estudava bandolim e teoria musical com a professôra Amélia Cavalcante e aos 11 anos começou a estudar flauta com o seu tio, Maestro Lafaiete Teixeira. Em Fortaleza, continuou seus estudos de música com o Maestro Antônio Moreira, tendo feito nesta época sua primeira composição, uma valsa romântica dedicada a uma jovem eleita Miss de um bairro da capital cearense.

Chegado aqui ao Rio, juntou-se à Lauro Maia, outro bom compositor, infelizmente arrebatado pela morte muito cedo. Com Lauro Maia, foi que Humberto tornou-se o verdadeiro introdutor da música folclórica nordestina nos grandes centros com o famoso "Balanceio", que atualmente está gravado em diversos paises, em mais de 12 gravações. As primeiras composições de Humberto Teixeira no gênero folclórico foram lançadas pelos "4 Ases e 1 Coringa", e alcançaram o sucesso que é conhecido.

Em 1945, porém, Humberto resolveu juntar-se à Luis Gonzaga, que então despontava, e juntos criaram o baião, que constituiu um verdadeiro marco na evolução da música popular brasileira. A história do baião já é conhecida de todos, bem assim a sua influência no setor musical de todo o pais e até além-fronteiras. Num programa da Rádio Nacional em que Fernando Lôbo biografou Humberto Teixeira, abordando o baião, teve oportunidade de dizer: — "Juntando-se Humberto Teixeira, com o seu cérebro privilegiado, com sua inata inclinação de grande melodista e, sobretudo, com sua admirável veia poética, à Luis Gonzaga, indiscutivelmente o maior intérprete de nossos ritmos sertanejos, o baião teria que surgir forçosamente com o ímpeto que surgiu, revolucionando completamente o ambiente musical do pais. Essa glória de Humberto ninguém poderá roubar jamais; são louros que êle conquistou para a posteridade, junto à êsse simpático "Lua", cantador e sanfoneiro cheio de musicalidade"...

Humberto tem várias composições suas difundidas no estrangeiro. Nos Estados Unidos o "Baião" foi gravado por Carmem Miranda e Andrew Sisters em discos Deca e M.G.M. Na França, o "Trem ô lá lá", "Joazeiro" e "Qui nem giló" foram gravados por Jacques Pills, Ives Montand e Luciene Delyle. Na Argentina e Uruguai acabam de ser gravados "Trem ô lá lá" e "Paraiba", já existindo diversas gravações da "Marcha do Balanceio". Como se vê, Humberto Teixeira está exportando o "baião" para todo o mundo. Agora mesmo acaba de ser convidado para excursionar ao Uruguai, fazendo conferências sôbre o baião, êsse novo ritmo que se



4 AZES E UM CORINGA
Lançadores do baião



OS CARIOCAS
O baião chega ao Rio



LUIZ GONZAGA
O rei do baião



tornou uma verdadeira coqueluche musical de todo um povo.

O ano de 1950 foi verdadeiramente um ano de ouro para Humberto Teixeira, pois nesse ano salientou-se de tal forma no terreno musical, que os críticos radiofônicos não tiveram dúvidas em elegê-lo por unanimidade como "O Melhor Compositor de 1950". As suas melhores músicas de 1950 foram "Qui nem giló", "Baião de dois", "Xandusinha", "Baião no Braz", "Paraíba", "Macapá" e inúmeros outros de parceria com Luís Gonzaga. Mesmo sòzinho,

O FABRICANTE DE BAIÕES
400.00 discos vendidos.

independente dessa consagrada parceria, Humberto triunfou com os "Cariocas', Carmélia Alves, Ivon Cury, Stelinha Egg, Francisco Carlos, 4 Ases e 1 Coringa, e muitos outros artistas, que disputaram sôfregamente as suas composições, tais como "Mangaratiba", "17 léguas e meia" (gravadas por Luís Gonzaga), "Catolé", "Tá fartando coisa em mim", "Bate o Bombo", "Vamos dançar o Côco", "Timidez", "Quixabeira" e muitas outras.

Entre tôdas as suas gravações, incluindo as dos anos anteriores e o seu grande sucesso carnavalesco "Ai, ai, brotinho", Humberto Teixeira vendeu aproximadamente 400.000 discos só no Brasil, cifra jamais atingida por qualquer outro compositor nacional.

Podemos pois concluir, da mesma forma que Nestor de Holanda, dizendo: — "Êle tinha razão de dizer no seu "Bate o Bombo": "Tem jeito não, êsse ano é pro Baião..."



MARLENE
«Que nem giló»



IVON CORY
Baião a francesa?



CARMELIA ALVES
A Rainha do Baião



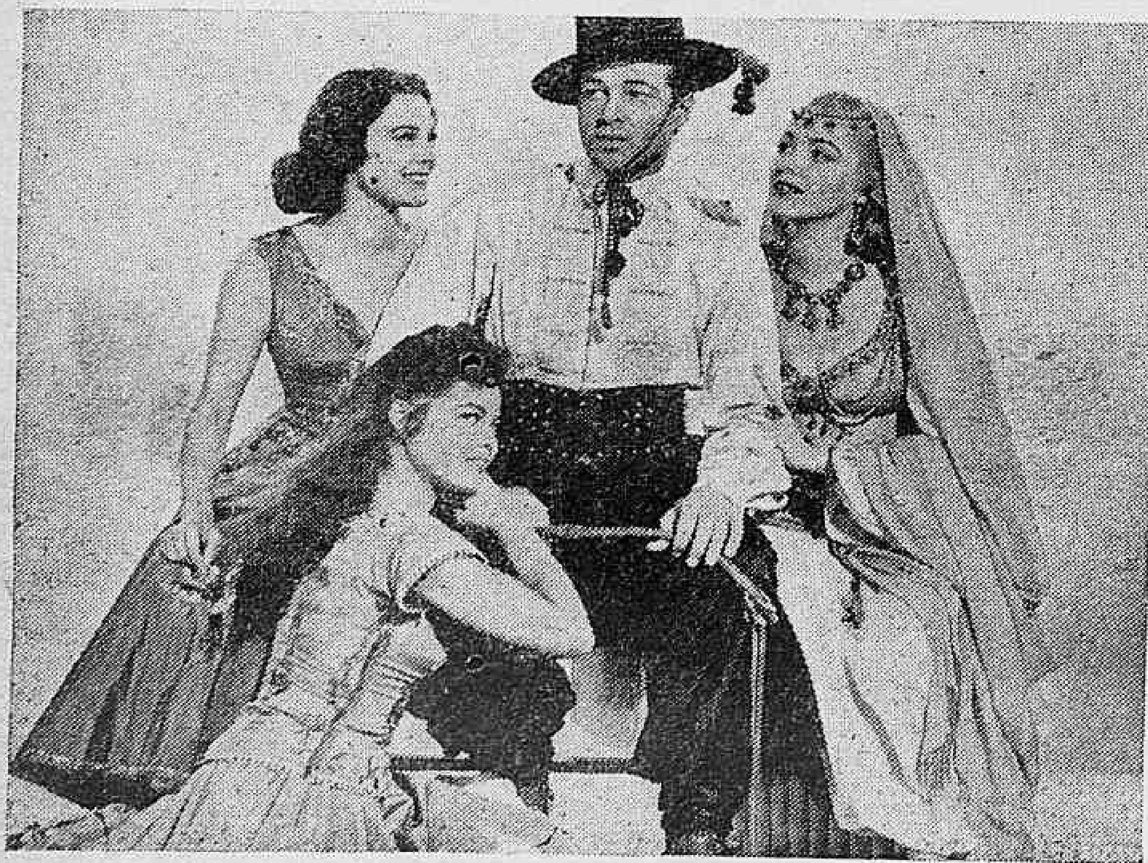
«VALENTINO» — Decorativo artifi cial, como adora o cinema ianque.

EM PUNTA DEL ESTE

II

"VALENTINO", DO CINEMA AMERICANO, UMA DECEPÇÃO ★ ""RANCOR", DE CLARENCE BROWN ★ "PRIMAVERA", PRODUÇÃO ITALIANA ★ "JUSTICE EST FAITE", APRESENTADO EXTRA-CONCURSO ★ UM BATE-PAPO COM PHYLLIS CALVERT

De ALBERTO CONRADO
(Exclusivo para A CENA)



ANTHONY DEXTER — tão parecido com Valentino como com Gardel e Don Ameche em 1937.

PUNTA DEL ESTE — Os Estados Unidos bateram o "record" de piores produções apresentadas neste Festival com o filme "Valentino". Conquistam vários campeonatos de falsificação em tecnicolor e de torpeza artistica. E' certo que o ator Anthony Dexter, sombra de uma sombra, se parece a Valentino, mas igualmente se parece a Gardel e a Don Ameche de 1937. E não existe espanto por isto. Mais espantoso do que êste filme ser planeado e deliberado pelos talentos de Hollywood, é a quantidade de falsidades que se cometem ao redor da vida de Valentino, de sua carreira pseudo-artistica, do cinema mudo que o empurrou para a glória. Todo o texto do filme é uma larga e renovada briga entre o astro e uma atriz inexistente, chamada Joan Carlisle (Eleanor Parker), que se juntam e separam de acôrdo com a mais cômoda rotina dêstes romances. Cada vez que se inclui uma filmagem, a cena é artificialmente do cinema sonoro, com diálogos imprescindiveis, enfoques de diversos planos, côres importantes e todo o aparato de recursos que, antes de 1926, não se conhecia e não se podia usar diàriamente. Nesta revisão de velhas épocas do cinema não existe a menor perspectiva histórica, nem maior fidelidade que a de mostrar telefones de modelos antgos. Nem o material cinematográfico da época, nem, muito menos, um sentido de evocação levemente satirico que podia ter sido o melhor estimulo do filme, foi utilizado. Tudo está pensado e feito com o mesmo sentido superficial e pretensioso que oportunamente consagrou ao próprio Valentino e com a mesma grosseria de concepção dramática que a emprêsa Columbia pôs para evocar Chopin, em 1944, e Al Jolson, em 1948. Valentino é uma história em côres do cinema americano sôbre a vida do herói romântico Rodolpho Valentino, que foi famoso durante o princípio do século e morreu prematuramente no ano de 1926. Esta história está realmente focalizada num estilo decorativo e superficial, muito do gôsto da produção hollywoodense de revistas.

Os primeiros passos que nos mostram a Valentino "gigolô", vivendo de suas artimanhas, suas aventuras românticas e seus primeiros êxitos, não oferecem a menor variante quanto aos conceitos cinematográficos e valorização do tema. O filme falseia decididamente e sem originalidade, não conseguindo nunca tomar contacto com o caráter da época. Como recurso para conquistar essa atmosfera, exageram os bailes de Valentino e se evocam suas principais atuações como "O Sheik", "Monsieur Bucaire", etc., mas o resultado segue sendo artificioso e falho de vida. O protagonista é bastante parecido com o defunto romântico, apesar de que nos primeiros planos se lhe notem algumas protuberâncias não muito dignas do apolíneo rosto de seu antecessor. Em síntese, Valentino não é um filme apresentável num certame desta natureza, a menos que se fizesse um torneio especial para os piores filmes.

A cópia exibida não possuía subtítulos, mas o diálogo, segundo nos disseram (confessamos saber pouco inglês), era uma larga besteira e ninguém se prejudicaria por não entendê-lo.

★

"Rancor" (Intruder in the Dust). Direção de Clarence Brown. Argumento cinematográfico de Ben Maddow, baseado na novela de William Faulkner. Fotografia de Robert Surtaes. Montagem de Robert J. Kerns. Arranjo musical de Adolh Deusth e com os seguintes intérpretes: David Brian, Claude Jarman Jr., Juano Hernandez, Porter Hall, Elizabeth Patterson, Charles Kemper, etc. A intolerância racial, uma das formas que adota a nefasta incompreensão humana, recebe em "Rancor" um tratamento de sobriedade dramática e de valente intenção polêmica. E' incontestàvelmente difícil para o espectador sul-americano, a quem não alcançam as diferenças raciais, recolher, em tôda sua plenitude, as complexidades tradicionais, sociais, políticas e psicológicas que formam êste trágico sedimento em algumas regiões dos Estados Unidos. Menos escabroso é, entretanto, reconhecer que seja no racial, no religioso ou no político-social, que todo indivíduo pode adotar e defender, sem prejuizos, uma livre posição. Por que o que aqui presenciamos, aplicado a uma raça, se estenderá com tôda certeza a outros núcleos da sociedade, nos quais o grupo majoritário impõe diversas características as suas e, portanto, dignas de depreciar, pois êste é o fácil expediente que muitos encontram para rechaçar o que não chegam a compreender em tôda sua dramática projeção.

"Rancor" é um filme a mais na série de películas; "A Luz é para Todos", "Clamor Humano" e "Pinky", com as quais Hollywood — fazendo-se cargo de certas responsabilidades primárias — se tem lançado a combater a questão racial em tôdas as suas formas. Se "A Luz é para Todos" espôs o tema com inteligência e com responsabilidade do problema anti-semita o mesmo não sucedeu com os filmes que, posteriormente, encararam a questão do antinegro. "Clamor Humano" derivava para a "embromação" pseudo-psiquiatra. Pinky se ressentia de fáceis concessões ao "happy-ending" e ambas encaravam um caso muito especial e marginal: a dos negros de tez branca, indecisos entre a sociedade dos brancos e a dos negros. "Rancor" não é mais feliz que suas antecessoras. O filme nos narra como o negro Lucas Beauchamps é injustamente acusado de morte da um branco. Parece-nos incompreensível que um homem da inata dignidade do negro Lucas, esteja em perigo de morte em mãos de uma turba desorientada, com sêde de vingança pela morte do companheiro branco, e ainda mais que estas pessoas respeitosas ante a lei e dedicadas à sua preservação, reconheçam uma culpa que não foi provada. Inacreditável, portanto, que não se tenha praticado uma autópsia, que não se tenham procurado indícios, que não se aceite sequer, a título de informação, uma declaração do acusado que, apesar de declarar-se inocente, não luta por carecer de provas. "Rancor", filmado quase totalmente em Oxford, Mississipi (onde vive o autor da história William Faulkner), usando cenários naturais e dando participação aos próprios cidadãos de Oxford, consegue uma realista apresentação do ambiente. Mas o realismo não vai além do cidadão meramente externo do marco da ação. O filme limita-se a conservar — não podia intentar outra coisa — o que exige de pura narração na novela de Faulkner. E está reduzida aos nítidos términos da narração cinematográfica. Mostra penosamente seus excessos e fraquezas: visitas à meia-noite a um sinistro cemitério, roubo de cadáveres, que logo aparecem enterrados em areias movediças, e outras incidências que oscilam entre o sensacional e o truculento. Tudo isso marcado pela presença de uma senhorita octogenária que, sem nenhum motivo, além de seu bom coração, comete as mais inverossímeis emprêsas com uma resolução por completo surpreendente. O problema fundamental aparece também desvirtuado por uma exposição simplista e inconvincente. O povo, que ronda ao redor da cadeia para proceder o linchamento de Lucas, nos é apresentado como uma massa aborrecida e passiva, que não necessita mais dos gritos do "sheriff" local para dispersar-se; quando em algum momento — dirigida por alguém que tem mais motivos, além do assassinato, parece eminente seu recurso de violência, basta que a boa Miss Habersham lhes dirija algumas palavras de reprovação para que todos se retirem para suas casas com as cabeças baixas e em silêncio. Para combater um problema que nos é apresentado com tanto desânimo não podiam recomendar-se mais que desanimadas resoluções. A reabilitação de Lucas se opera por obra de três personagens que parecem simbolizar a *Inocência*, a *Abnegação Feminina* e a *Inteligência*. Mediante a recomendação da simples prática individual da virtude, nada se faz para solucionar um problema tão complexo e difícil como o problema racial.

"Rancor" não sobrepassa êste plano de soluções platônicas e, neste sentido, ilude por completo os termos reais do problema. Que se ponha a enorme responsabilidade de difusão e propaganda que é o próprio cinema, ao serviço de temas de grande transcendência moral e social. Num princípio, é um feito digno do mais cálido elogio; mas não sòmente se expõem os problemas para desvirtuá-lo, ocultando sua dificuldade e urgência. Hollywood não tem feito mais nada até agora do que manifestar sua intenção, louvável em si mesma, de encarar o problema do antinegro. Mas estamos esperando ainda o filme que dará à questão o tratamento sério e responsável que êste reclama. Dentro da mediocridade desta obra de Clarence Brown se destaca, com magnífica naturalidade e firmeza, com autêntica dignidade, a figura do ator negro Juano Hernandéz, que deve procurar na sua própria experiência e na dor ancestral de sua raça, o gesto, o olhar certeiro, para expressar-nos sua angústia e constante luta pelo reconhecimento de seus valores humanos. Por tudo isso, Hernandéz mereceu o prêmio de melhor secundário no Festival Internacional de Punta del Este.

★

"E' Primavera". Êste filme italiano, precedido de pouca propaganda, foi esperado com alguma indiferença pelo público que não o contava entre seus favoritos. Entretanto, "E' Primavera" nos deu uma gratíssima surprêsa e, apenas começou o filme, a inquietude se apoderou de nós. Por ser interpretada por atores não profissionais, já manifesta seus honestos propósitos de confundir-se com alguma coisa bastante popular e demonstra caracteres absolutamente intransferíveis. E' uma história alegre e desenfadada da vida de um rapazinho do povo até o seu casamento com duas mulheres. Com tal motivo, o filme nos leva por várias cidades da Itália, exibindo tôda classe de fauna humana no seu modo de viver mais espontâneo, mas sempre cobertos com essa "pincelada" de humor, que é a máxima virtude do cinema italiano. O espírito do povo em sua mais intima captação está luminosamente manifestado. Os personagens raras vêzes no cinema têm vivido tanto e suas vicissitudes e patetismos poucas oportunidades tem aparecido mais cercanos à essência vital. A obra, magistralmente divorciada do drama, nos exibe uma nova forma da vida, ternamente ridícula e desatinadamente humana. O filme transcorre sem deter-se um só instante para recapacitar, mantendo-se no incessante vaivém da vida. O jôgo de conjuntos é de uma sincronização e de um excelente ritmo cinematográfico, registrando-se uma admirável seleção de valores humanos.

No sublime ridículo dêstes personagens de Renato Castellani estão condensados os mais hábeis conceitos da farsa e na sua permanente pantomima frente aos compromissos da vida, êste filme é, sem dúvida, a mais árdua realização de um diretor desde "Um chapéu de palha de Itália", de René Clair. Muitas cenas de "E' Primavera" levam à nossa recordação até aquela obra-mestra. Mais René Clair guiava uma selecionada burguesia e Renato Catellani conduz um confuso ambiente popular, com novas fronteiras naturais e um mais amplo e impreciso mundo experimental. A tal ponto o conjunto desta obra não sofre de um só deslize, que poucas vêzes o cinema pode prescindir totalmente do significado de cada personagem em particular, como aqui acontece.



«JUSTICE EST FAITE» — A justiça é complexa e relativa.



O julgamento é o resultado de seus conflitos pessoais.

Chega a ser muito mais importante vê-los viver e representar, avaliá-los no maciço mosaico em que têm sido engrenados, que tratar de os descobrir individualmente. Cada um dêles interessa menos que êsse ondulante conglomerado patente, vivido e absurdo na mesma existência. O cinema italiano, às vêzes especialista como poucos em conquistar a ideal substância do cinema, no total anonimato dos protagonistas e em esquivar as manifestações de um assunto no conflito de um ou dois personagens centrais, consegue outra vez essa inteligente dispersão no conjunto cênico, que é o que nos introduz plenamente respirando com todo o pulmão no avassalante e contraditório ritmo que é o pulso da vida na sua mais autêntica realidade. Quando um realizador consegue tudo isso, e além do mais é capaz de injetar uma dose de estilizado humorismo e de benévola crítica, deve ser considerado, sem dúvida, um artista ao qual pràticamente poucos segredos hão de ficar para revelar no amplo campo experimental da cinematografia.

"E' Primavera" resume com bastante aproximação as preferências, o alcance e as limitações de Renato Castellani (Sob o Sol de Roma) e, dessa forma, se toma a generalização com flexivel espirito que são igualmente as preferências, o alcance e as limitações do cinema italiano. Aqui existe uma pintura e ambiente feita com o humor, o realismo e a preocupação pelo detalhe que, reunidos, conseguiram impor a produção italiana em todos os mercados. O pretexto é dado pelas veleidades amorosas de um adolescente que seduz com alegria a duas garôtas de Florença e uma de Milão, aspirando assim, sem sordidez, casar-se com elas já que "io sono felice, loro sono felice tutti siamo felice". O impeto juvenil do personagem é inteligentemente o impeto de todo o filme, cuja câmara salta pelas ruas, povoadas e pitorescas, com entusiasta vitalidade. Esta pintura de ambiente e uma história levemente desenhada sôbre ela, poderiam ter sido as melhores condições de vida para esta classe de filmes. E muitos fragmentos da obra de René Clair assim o demonstram. Entretanto, Castellani — em algumas ocasiões — dá ao argumento um toque de melodrama que rebaixa o nivel de qualidade do notável principio do filme. Mas, felizmente, não prejudica a estrutura geral da obra. Em "E' Primavera", algumas de suas cenas mestras, como o casamento ou o juicio da Corte sôbre o acusado de bigamia, dão mostras de momentos cinematográficos surpreendentes e, sem lugar a dúvidas, ainda não conhecidos neste Festival.. Possivelmente, a êste filme se lhe objetara a falta do desenvolvimento de um problema de entidade, mas na arte nada tem mais entidade do que a integra expressão e incontaminada do que pretende expor, e nesse aspecto "E' Primavera" falou com a máxima eloqüência.

★

O filme que comentaremos agora foi apresentado extra-concurso por ter merecido o prêmio de Veneza. "Justice est faite" (E se fêz justiça), começa explicando o regime de jurados que se realiza na França. E os juizos criminais, através de seu procedimento de duplo sorteio e parcial recusa que integra um júri de sete pessoas, que determinaram de boa-fé num caso particular. Depois se dedica integralmente a êste julgamento e, sôbre o mesmo, ao espectador expõe os mesmos elementos que obram com o conhecimento do jurado sem nada tirar ou acrescentar. Êste estrito enfoque obriga ao filme a dar sua informação em forma verbal e na sala do tribunal, sem incorrer no "retrospecto" dos feitos julgados que no gênero é costume se fazer; a evidente intenção é tornar o público num jurado adicional. A êste interêsse, se acrescenta outro mais sutil, que é o de sugerir que todo veredicto que se pronuncie está contaminado não só pelo conhecimento objetivo do caso julgado mas também pelas convicções, os problemas, os sentimentos e as circunstâncias particulares dêsse espectador. Atesis diz que a justiça é complexa e relativa. Que, sendo humana é falivel e que diversas pessoas podem interpretar de inúmeras formas um mesmo grupo de casos. Para provar esta tese, o filme acode para um segundo enfoque, fora do tribunal, pontualizando os problemas que cada um dêsses sete jurados deve atender particularmente, sugerindo que sua posição intelectual ou emocional será um fator determinante em cada caso para o voto que darão mais tarde. Êste é, fora de dúvida, um material dramático, porém, incessante e fecundo que jamais nos ofereceu um filme similar.

Comparado com outros exemplos de juizo criminal, êste filme tem a vantagem da pluralidade de intérpretes, que possui sem fazer pressão de simpatia ou antipatia; comparado, por sua vez, com outros exemplos de argumentos múltiplos, tem a vantagem de centralizar seu sentido e de procurar uma unidade essencial. E', definitivamente, um filme excepcional. Não possui, por outro lado, uma visão realista e acertada dos juizos criminais, nem dos incidentes humanos que operam antes, durante e depois dos mesmos. Empenhado em dar motivo a uma variedade de interpretações sôbre inocência e culpabilidade, informa que a acusada matou a seu amante, detalhando primeiramente que o morto padecia de uma enfermidade incurável, que sofria horrivelmente e que havia autorizado expressamente à acusada que lhe desse morte quando as dores fôssem insuportáveis; se tinha comprometido a fazê-lo e que, portanto, não é admissivel chamar de crime a essa morte por piedade, senão que corresponde a absolvição. Depois pontualiza que a acusada receberá do morto uma grande herança. Que tinha outro amante. Que apressou a morte do primeiro quando desconfiou que perigava a existência do segundo e que, portanto, existiu um interêsse e se deveria considerá-la culpável. Êste jôgo de espada de dois gumes tem a evidente intenção de tornar o juizo mais complicado, mas a acumulação de fatôres a favor e contra a acusada se faz completamente incrivel e, definitivamente, não prova nada. O ar documental com que começa o filme é atraiçoado quando, depois do conflito exposto, fica muito longe de ser típico e nem sequer está cercado do provável. Um semelhante artificio é submetido à narração dos problemas que pertencem aos jurados: um colocou o amante em posição desesperada e suicida; outro deve preocupar-se com a sua própria casa, na possibilidade de mandar matar seu filho anormal. Todos, finalmente, devem levar ao julgamento o resultado de seus conflitos pessoais. Esta idéia está correta, mas parece bastante claro que êsse resultado deve ser o de trinta ou quarenta anos de experiência, educação, ambiente, interêsses e costumes. O artificio dramático do filme é pretender que a posição intelectual e emocional dos jurados pode expressar-se fàcilmente no julgamento com seus problemas simultâneos. Esta exageração na criação dramática leva o filme a incorrer no mesmo defeito que sua tese pretende censurar: a de interpretar com abuso ao mundo para provar uma idéia preconcebida. Também na sua versão sôbre os jurados, o filme deixa de ser típico, deixa de ser provável e, finalmente, também fica sem demonstrar coisa alguma, exceto a complexidade do mundo e a necessidade de ser prudente e objetivo. O argumento de André Cayatte e Charles Spaak, assim como a direção do primeiro, tem mais inteligência do que inspiração e que, por outro lado, já se podia suspeitar com o antecedente de "Os Amantes de Verona". Uma preocupação de pensar em tudo levou Cayatte a enriquecer seu assunto com os detalhes. Por exemplo, assinala que a acusada não gosta dos cachorros para poder indispô-la com um dos jurados que os adora (mas que por isso não se deixa coagir). Outro exemplo maior é quando Cayatte se toma o trabalho de construir em cada um dos jurados uma personalidade católica, reacionária e patriota, para poder contrastar, ao feito muito casual, com a acusada, que é estrangeira e atéia. Esta observação de fatôres minuciosos se traduz no apontamento agradável e humoristico do filme, mas desconhece, entretanto, a sutileza para sublinhar valores dramáticos, a fôrça para exagerar as paixões do jurado (todos vivem preocupados e alguns gritam) e de reduzir as paixões da acusada (é arisca, enigmática, fria). O quadro parece artificial e criado. Seria preferivel um apontamento de problemas mais reais. Se, apesar da tese do filme, ainda se pode julgar neste mundo, cabe dizer que se trata de uma alegoria e não de uma acabada obra dramática e que sòmente naquele primeiro caso é um espetáculo necessário para o público de hoje. E' excelente a atuação do elenco, a começar pelos jurados Valntine Tessier e Noel Roqueveri e pela acusada Claude Nollier.



«E' PRIMAVERA» — Raramente os personagens têm vidido tanto suas vicissitudes e patetismos.



Condensação da farsa na sua permanente pantomina frente aos compromissos da vida.



PHYLLIS CALVERT
«A Madona das sete luas»

PHYLLIS CALVERT

A MADONA DAS SETE LUAS

COMEÇOU SUA CARREIRA NUM CONJUNTO DE BAILARINAS ★ ATUOU DURANTE A ÚLTIMA GUERRA COMO ENFERMEIRA VOLUNTÁRIA ★ "O PRIVILÉGIO DE MULHER", SEU PRIMEIRO FILME ★ NOS ESTADOS UNIDOS O ARTISTA QUE NÃO PERTENCE SÓ E EXCLUSIVAMENTE À INDÚSTRIA AMERICANA NÃO É APIOADO" — DECLARA Mrs. CALVERT

PUNTA DEL ESTE, março — Com pontualidade indubitàvelmente britânica, Phyllis Calvert (Phyllis Bickle) na vida civil, nos esperava no Hotel São Rafael, onde se acha hospedada a delegação inglêsa. — "Aqui estarei amanhã, às onze e meia" — nos havia dito no dia anterior. E quando chegamos à hora exata, a famosa atriz já estava sentada num recolhido lugar do grande salão, escondida entre altos sofás, fugindo, sem dúvida, ao insuportável exército de indiscretos e curiosos.

— "Minha história artistica é já conhecida — nos disse. — Nada mais significa do que uma sucessão de feitos encadeados e unidos pelo afã de meu desejo de triunfar e meu fervor pelo teatro e pelo cinema."

— Começou como artista teatral?

— "Foi meu comêço. Primeiramente num conjunto de bailarinas e depois com uma companhia que atuava em Coventry e em York. Por aquela época não se me havia ocorrido que possuia disposições para atuar ante as câmaras. Não pensou dessa forma Herbert Joy, um manager temerário, que me viu atuar numa cena e levou-me para o "set", depositando em mim tôda sua esperança, que era tanta como seu otimismo. Dessa forma, filmei "O privilégio de uma mulher", minha primeira produção, que se manteve duas semanas nos cartazes de Londres, para desapacer sem pena nem glória e faleceu quase imediatamente e então senti-me de novo isolada, mas já com alguma experiência."

Os leitores conhecem bem o quanto é bonita esta excelente intérprete britânica. E' possuidora de um temperamento acessivel, tem um encanto singular e, ao falar, o faz com uma voz doce e gestos cativantes.

HORAS DE PROVAS

— Os começos são sempre duros, Mrs. Calvert.

— "Certamente que os meus não foram uma exceção à regra. As ilusões que eu havia formado de triunfar e adquirir um nome, se evaporaram logo. Tôdas as companhias a que recorri me ofereceram provas e andei dez semanas de estúdio em estúdio, onde me observavam a testa, o nariz, o queixo ou o pescoço. Por todos os lados me encontravam defeitos e o julgamento definitivo foi tremendo: eu não era fotogênica. Para que ia insistir se os técnicos me rechaçavam? "As uvas estão verdes" — pensei. — E voltei tranqüilamente para o teatro onde interpretei a obra "Punch without Judy", conjuntamente com Peter Murray Hill, hoje meu espôso. A guerra transtornou todos os meus planos — continua Phyllis. — O cinema aumentou o nivel de sua produção e novamente concedeu-me a oportunidade de experimentar a sorte nos estúdios. Carol Reed abriu-me o caminho ao confiar-me o principal papel do filme "Êles chegaram de noite", trabalho que significou para mim a assinatura do contrato para o filme "Kipp", com Michael Redgrave e me chamaram logo para fazer "O jovem Mr. Pitt".

Phyllis interrompe-se um momento e, como regressando de uma agradável recordação, nos confessa:

— "A protagonista de "O jovem Mr. Pitt" tinha que ser uma artista jovem e bonita. Parece que à primeira vista eu não preenchia a segunda das exigências e fui submetida a novas provas. No total, resultaram trinta e seis até que os juizes decidiram que "Miss Calvert era muito bonita".

— Mas êsses juizes eram cegos — exclamamos com assombro justificado. — Necessitavam 36 provas para ver o que pode apreciar-se com um trocar de olhares?

— "Oh, não. Não eram cegos. Até pelo contrário. Vocês, os brasileiros, é que têm fama de amáveis e generosos."

"NÃO DEIXARAM PEDRA SÔBRE PEDRA"

— "Já estava começada a carreira — continua Mrs. Calvert — e, então, a confiança no meu trabalho artistico voltou a reanimar-se e a conceder-me energias renovadas. No dia 14 de julho de 1941, alternando minhas tarefas nos "sets" com os de enfermeira voluntária, me casei em Chelsea com Peter. Tinhamos tudo disposto para que o matrimônio se realizase na bonita igreja de minha cidade natal, coisa que afinal não pôde ser feita porque, numa noite de "blitz", não ficou do velho edificio nem sequer as pedras, tão destruido que foi pelas bombas. Seguiram-se nove anos de trabalho incessante. Tinha começado com papéis de comédias, mas se me exigiu interpretações dramáticas e assim continuei alternando a filmagem na Inglaterra, na Itália e em Hollywood."

— Não pensou nunca em radicar-se nos Estados Unidos?

— "Não posso fazê-lo e isso me prejudica, porque aos artistas que não pertencem só e exclusivamente à indústria americana, não se lhes dá todo o apoio que fôsse de desejar.

SEUS VELHOS AMÔRES

Phyllis, já em primeiro plano na cinematografia mundial, não esquece o teatro.

— "Não posso esquecê-lo — disse-nos. — Os cenários inglêses foram testemunhas de minhas inquietudes em busca da madurez artistica e então incorreria no pecado de ingratidão se agora lhe desse as costas. Não faz muito nos apresentamos, eu e meu es-

(Cont. na pág. 30)

A FOTO PROIBIDA
Êste cronista, num momento de distração do espôso de Mrs. Calvert roubou êste flagrante enquanto a estrêla pousava para o álbum de família. Ainda conserva a dedicatória.



XV

JONALD

SEU verdadeiro nome é Oswaldo Marques de Oliveira. Nas crônicas cinematográficas assina os pseudônimos de Jônald (como é mais conhecido) e Long-Shot. Nas crônicas de teatro e "ballet" assina o próprio nome. Nasceu a 15 de março de 1918 na cidade de Campos, Estado do Rio. Desde os primeiros tempos, aos cinco anos de idade (que fenômeno!) escrevia do próprio punho um jornal que circulava entre os parentes e a vizinhança.

Demonstrou muito cedo entusiasmo pelo cinema: desde os seis anos de idade obteve permissão do pai para freqüentar os cinemas da cidade natal, à noite.

Foi aluno do Externato Freitas Guimarães, de Campos, e do Colégio Anglo-Brasileiro, na Av. Niemeyer, aqui na Capital do país. Desde aquela época, utilizando os mais variados pseudônimos, escrevia para as seções de fãs de algumas revistas de cinema. Freqüentou também o Colégio Aldridge, onde terminou os preparatórios.

Diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi campeão de xadrez (jôgo, bem dito) na Faculdade de Medicina, e logrou posição destacada no enxadrismo carioca, nas primeiras turmas do Clube de Xadrez do Rio de Janeiro e Fluminense F. C.

E' médico oficial do govêrno do Estado do Rio de Janeiro, sendo atualmente efetivo letra "O". Clinicou em algumas cidades do Estado do Rio e, como chefe do Serviço de Epidemiologia, teve ocasião de dirigir várias campanhas contra surtos de febre tifóide. Cooperou com o Govêrno Federal quando do célebre surto de peste bubônica na Fazenda Alpina, em Teresópolis. Foi também campeão de xadrez do Estado do Rio, título que lhe deu ensejo de disputar, com ótimas colocações, os campeonatos brasileiros de 1942 e 1943. Abandonou a "ciência de Caissa" em 1943, ao disputar em Belo Horizonte o torneio dos campeões, onde ficou invicto.

Escreveu na "Tribuna de Petrópolis" as seções: "Medicina para os leitores", "Crônica da cidade" e "Cinema em foco". Em 1944 colaborou com Pery Ribas em A CENA MUDA, efetuando, durante alguns meses, a critica de alguns filmes. Aceitou um convite e passou a assinar a critica da revista "Vitrina", da Emprêsa A Noite, usando, pela primeira vez, o pseudônimo de Jônald. Conquanto fôsse excelente a sua situação na cidade das hortênsias, Petrópolis, com a clínica e outras funções médicas, passou a residir no Rio e a assinar as criticas do vespertino "A Noite" e, mais tarde, do matutino "A Manhã", neste com o pseudônimo de Long-Shot.

A convite do produtor Afonso Campiglia, seu particular amigo até à presente data, dirigiu "Estrêla da Manhã", história de Jorge Amado, completamente deturpada. O roteiro foi cumbuca para o dedo de muita gente: o próprio Jônald, que não gostara muito da trama, no inicio, conseguiu algumas modificações. O filme, quando estreado, logrou as mais desencontradas opiniões. Alguns comentaristas de S. Paulo fizeram altos elogios. No Rio as opiniões ficaram divididas: diversos apreciaram muito, mas uma larga maioria julgou de maneira contrária.

Um ano após "Estrêla da Manhã" dirigiu, em três meses, um novo filme: "Dentro da Vida", produzido e filmado em Niterói, e ainda inédito. E já está contratado para o terceiro filme, "Luzes nas sombras", cujo tema gira em tôrno do "ballet", outro grande atrativo artistico do Jônald.

Embora diretor de cinema profissionalizado, não abandonou a clínica, atendendo diàriamente aos doentes em Niterói. O consultório particular pretende reabrir breve.

Escreve também sôbre cinema, teatro e "ballet" na revista "Fon-Fon", e semanalmente no Rio reportagens para a revista "Carioca".

Tem a mania dos "furos": em reportagens, em crônicas, até em criticas de filmes... Gosta de pisar o pé dos artistas, que o diga Joan Fontaine...

Está escrevendo um romance e confessa que é a sua maior esperança, acima das artes e do jornalismo.

Escreveu a novela "Muiraquitã" — inspirado na célebre lenda amazônica — e o roteiro de



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA — Charge de JAIMESON

cinema "Estrada sôbre o mar" — a luta do real com o irreal, que pretende publicar conjuntamente. A primeira foi adquirida por bom preço pela Filmoteca Cultural Ltda., para ser filmada.

Já foi cultor da literatura mas "presentemente, por falta de tempo, conforme suas próprias palavras, dedica-se com grande entusiasmo a ler obras de *psicologia experimental*, campo da doutrina de Allan Kardec e obras sôbre medicina, cinema, "ballet" e teatro."

Dá muito valor em cinema ao conteúdo porque acha que uma das missões do cinema é o ensinamento a fim de melhorar a incompreensão que perdura no mundo.

Respeita tôdas as religiões e julga que, desde que se procure o aperfeiçoamento interior, tôdas conduzem ao mesmo fim. Todavia, a sua grande e exclusiva crença está com Allan Kardec, cujos livros julga que, pelo menos para conhecimento de causa, todos deveriam ler. Acha um absurdo a discussão do assunto por individuos que jamais leram o tema (?"'%§$£+"). Apenas com as mais intimas pessoas conversa sôbre o assunto: acha que há muitas e absurdas desvirtuações da doutrina de Kardec e, por encarar o tema com elevação, julga que o vocábulo "*espiritismo*" deverá ficar para o campo incompreendido (?) ou modificado da psicologia experimental de Kardec. Depois disso tudo a gente conclui: o Jônald é espirita.

Em outra época, leu e admira: Shakespeare, Anatole France, Bernard Shaw, Aldous Huxley, Dostoievsqui, André Gide, Edgar Pöe, Verlaine, Baudelaire, Dickens, Sinclair Lewis, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Mário de Andrade, Castro Alves, Carlos Renegado Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, Olegário Mariano, Augusto Gordinho Frederico Sinistro Schmidt. No teatro opta por Eurípedes, Shakespeare, Molière, O'Neill, Tennessee Williams, Pirandello, Thornton Wilder, Robert Sherwood. No "ballet" seu autor predileto é Arnold L. Haskell, seguido de Cyril W. Beaumont, Noverre e Rameau. No espiritismo recomenda incondicionalmente além das obras de Kardec, o papa da doutrina, Ernesto Bozzano, e Pietro Ubaldi (julga "A Grande Sintese" uma das maiores obras de todos os tempos). Jônald faz questão de frisar que não pratica nem faz parte de qualquer entidade sôbre a doutrina de Kardec, sendo o seu culto todo interior.

Gosta imensamente de música mas, de maneira geral, não aprecia ópera. Vai aos recitais dos concertistas que nos visitam anualmente, bem como aos concertos sinfônicos. Acompanha tudo que se refere a "ballet".

Tem mania de ver filmes em pré-estréias em cabines especiais.

Compositores preferidos: Beethoven, Txaicovsqui, Chopin, Debussy.

Admira muito pintura e lamenta não ter tempo para estudar essa outra modalidade de arte. Tem mais entusiasmo pelos clássicos mas, em conjunto, gosta das obras de Renoir, Van Gogh, Salvador Dali, Rembrandt.

Filmoteca preferida: "O lirio partido", "A morte de Siegfried", "A nous la liberté", "Em busca do ouro", "O grande desfile", "Encouraçado Potenquim", "Mãe", "As campainhas" (o primeiro filme a que assistiu, e que gostaria de rever, sobretudo pela impressionante seqüência do remorso). A partir de 1929 classifica: "O martirio de Joana d'Arc", "A marcha nupcial"; 1930 — "Alta traição" e "Tempestade sôbre a Asia"; 1931 — "Luzes da Cidade" e "Sem novidade no front" (que, a propósito está aqui no Rio, e ainda não foi relançado por culpa ou da Universal, ou do truste Severiano Ribeiro, ou da Censura brasileira, 1932 — "Não matarás" e "No turbilhão da Metrópole"; 1933 — "Adeus às armas" e "Felicidade proibida"; 1934 — "Mascarada" e "Vale a pena viver?"; 1935 — "O delator" e "Os cem dias"; 1936 — "A história de Louis Pasteur" e "Fúria"; 1937 — "Terra dos Deuses" e "Quermesse Heróica"; 1938 — "Um carnet de baile" e "Emile Zola"; 1939 — "Cais das sombras" e "Vitória amarga" 1940 — "Cavaleiros de Ferro" e "Trágico Amanhecer"; 1941 — "Cidadão Kane" e "A longa viagem de volta"; 1942 — "Soberba" e "Rosa de Esperança"; 1943 — "ídolo, amante e herói" e "Em cada coração um pecado"; 1944 — "Uma voz na tormenta" e "A canção de Bernadette"; 1945 — "Apenas um coração solitário" e "Laços humanos"; 1946 — Também somos sêres humanos" e "Farrapo humano"; 1947 — "Na solidão da noite", "Flor de pedra" e "Desencanto"; 1948 — "Monsieur Verdoux" e "Sinfonia Pastoral"; 1949 — "O Boulevard do Crime", "Hamlet" e "Adúltera"; 1950 — "Ladrões de Bicicletas" e "Em qualquer parte da Europa"; 1951 — "O preço de uma vida" e "Conflitos de Amor".

Atores preferidos: Leslie Howard, Harry Baur, Raimu, John Gilbert, Thomas Meigham, Laurence Olivier, Edward G. Robinson, Gérard Philippe, Pierre Fresnay, Walter Huston, Aldo Fa-

(*Cont. na pág.* 24)



ILKA SOARES

Uma das jovens e promissoras futuras estrêlas do cinema brasileiro, desmentiu para A CENA os boatos de que iria abandonar o cinema. A "estrêla" de "Iracema", "Katucha" e "Echarpe de Sêda", pretende fazer ainda êste ano mais três filmes, adiantando que assinou contrato com uma companhia de São Paulo. Brevemente Ilka aparecerá em "Maior que o Ódio", da Atlântida. (Foto Àvila).

Estrada 301

O ar da noite parecia penetrar na pele, cortando-a. As emissoras da polícia e cadeias de estações através do país davam as notícias. Outro grande assalto de um banco! Desta vez em Winston-Salem e em plena luz do dia! Os bandidos haviam evitado uma rede de policiais. A única pista era parte da licença de seu carro — Lincoln — MD-861 e qualquer coisa. A Quadrilha Três Estados estava novamente à solta.

No elegante Clube Royale, no entanto, pertencente a Herbie Brooks, ninguém se estava preocupando. Que os policiais arrancassem os cabelos da cabeça! Aqui era um lugar de diversões e todos aquêles vermes humanos, procuravam acumular tôdas as alegrias do mundo e o que êle tem de bom em apenas algumas horas. Até mesmo os seis elementos que se sentavam à mesa posta ao lado da pista; uma mesa especialmente reservada para os amigos de Herbie.

George Legenza era um amigo de Herbie. Êle enveredara pela senda do crime ao contar dez anos de idade. Os seus olhos eram firmes e duros Além dos olhos poderia ser chamado de simpático.

Mas George não se estava divertindo. Madeline, a sua garota, estava amuada ao seu lado. Últimamente ela fôra atacada pelo virus do mêdo e vivia assombrada de sua sombra. Tinha até ciumes da nova garota franco-canadense que Bill Phillips trouxera do Canadá. Se ao menos ela pudesse ser como Lee Fontaine... jovem e inocente e contudo altamente sensual, sem nem ao menos sonhar com o que se passava pela cabeça de seu amante e seus novos amigos! Ou então como Mary, a garota de Bob Mais, sempre resignada. Parecia que para ela a vida pouco importava, contanto que ela pudesse viver...

Mas, não. Depois de um trabalho duro êle ainda tinha de suportar os ataques nervosos de Madeline. Ela queria dar o fora... estava prêsa de pânico. Um pânico que emergia à superfície e isto era muito mal... muito mal mesmo, além de perigoso.

A noite parecia ser mais comprida do que as outras. No escritório particular de Herbie, aos fundos, os rapazes tiveram uma pequena sessão comercial. Mas ninguém tinha motivo para imaginar que Herbie tivesse outra profissão, além de dono de um clube noturno.

Quando finalmente voltaram à mesa, Legenza e seus companheiros descobriram que certas coisas haviam acontecido com as moças. Madeline bebera de mais, de acôrdo com a explicação sussurrada de Mary, e começara a falar sem pensar... e muito amargamente... Então ela deixara o clube, com uma pressa histérica e suspeita.

"— Por que você não a calou?" — Indagou Legenza.

Ela realmente tentara acalmar a moça, mas o tom da voz de Legenza a enervara e por isso ela respondeu simplesmente:

"— O que eu podia fazer?"

"— Eu farei alguma coisa!" — A sua voz não era exatamente suave. Êle se encaminhou para a porta, deixando Phillip embaraçado a responder as perguntas de Lee.

O Richmond Arms, onde êle se havia hospedado com Madeline ficava do outro lado da cidade. O seu vestíbulo estava vazio quando Legenza o atravessou, encaminhando-se diretamente ao elevador.

Legenza saiu do elevador e encontrou-se com Madeline na porta do apartamento. Ela tinha uma mala ao lado. Ao ver Legenza ela ficou imediatamente branca, perdendo tôda a cor.

"— Vai a algum lugar, querida?" — A sua voz era fria.

A sua boca se abriu, mas ela nada disse. Repentinamente Madeline começou a correr em direção a escada no fundo do corredor. Ela alcançara o último degrau e já começava a descer quando o revolver de Legenza detonou, fazendo as paredes estremecerem. Ela perdeu o equilibrio e rolou pelas escadas a baixo.

No dia seguinte o rádio começou a noticiar o assassinio, apresentando todos os mínimos detalhes. Os peritos da policia verificaram que a bala que prostrara Madeline partira do mesmo revolver que matara um guarda num recente assalto à Union Station. O que equivalia a dizer que o crime fôra cometido por um dos componentes da Quadrilha dos Três Estados.

Os policiais de tôdas as cidades assaltadas se estavam agrupando, sob a direção do Sargento Truscott, de Washington. Soara um alarme geral em onze estados diferentes. Tôdas as Placas de carros começaram por MD-861 estavam sendo examinadas cuidadosamente. Contudo, três dias depois, a polícia ainda não descobrira coisa nenhuma...

Mas o mesmo não acontecia com Lee Fontaine, a garota de Phillip que êle trou-



xera do Canadá, que ouvira as notícias do assassínio de Mary e estava realmente assombrada.

"— Sou tão culpada como se tivesse apontado o revólver para Madeline!" — Ela disse lamuriosamente a Phillip.

"— Você quer deixar de se maltratar a si mesma?" — implorava Phillips. — "Você não teve nada a ver com o caso. Fique falando sôbre o assunto que..."

"— E' o mesmo que acontecerá comigo? Eu também serei assassinada?"

"— Não enquanto eu estiver por perto, porque não deixo ninguém tocar em você.. Você sabe que eu sou maluco por você... Está bem, eu menti sôbre o meu emprêgo..."

"— De matar! de roubar! Oh, Bill, Bill, eu o amo tanto! Mas você tem de pôr um fim a essas terríveis coisas. Você será assassinado. Eu serei assassinada".

"— Não é assim que o negócio consta de meu livro! "— Disse Phillips, tomando-a em seus braços. — "Mais um trabalho... um serviço importante e rendoso... e eu a levarei de volta para o Canadá. Estabelecer-nos-emos ali. Snr. e Snra."

"— Você promete?" — Ela estava acreditando em suas palavras. — "Oh, eu o amo tanto."

Mas amor, no entender de Legenza, não era nenhum seguro. Êle compreendia que o que as mulheres chamam de amor se poderá transformar em coisas muito diferentes desta emoção. Uma noite, enquanto Phillips estava na cozinha, êle se dirigiu para ali com Mais, para dois dedos de conversa séria.

"— Aquela dona vai mesmo ficar com a boca calada?" — perguntou êle.

Phillips sorriu confiantemente.

"— Deixem Lee por minha conta. Ela é uma criança. Está assombrada."

"— Eu penso," — refletiu Mais, — "que é muito perigoso tê-la por perto."

O sorriso desapareceu.

"— Se ela for eu vou com ela. E isto pode ser imediatamente." — Phillips já se encontrava com a mão na maçaneta.

"— Esqueça-se disso. Temos coisas mais importantes para nos preocuparmos do que aquela dona... Já estamos quase sem dinheiro".

"— Mas não por muito tempo." — Legenza falou enquanto enchia um copo de cerveja." Decidi que devemos voltar a Richmond amanhã e executar aquêle trabalho que estivemos planejando. Deveremos apurar na brincadeira um milhão e meio de dolares. O maior assalto de todos os tempos."

Phillips ficou sem saber o que dizer, mas Mais levantou o seu copo de cerveja, tocando-o no de Legenza, no brinde ao arriscado trabalho que empreenderiam.

O assalto de Richmond foi rápido e audacioso. Êles tinham dois carros esperando pelo caminhão do Expresso da Estrada de Ferro. Quando o carro apareceu, Mais o interceptou na estrada, dirigindo um Plymouth. Os peneus chiaram quando o chofer do caminhão freiou ràpidamente ao se ver bloqueado. Herbie Brooks e Legenza pularam para a trazeira do carro. Mais desceu do Plymouth empunhando um revolver para cobrir os dois motoristas do caminhão.

Legenza e Brooks entraram no caminhão e começaram a jogar sacos de dinheiro dentro do Pontiac, que Phillips parara ao lado do caminhão. Treze sacos em treze segundos. Mais e os outros entraram no carro e partiram ràpidamente. O Pontiac partiu em extrema velocidade.

Fugindo o máximo possível do trafego, Phillips dirigia o carro numa velocidade suicida No assento trazeiro, Legenza abria os sacos. Estavam cheios de dinheiro, naturalmente, mas notas cortadas. Tudo dinheiro cortado...

Em Washington, como nas outras cidades onde operavam, os quadrilheiros tinham um apartamento para esperar que as coisas esfriassem, para então agir novamente. Mary e Lee os esperavam ali. Como sempre, Mary tinha o rádio ligado quando os homens chegaram.

"— Dez minutos para arrumar as coisas!" — Foi logo dizendo Legenza. — "O que êles estão dizendo?"

"— Bastante!" — Respondeu Mary, sorrindo. — "Estão furiosos."

Mas Lee também estava com os olhos fitos em Legenza. Os seus olhos haviam perdido o brilho:

"— Eu lhes posso dizer o que o rádio falou. Eu sei até de cor. Hoje em Richmond, malfeitores roubaram um caminhão Expresso, assassinando um chofer desarmado. O pobre homem não teve nem oportunidade de defender-se, pois foi morto pelas costas, à sangue frio."

Com efeito, Legenza matara o chofer. Matara duas pessoas, aliás. Aquêle chofer e o homem que dera a informação falsa para o assalto. Phillips estava nervoso.

"— Tenha calma, Lee."

Mas Lee não se calou e continuou falando:

"— Um pobre trabalhador assassinado, deixando uma esposa e três filhos sem sustento. E por que?" — Lee estava chorando, as lágrimas caindo dos olhos e deslizando pelo rosto, para manchar o seu vestido.

"— Você já falou de mais! Cale-se!" — Phillips gritou selvagemente.

Titulo original:

HIGHWAY 301

E L E N C O :

George Legenza	**STEVE COCHRAN**
Mary Simms	**VIRGINIA GREY**
Lee Fontaine	**Gaby Andre**
Truscott	**Edmon Ryan**
William Phillips	**Robert Webber**
Robert Mais	**Wally Cassell**
Madeline Welton	**Aline Towne**
Herbie Brooks	**Richard Egan**
Hinton	**Edward Norris**

Um filme da Warner Brothers — Direção e cenário de Andrew Stone — Produção de Bryan Foy







Ela correu para o quarto, soluçando, enquanto Phillips a seguiu. Mais e Legenza trocaram olhares significativos; frios e maldosos. Legenza os seguiu:

"— E' melhor apanhar logo o carro." — disse Legenza. — Era isso parte do plano para a fuga imediata para Philadelphia.

Phillips acompanhou-o até a rua, ainda explicando que êle podia manobrar Lee, que ela estava simplesmente nervosa. Mas Legenza nada disse, mantendo-se estranhadamente silencioso. O Lincoln estava parado a algumas quadras de seu apartamento.

Êles o alcançaram silenciosamente subiram no carro, tomando os seus lugares. Phillips inseriu a sua chave e tentou ligar o carro. Mas o motor não havia maneira de pegar.

"— Vamos embora!" — Instou Legenza, com os nervos à superfície da voz.

(*Continua na pág. 26*)





FRAN

HÁ sempre um lugar
uma nova estrêl
Hollywood. Mesm
esta estrêla não seja
francesa ou italiana. N
de Frances Ramsden,
ricana legítima, compre
se perfeitamente a pre
cia. Ela vem aí ao la
Harold Lloyd, o home
sempre lançou uma no
nina em cada novo fil
quando Harold volta á
mantém sempre aquela
dição que caracterizou
filmes. O filme será
Wednesday", e tem a a
tura credenciada de P
Sturges, na produção,
ção e autoria do argu
(Fotos R.K.O.).



...NCES RAMSDEN



BATE PAPO COM ANA LUZ



O EQUADOR PRESENTEIA ANA LUZ AO CINEMA BRASILEIRO

UMA pena esvoaçante dominava quase que totalmente uma cena passada no «set». Era a pena do chapeu de Ana Luz. A cena representava um hospital e Ana Luz ia visitar o marido, que se refazia de um ferimento — no filme.

Aguardamos o «take». Os ensaios se repetiram; o diretor, estava muito exigente. Finalmente a câmera rodou e a cena foi tomada. O diretor gritou militarmente o «fora de forma, marche» e nós ficamos à vontade, num canto do «set». Claro que nos sentamos numa daquelas cadeiras esportivas que tem o nome gravado na lona trazeira. Ana Luz, antes de qualquer palavra, desfez-se do chapéu, com a enorme pena esvoaçante que lembrava ao repórter o famoso baile de «penache», de triste memória...

— «Pois estamos aqui para papinho com você, Ana Luz,» — começamos...

Ana Luz — agradeceu o que ela chamou de gentileza, no seu delicioso sotaque castelhano, forçando falar o português. Em seguida começou a desfiar a sua história.

— «Na realidade nasci na capital do Equador. Mas já corri quase tôda a América. Em Buenos Aires — mais do que nunca — senti-me atraida pelo teatro e pelo cinema. Confesso que mais pelo teatro do que pelo cinema. Representei, lá, muitas vêzes sempre com renovado entusiasmo».

— «E agora que está fazendo cinema, ainda prefere o cinema?

Ana Luz dá um sorriso que exibe uma fileira de dentes que parece anúncio de dentifricio — e responde politicamente:

— «Entre os dois meu coração balança. Ainda não me decidi plenamente. Mas tenho a impressão de que o cinema está ganhando muito terreno. Como sabe, «Presença de Anita» deu-me uma magnífica oportunidade. O papel de Lúcia, mulher de Eduardo, é repleto de nuances extraordinárias que eu consegui, segundo penso, vencer, graças à orientação segura de Ruggero Jacobbi. Êle foi meu professor na Escola de Arte Dramática, aqui em S. Paulo, e quero demonstrar com meu trabalho que suas aulas foram realmente proveitosas».

— «Quer dizer que acredita no cinema brasileiro?»

A jovem estrêla loira responde incontinente:

— «Sem dúvida! E creia que digo isto com o coração. Tanto o sinto que desejo permanecer para sempre no cinema brasileiro. Tenho fé no destino do cinema brasileiro, agora que tôdas as fôrças se juntam para fazê-lo um dos melhores da América. Aí estão várias companhias, onde um grupo de homens da indústria e da arte querem realmente colaborar pelo engrandecimento do cinema desta terra que tanto quero».

"AMOR VAI, AMOR VEM"



O aeroporto La Guardia, em Nova York, não estava atulhado de gente esperando-a, assim como Ina tinha desejado tanto.

E' verdade, a imprensa não poderia ser considerada culpada por ter caido sôbre Nova York uma ligeira e incômoda neblina de fim de outono. Mas, em vista do belo sucesso conseguido por Ina Massine em seu debut na Europa, talvez alguns jornalistas se lembrassem de vir ao aeroporto dar-lhe as boas vindas e os agradecimentos do povo nova-yorquino e americano em geral. Mas, Ina tinha algo mais importante preocupando-a do que a presença de representantes da imprensa. E' verdade que os repórteres ajudariam o seu plano.

Ina, já no aeroporto, correu para a mais próxima cabine telefônica e discou um número. Ao ser atendida pediu para falar com o Dr. Lincoln Bartlett. O doutor, informaram-lhe, encontrava-se no Yankee Stadium, assistindo a um "match" esportivo. Com tôda aquela chuva! Se fôsse importante, porém, o bureau poderia entrar em contato com êle no estádio. Depois de uma longa e cansativa espera, ela ouviu a sua voz agradável que tão bem conhecia ao telefone e o seu coração se insuflou de alegria.

"— Linc, sou eu, sua esposa..." — ela disse ternamente.

"— Ina! Está tudo bem? O divórcio que você conseguiu em Paris... êles não podem... depois de dois anos e meio..." — O Dr. gagejou, pois temia que algo tivesse acontecido durante o processo de sua ex-exposa em Paris, na parte concernente ao divórcio.

"— Estamos legalmente divorciados", Ina admitiu. — "Mas, Linc, tive muito tempo para pensar. Você não acha que nós fomos um pouquinho apressados?"

Houve uma pausa antes de Linc responder.

"— Não. Não a vejo há tres anos. Somos práticamente estranhos..."



Título original:

"GROUNDS FOR MARRIAGE"

E L E N C O

Dr. Lincoln Bartlett	**VAN JOHNSON**
Ina Massine	**KATHRYN GRAYSON**
Agnes Young	**Paula Raymond**
Chris Bartlett	**Barry Sullivan**
Mr. Delacorte	**Reginald Owen**
Dr. Carleton Young	**Lewis Stone**
Tommy	**Richard Anderson**
Petie	**Robert Sherwood**
Helen	**Paula Drew**
Dr. Engelstaat	**Ricahr Hageman**

Um filme da Metro-Goldwyn-Mayer — Produção de Sam Marx — Direção de Robert Z. Leonard — Cenário de Allen Rivkin e Laura Kerr.

"— Podemos dar um jeito nisso..."

"— Ina, estou num jôgo de futebol."

Enfurecida com a atitude do espôso, bem ex, Ina jogou o fone no gancho com tôda a fôrça, retirando-se em seguida.

A jovem cantora, cújo casamento terminara em virtude da objeção de seu espôso à sua carreira, estava apaixonada por êle e se empenhara em lhe provar que estava conseguindo sucesso. Por isso, aceitou uma proposta para cantar num concêrto sinfônico da orquestra dos médicos.

O ensaio fôra interrompido por alguns instantes em virtude do chamado urgente por um dos médicos. Engelstaat, o regente, não escondeu o seu descontentamento.

"— No próximo ano, por favor, nada de obstetras. Ninguém pode depender desses sujeitos."

Ina entrou nesse instante de uma maneira dramática. Então, vendo Linc com uma bonita moça do outro lado do anfiteatro, caminhou para a sua direção e lhe deu um fervente beijo.

Linc retrocedeu, rápida e desajeitadamente, e indicou a moça ao seu lado.

"— Oh... er... Ina, esta é Agnes Young, minha... er... noiva."

"— Meus parabens" — respondeu Ina rudemente." — Eu não sabia."

Engelstat caminhou para onde ela estava e levou-a para a frente anunciando:

"— Hoje à noite, a companhia de opera nos mandou uma das jovens sopranos mais promissoras do país. Ela acaba de regressar de uma triunfante tounée na América Latina e parte da Europa. Como o seu primeiro número, Miss Ina Massine cantará o *Hino ao Sol* de Rimsky-Korsakov," concluiu o regente orgulhosamente.

Depois de seu número, Ina descobriu que Linc havia saido, chamado urgentemente por seu irmão. Ela lamentou além do mais porque desejara muito vê-lo tocando o oboé.

Ina ficou desapontada porque Linc não assisitiu ao seu concerto, presenciando o seu sucesso. Mas, na noite seguinte ela foi para o seu apartamento, admitindo-se com a chave que, como sempre, êle deixou debaixo do tapete.

Linc não gostou muito da idéia de sua ex-espôsa.

"— Estou esperando Agnes e Chris em vinte minutos."

Chris era o irmão mais velho de Linc, um fabricante de brinquedos e quem o havia educado.

Ina começou a mexer nas gavetas de Linc, fazendo comentários ligeiramente despeitados. Apanhando as suas meias, ela comentou:

"— Oh, então faz tricot, hein!"

Linc retrocedeu defensivamente, reclamando:

"— Por favor, Ina, sou um homem comprometido."

"— Eu prefiro mil vêzes quebrar um noivado do que um lar," — disse-lhe ela. — "Onde você vai hoje à noite?"

"— Jantar com o Dr. Young."

"— O pai dela é medico, também?"

"— Apenas o melhor especialista em nariz e garganta da cidade. E o degas, aqui, é o seu sócio."

"— Você já desceu tanto, a ponto de casar-se com a filha do patrão?" — perguntou Ina.

Um momento depois Chris chegou, acompanhado de Agnes.

"— Já me preparava para sair," — disse-lhes Ina. — "Mas eu queria ver o meu velho cunhado. Continua manufaturando felicidade para as criancinhas?"

"— E meninas grandes, também..." — sorriu Chris.

"— Então, faça-me feliz e venha ouvir-me em *La Bohème*. Você também Lincoln."

Agnes pôs a mão autoritariamente no braço de Linc, assim como uma pessoa põe a mão para acariciar a cabeça de um cão de estimação e retrucou:

"— Muito obrigada, Miss Massine, mas Linc e eu vamos passar o fim de semana na casa de campo de meu pai."

Finalmente chegara o dia de seu concerto e Ina descansou os olhos orgulhosamente nos cartões pendentes das "corbeilles" de flores que recebera. Então, ela chamou Stella.

"— Como está a minha garganta?"

A criada apanhou uma lâmpada que estava em cima da mesa do camarim e fez um cuidadoso exame. Então, apanhou o telefone interno e notificou o Snr. Delacorte que a gargante de Miss Ina estava côr-de-rosa, marron e com uma cor que se aproximava de púrpura...

Quinze minutos depois chegava o médico para examinar a cantora e, como era de esperar, não era outro senão Linc, que foi imediatamente acusando-a de haver inventado uma doença.

Mas depois de examiná-la, dianosticou que ela demonstrava sintomas de blastomicosis, uma doença apanhada na América do Sul, e que não poderia cantar por um período de tempo indefinido, devendo descansar.

Mas Ina calmamente ante a advertência do médico.

"— Vou interpretar o papel de *Mimi* dentro de exatamente dezoito minutos."

Linc virou-se para Delacorte:

"— Ela não vai cantar Mimi ou qualquer outra coisa que envolva a sua laringe."

"— O que me preocupa agora é o que devo fazer para explicar ao público. Os críticos e platéia certamente vão pensar que não se trata de outra coisa senão mêdo de palco. E' melhor que você venha ao palco comigo."

Mas Ina, contrária ao aviso de Linc, acabou mesmo apresentando-se Em casa do Dr. Young, Linc leu o que dizia um dos jornais: "*Estréia a cantora de opera mais nova do atual mundo lírico norte-americano, apesar do diagnóstico de um médico. Jovem e glamorosa prima donna completou uma brilhante como Mimi...*" Parando no meio da leitura, Linc exclamou enfurecido:

"— Aquela idiota!"

O Dr. Young se levantou e acenou para que Linc o acompanhasse. Quando estavam a sós lhe disse:

"— Você cometeu uns dois erros ontem. No lado ético, muitos de nós supomos que o conhecimento de um médico é confidencial. Quanto à declaraçõse em público, nunca me permiti luxo, a não ser que minha assinatura fôsse acompanhada pela de três outros médicos de igual estatura. Agora, tomemos o lado prático. Suponhamos que você tenha feito um diagnóstico errado..."

Nesse mesmo instante, em Nova York, Ina também passava os olhos nos jornais.

"— Bernie Bernheimer acha que eu sou uma sensação, Stella", anunciou ela orgulhosamente.

A criada sorriu-lhe incolormente e comentou, debruçando-se sôbre a coluna de sociedade:

"— A senhora acha que o Dr. Bartlett tem um agente de publicidade?"

"— Por que? Êle fez algum outro diagnóstico errado?"

"— Ainda não posso dizer," — sorriu Stella. "— Ela me parece bastante saudável."

Ina arrancou-lhe a página de sociedade e leu a noticia do casamento de Linc e Agnes no dia cinco de novembro.

Ina cerrou os punhos ao ler a notícia e começou a gritar:

"— Que direito tem êle para fazer isso comigo? Êle não pode amá-la. Não pode!" — Ina apontou com o jornal para o retrato de Linc na parede. — "Olhe para aquele rosto! Não, não quero olhar. Tire aquêle retrato da parede!"

Como Stella não a obedecesse imediatamente, Ina gritou:

"— Você me ouviu! Tire aquêle retra..." — Repentinamente houve silêncio. A jovem e glamorosa prima donna perdera a voz!

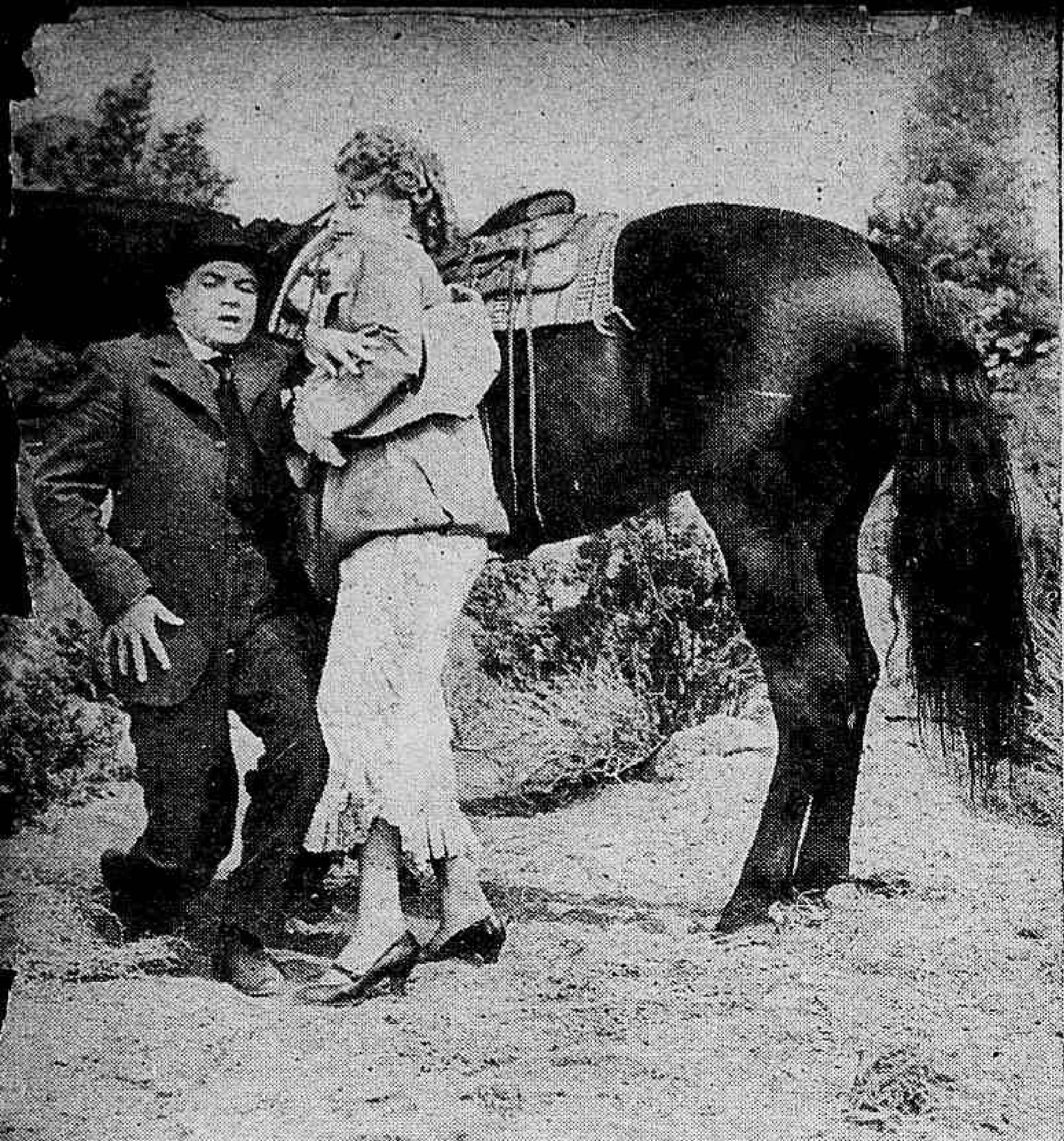
Desta vez o exame foi efetuado pelo próprio Dr Young que diagnósticou um caso de atonia emocional. Sendo uma pessoa altamente sensível e emocional, Ina perdera a voz porque ainda se imaginava apaixonada de Linc. O idoso médico, embora contra a sua vontade, explicou que Ina necessitava de um novo interesse romântico e deveria ficar inativa durante pelo menos seis meses. Assim sendo, Linc deveria fazer o possível para trazê-la novamente à realidade.

Linc se preocupou muito com o caso. mas antes de dar inicio ao tratamento romântico de Ina, procurou o seu mano Chris a fim de lhe explicar a situação.

(*Continua na pág. 24*)









Ai! Ai! Aggie! Nunca a minha «dignidade» foi tão duramente castigada. Mireráveis; êles me pagarão!

... E desejo avisar aos senhores, que não se atrevam a abusar da minha paciência, senão, bem; isso são outros quinhentos cruzeiros!...

"O CONDE EM SINUCA"



Bob Hope no papel de Humphrey e Lucille Ball como Aggie, formam a mais gozadíssima dupla cômica dêsse fim de temporada na comédia de Paramount em técnicolor, «O Conde em Sinúca».



— Tenho acompanhado a vida do sr. Conde e sei, perfeitamente, que V. Excia. é um perfeito técnico na caça da raposa. Desejando conhecer as suas qualidades, é que tomei a liberdade de organizar uma caçada para amanhã. O Conde (Bob Hope) pensando: — Em que boa sinúca me meti!...



Como ia dizendo senhoritas... Numa das minhas caçadas, tive uma luta corporal com um tigre de bengala, tão forte, que foi apenas p'ra todos os lados! No fim, o tigre teve que sair de muletas!...



Oba! Vamos lá, que a turma deve estar ansiosa para provar êste ensopado de repolho com carne-sêca preparado por um Conde! Se não gostarem, estarei frito e conde...nado!...



Título original
(Fancy Pants)

Personagens:

Humphrey	**BOB HOPE**
Aggie Floud	**LUCILLE BALL**
Effie Floud	**Lea Penman**
Pa Floud	**Jack Kikrwood**
George Vane-Basingwell	**Hugh French**
Cart Belknap	**Bruce Cabot**
Lady Maude	**Norma Varden**
Sir Wimbley	**Eric Blore**

Produção de Robert Welch — Direção de George Marshall. — Um técnicolor da Paramount

OS habitantes de Big Squaw, no México, podem não olhar com bons olhos as desmedidas ambições sociais de Effie Floud e de sua filha, a bela e sedutora Aggie; mas George Vane-Basingwell, atraido pelos encantos e principalmente pela fortuna da moça, não tem dúvida em fazer-lhe a côrte. Visando impressionar as Floud, êle convida-as a passar o fim-de-semana em sua casa de campo, em companhia de sua família. Entretanto, como não possuia familia nem casa de campo, George telegrafa, chamando uns atores de suas relações, para representar o papel de seus parentes, e aloja-os na casa de campo de um amigo. Entre os atores, encontra-se um moço de nome Humphrey, que sempre viveu no palco a figura do *gentleman* perfeito. Recebe êste a incumbência de "bancar" o mordomo do Conde de Brinstead (supostamente o pai de George), e o faz com tanta perfeição, que a velha Effie resolve levá-lo para Big Squaw, onde êle deverá transformar Aggie numa autêntica *lady* e ensinar boas maneiras ao velho Pa Floud. Effie arranja as coisas de maneira a que Humphrey seja despedido, e a seguir tomá-o a seu serviço.

Quando Pa Floud recebe a noticia de que sua espôsa regressará ao lar trazendo em sua companhia o *gentleman* dos *gentlemen*, logo imagina que vai entrar em contato com algum nobre inglês. Cart Belknap, o rústico e abrutalhado fazendeiro que espera conquistar o amor de Aggie, desconfia por sua vez que o tal estrangeiro esteja apaixonado pela moça. E, sem perda de tempo, vai à estação esperar a trinca, quase matando de susto o pobre Humphrey ao abater a tiros um tatu que passara rente a seus pés. O *gentleman* perde a linha, salta do trem e foge às carreiras... Mas Effie exige que Aggie vá ao seu encontro e tragá-o de volta, o que a moça faz, pendurando o *gentleman* na garupa do seu cavalo...

Pa e Aggie são alérgicos a *grã-finagens* e salamaleques; assim, pensam num meio de fazer com que Cart meta tanto mêdo á Humphrey, que êle acabe dando o fora da cidade. E chegam à conclusão de que o melhor é explorar o ciúme de Cart.

Enquanto isso, Effie descobre que o velho Pa, de boa-fé, espalhara na vizinhança a noticia de que ia hospedar em sua casa o Conde de Brinstead, o que provocou um natural e compreensivel alvorôço na cidade. Em face da gravidade da situação, Effie diz a Humphrey que êle não mais será mordomo, devendo daquele momento em diante ser o próprio conde!

Humphrey acha, entretanto, que a trapalhada já está passando da conta e se dispõe a pedir demissão do cargo, quando Pa e Aggie, em pleno bar cheio de gente, levam-no à presença do malvado Cart, que lhe mete um outro susto dos diabos! O tímido mancebo sente que o seu frágil coração não mais suporta êsses golpes violentos, e resolve fugir da cidade, trepado num carrinho-de-mão.

Aggie e Pa não cabem em si de contentes, até que vêem a saber que o presidente Theodore Roosevelt se dirige à Big Squaw, onde pretende avistar-se com o conde! Aggie sai como louca à procura de Humphrey, tanto mais que reconhece, contra a sua própria vontade, que está começando a gostar do *gentleman*...

(*Cont. na pág. 24*)

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ANTOLOGIA DOS CRONISTAS

(Cont. da pág. 14)

brizi, Charles Chaplin, Fredric March, Jean-Louis Barrault, Louis Jouvet, Michel Simon, Ronald Colman, Pierre Blanchar, Michael Redgrave, Eric Portman, Gregory Peck, Claude Rains, Gary Cooper, Eric Von Stroheim, Henry Fonda, Paul Muni, Francis Lederer.

Atrizes: Greta Garbo (a maior atriz de todos os tempos, a máxima personificação da espiritualidade na mulher, pensa Jônald), Lillian Gish, Janet Gaynor, Elisabeth Bergner, Ingrid Bergman, Bette Davis, Joan Crawford, Betty Field, Vivien Leigh, Celia Johnson, Michele Morgan, Dorothy McGuire, Ida Lupino, Olivia de Havilland, Eleanor Parker, Jane Wyman, Arletty, Anna Magnani, Dolores del Rio, Barbara Stanwyck, Ann Todd, Micheline Presle, Patricia Neal, Beulah Bondi.

De tipo físico, prefere o que considera beleza suave e delicada: Elizabeth Taylor, Vivien Leigh e Patricia Neal.

Diretores que mais admira: Sergio M. Eisenstein (Ai-zens-tain), Griffith, Lubitsch, Von Stroheim, Sam Wood, King Vidor (dêste, apenas os filmes antigos), Charles Chaplin, René Clair, Dreyer, Autant-Lara, Carné, De Sica, Blasetti, Jean Renoir, J. Duvivier, L. Olivier, William A. Wellman, William Wyler, David Lean, Carol Reed, Cavalcânti, F. Capra, Milestone, E. Fernandez, Raoul Walsh, J. Dassin, J. L. Mankiewicz, Elia Kazan, L. Zampa, J. Cromwell, Giuseppe De Santis, Geza Radvanyi, Jacques Becker, Clouzot, Luchino Visconti, Robert Rossen, Flaherty, Pudovquin, Edward Dmytryk.

Jônald foi recentemente distingüido com a medalha de mérito, oferecida pela Prefeitura do Distrito Federal, através do Departamento Cultural como recompensa aos serviços que até agora prestou a três artes no Brasil: cinema, teatro e "ballet" e à divulgação das mesmas em jornais e revistas.

Pretende visitar Londres e Paris ainda êste ano.

Não bebe a não ser em aniversários ou comemorações. Jamais freqüenta "boites", clubes noturnos ou os cafés do Rio "Amarelinho", "Vermelhinho", etc. Festas dançantes só aprecia ou as oficiais, em embaixadas, palacetes governamentais, ou as de núcleos familiares, preferentemente singelos.

Abomina jogos, principalmente os de cartas. Só assistiu em tôda a sua vida a uma corrida de cavalos: jogou, perdeu e nunca mais voltou ao Jóquei.

Detesta perder tempo em "filas". Tem verdadeira *alergia* pelo carnaval e só escuta rádio obrigado. Gosta muito de brotinhos...

Já viajou por todo o litoral e por várias cidades do interior do Brasil, tendo especial predileção por S. Paulo, Pôrto Alegre e Belo Horizonte. Acha uma delícia viajar de avião. Pratos prediletos: sorvete e leite gelado.

Por sua iniciativa é que foi fundada em 1946 a Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos; atualmente é secretário e já ocupou outros cargos em diretorias anteriores. E' membro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais.

Não tem o menor "part-pris" sôbre ideologias políticas. Não pactua, nem tampouco hostiliza, os pensamentos alheios. Julga que arte não ter barreiras. Tanto elogia um celulóide vindo da Inglaterra, Estados Unidos, França ou União Soviética.

Não tem preconceito de raça.

E' contra a pena de morte e contra a bomba-atômica. Acha que os homens não têm direito a dispor da vida de outrém.

Reside na Av. Beira-Mar, na cidade, próximo à Esplanada do Castelo.

ANTOLOGIA: "CÉU SÔBRE O PANTANO

CONTRASTES E DESDITAS — De um lado, a exposição de uma lírica alma. A jovem adolescente exibia o mais puro dos sorrisos. Para ela, apenas existiria a bondade. Todavia, tinha que enfrentar a involução do mundo, na qual são freqüentemente desvirtuados os mais lindos sentimentos. Não sofreu abalo a sua pureza, mas, conforme é tão comum, teria de imperar a maldade. Fo-a dêsse aspecto, o celulóide descreve a extrema penúria de pequena coletividade que tem de viver à custa das prodigalidades da terra. Não se detém nesse problema. Prôcura irradiar sempre a sensibilidade da meiga Maria em relação não apenas oa meio, mas também à natureza e aos animais.

CÉU E PANTANO — A direção de Augusto Genina é de emotiva naturalidade. Colocou a denominada escola neo-realista do cinema italiano no seu verdadeiro caminho, sem jamais exacerbar qualquer ângulo. Foi grande o seu cuidado em lograr atmosfera. Nas cenas exteriores temos, por exemplo, o suave misticismo do trecho em que Maria atravessa a floresta ou, então, na passagem da morte do pai, o belo contraste obtido do pântano com o nublado céu. No domínio dos personagens crescem os seus merecimentos. Foram, todos, cuidadosamente estudados.

A admirável Inês Orsini forneceu um dominante encantamento à figura de Maria Goretti. As suas reações, embora o rude meio em que vivia, traduzem sempre uma forma de evolução espiritual. Grande é o seu desempenho, digno de estar ao lado dos proeminentes do ano. O sensualismo doentio de Giovanni Martella está bem fixado, mormente porque foi exposto de insidiosa maneira, a partir da seqüência da praia, até chegar ao brutal climax."

(*"A Noite"*, 19 *de março de* 1951)

O CONDE EM SINÚCA

(Cont. da pág. 23)

Querendo livrar-se do "abacaxi", Humphrey confessa que não é o *gentleman* dos *gentlemen*, e sim um modesto e anônimo ator de pouca sorte. Esta confissão faz aumentar a simpatia de Aggie, que insiste para que êle continue fingindo ser o conde.

Organiza-se na cidade uma caçada à raposa em homenagem a Roosevelt, sendo o "Conde" designado para dirigi-la. Humphrey, que em tôda a sua vida nunca montara sòzinho um cavalo, recebe de Aggie umas lições secretas de equitação, e concorda por fim em tomar parte na caçada, desde que êle vá montado num velho pangaré. Por azar seu, poucos minutos antes do início da função Cart aparece com um potro selvagem que é um verdadeiro assassino de jóqueis, e oferece-o ao "Conde". Mas Humphrey alega ter partido o tornozelo, e pede para ir para casa. Em represália, Cart besunta as roupas de Humphrey com o caldo de uma sopa hamburguesa, de maneira a que a matilha de cães de caça, em vez de ir à procura da raposa, não deixe o "Conde" em paz...

Enquanto isso, Cart acha o álbum de recortes de jornais, pertencente a Humphrey, e descobre o embuste do falso conde. E no momento em que Humphrey luta para reaver seu precioso álbum, chegam Roosevelt e os participantes da caçada, não restando ao rapaz outra alternativa senão confessar a verdade.

A cena vai desaparecendo aos poucos no justo momento em que Humphrey e a família Floud começam a explicar qualquer coisa... E, aos poucos, surge uma outra cena, num teatro de Washington, onde o presidente Roosevelt está asistindo a uma peça representada por Humphrey e a família Floud...

PHYLLIS CALVERT

(Cont. da pág. 13)

pôso, fazendo "Peter Pan", num dos primeiros teatros de Londres."

UM ANO DE FÉRIAS

— "Meu último filme foi terminado em abril de 1950. Intervi como produtora associada. Intitula-se "A mulher sem nome" e nêle atua um jovem pouco conhecido na América-Latina, Edward Underdown. No final dêste trabalho me decretei um ano de férias para dedicar todo êsse tempo a meu lar, meu espôso e a minha filha Auriol, que tem oito anos e é uma gracinha."

— Quer dizer que êste Festival veio interromper seu plano de descanso?

— "De forma alguma. Eu queria passar um verão com sol, num clima agradável."

— Seu melhor filme, Mrs. Calvert?

— "O de maior êxito popular foi "Madona das Sete Luas". Segundo minha maneira de ser prefiro "O homem de cinzento".

Infelizmente, não era possível conversar mais com Mrs. Calvert, pois se aproxima um batalhão de repórteres radiofônicos para entrevistar a estrêla. De nossa parte nos sentimos felizes em poder palestrar tranqüilamente durante algum tempo com "A Madona das Sete Luas".

AMOR VAI, AMOR....

(Cont. da páí. 21)

Depois de ouvir tôda a história, êste comentou:

"— Você está querendo dizer-me que pretende devolver a Ina a sua segurança emocional namorando-a? E Agnes, o que pensará ela de tôda a situação?"

"— Agnes simplesmente terá de tentar compreender." Linc retrucou. — "Tenho de ajudar a Ina."

Chris cerrou o sobrecenho. De repente êle se alegrou e explicou ao seu irmão caçula que talvez pudesse ajudar mais do que êle pensava.

"— Se fôssemos os três juntos, ninguém se poderia objetar a isso. Então, a pouco e pouco, você não será capaz de fazer o tratamento. Se o Dr. Young supõe que ela necessita de um novo interesse, eu tomarei conta do negócio. Está certo?"

Assim foi feito o negócio. Até que uma noite, quando Linc chegou ao apartamento de Ina, foi sabedor de que o seu irmão não aparecera em virtude de uns negócios que tivera a fazer fora da cidade. Ina mostrou-lhe um velho diário e fez um círculo em tôrno das palavras Greenwich Village e entregou o livro a Linc.

"— Você quer voltar a Greenwich Village, para repetir aquêle passeio que fizemos a alguns anos atrás?" — perguntou finalmente Linc, contra a sua vontade.

Quando Ina meneou com a cabeça afirmativamente, êle suspirou:

"— Está bem. Ponha o seu casaco e vamos embora."

Os dois se dirigiram para um lugar chamado "Fire Station" e Linc bem que se divertiu. Estava tão alegre que chegou até mesmo a interpretar um número de charleston com Ina.

"— Não tenho visto você tão alegre desde que estávamos casados", — escreveu Ina, quando os dois voltaram à mesa. Nesse instante o lugar foi contaminado por uma ..tina de fumaça de charuto e quando Linc viu Ina tossindo, exclamou:

"— E' melhor sairmos daqui. Não quero irritar a sua garganta mais do que já está."

De volta ao apartamento, Ina pôs um de seus discos na vitrola e ficou cosendo um botão da camisa de Linc que, de uma maneira ou de outra, caira. Isto trazia a sua face perigosamente próxima a de Linc. Então, depois de terminado o trabalho, ela descansou a sua face no rosto de Linc.

Linc foi salvo pelo telefone que começou a tilintar. Atendendo-o prontamente, êle explicou que era o departa-

(Cont. na pág. 30)

Coluna do fan

"GRANDES PERSPECTIVAS PARA O CINEMA BRASILEIRO EM 1951"

Se 1950 foi o ano que marcou a volta do bom cinema brasileiro (sim porque todos devem lembrar-se que o nosso cinema já foi o "tal" há muitos anos), 1951 será o ano em que a nossa indústria de filmes tornar-se-á conhecida no exterior e no qual haverá produção regularizada de películas de qualidade, tanto na montagem, como na direção e interpretação. Êste é um fato consumado que todos devem reconhecer, mesmo os mais pessimistas.

Falamos no futuro, porque 1951 mal começou, porém assim mesmo o cinema brasileiro já marcou várias vitórias, como os prêmios conquistados por "Caiçara" e "Terra, Sempre Terra" em Punta del Este; os críticos uruguaios são unânimes em afirmar que o Brasil é agora o primeiro em cinema no continente latino-americano; Anselmo Duarte, Tônia Carrero, Alberto Cavalcânti, Abílio Pereira de Almeida e Adolfo Céli abrilhantaram com sua presença aquêle certame, tendo Anselmo e Tônia conquistado milhares de fãs. Aqui no Rio a Atlântida marcou dois tentos com "Aviso aos Navegantes", um musical bem feito, e "Maior que o ódio", exibido em avant-première, superior à "A Sombra da Outra". A entrega na A.B.I. dos prêmios aos melhores artistas do ano revestiu-se de pleno sucesso, sendo Anselmo Duarte, Eliane Lage, a preta Felicidade, de Caiçara, e José Lewgoy muito aplaudidos.

Se em 1950 nós tivemos a oportunidade de assistir a filmes do calibre de "A Sombra da Outra", "Quando a Noite Acaba" e "Pecado de Nina", boas produções, nas quais a qualidade supera os defeitos, e de uma obra-prima do cinema latino-americano, "Caiçara"; neste ano nossos olhos verão bons celulóides, em número muito maior do que os "acabaxis", películas realizadas com técnica, em grandes estúdios e com capital; não só da Vera-Cruz, mas também nos monumentais estúdios da Maristela em São Paulo, na Horizonte, de Pôrto Alegre, em Minas, Pernambuco e nos enormes estúdios que serão construidos no Rio, com ajuda do govêrno, por intermédio do Banco do Brasil e orientados por Cavalcânti, que aqui se radicará.

Por fim, o cinema de nossa terra deixou de cair no ridiculo, firmando-se no conceito universal em tôda linha e recebendo elogios dos criticos especializados e do público que aflui aos cinemas. Felizmente, o caminho que êle ora trilha não poderia ser melhor.

Há rumores de que neste ano o govêrno protegerá o cinema patrício devidamente, criando o Conselho Nacional do Cinema, o estúdio já referido e fazendo com que paises como a Argentina, México, Itália, França e Portugal exibam nas suas telas filmes brasileiros na mesma proporção do que as produções dos mesmos paises exibidas aqui. Aumentará a obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais em nossos cinemas e outros estimulos que já de há muito deveriam ter sido feitos.

O próximo festival de Cannes já reclama a presença de dois paises que estão realmente produzindo cinema: o Brasil e a Espanha, outra revelação para o mundo. Em Paris, serão exibidas quatro produções nacionais: "Obrigado, Doutor!", "Carnaval no Fogo", "O Homem que Passa" e "A Beleza do Diabo". Na América do Sul estão prontos para estrear, principalmente em B. Aires e Montevidéu, as seguintes produções: "Caiçara", "A Sombra da Outra", "Quando a Noite Acaba", "O Caçula do Barulho", "Carnaval no Fogo", "Aviso aos Navegantes" e "Terra, Sempre Terra". Indiscutivelmente, o cinema indigena cresce dia a dia de importância.

No Rio, já foi inaugurada uma academia com a finalidade de ensinar todos os misteres da arte e ciência cinematográfica; em São Paulo, o Museu de Arte Moderna, por sinal um dos mais bem aparelhados do globo, é um grande incentivador de nosso cinema e até já existe um curso de cinema por correspondência.

E' dêsses estimulos de que estava necessitado o cinema brasileiro para dar os seus passos definitivos a caminho da consagração. E' necessário criar-se mais escolas para possuirmos bons técnicos, intérpretes e diretores, a fim de podermos com orgulho nos colocar lado a lado com os estrangeiros, e parece que todos êstes anseios serão transformados em animadora realidade neste feliz ano de 1951 para a nossa cinematografia.

Quanto às próximas produções, destacam-se várias de valor, figurando em primeiro plano as da Vera-Cruz e da Maristela, de São Paulo, as duas emprêsas mais fortes do Brasil, que nos deleitarão com: "Terra, Sempre Terra", revelando Marisa Prado, fadada a alcançar grande sucesso, visto ter sido premiada em Punta del Este; "Ângela", filmada no Rio Grande do Sul e último filme de Cavalcânti na Vera-Cruz, com Eliane Lage, a grande atriz brasileira, Mário Sérgio e outros, "Tico-Tico no Fubá", com Anselmo Duarte estreando nesta companhia e Eliane Lage em mais um rol de destaque; "Salvo Seja!", primeira comédia da Vera-Cruz, com Tônia Carrero em seu primeiro papel para os estúdios de São Bernado do Campo; "O Circo", "Triângulo", "Congonhas do Campo", 3 documentários de Lima Barreto (Painel e Presépio); a Maristela estreará com o faladissimo "Presença de Anita", interpretado por Antonieta Morineau, Vera Nunes e Orlando Vilar; veremos também "Suzana e o Presidente", com Vera Nunes e Orlando Vilar, "O Comprador de Fazendas", com Procópio Ferreira e Henriette Morineau, "A Carne" e "Ouro Verde".

Cavalcânti tem em mente várias realizações, como "As Doutôras", "O Canto do Mar", "O Irmão das Almas", "Escravo da Noite", "Santos Dumont", "Os Sertões", "A Retirada da Laguna", "A Vida do Aleijadinho", "Calunga", "Fogo Morto" e "Amazônia Misteriosa", a serem filmados nos novos estúdios do govêrno, alguns coloridos.

Os estúdios gaúchos Horizonte e Farrapos nos prometem "Vento Norte" e "Entre Dois Amôres", respectivamente. De Minas, veremos "O Canto da Saudade"; realizado na Bahia, teremos o famoso "Cascalho", com o premiado José Lewgoy e a belissima Norma Tamar; de Gilda de Abreu e Vicente Celestino haverá "Coração Materno", muito anunciado; da Nova Terra: "O Meu Dia Chegará", também anunciadissima, e "Chuva"; da Emperator "Maria da praia", com Dinah Mezzono; da Iguaçu-Filmes "Hóspedes de Uma Noite", com Fernando Pereira e Iracema de Brito, dirigidos por Ugo Lombardi, e de Jônald teremos "Dentro da Vida".

"Sinfonia Amazônica" será o primeiro desenho animado feito no continente latino-americano e "A Marcha para Deus", de Mário Brasini será o priméiro filme nacional em que técnicos e atores irão filmar em outro pais. Neste caso a Itália

A Cinédia nos apresentará "Anjo do Lôdo", com Cláudio Nonnelli, e Rui Santos e Alex Viany mostrarão a garôta prodigio Roberta Gnatalli em "Aglaia". Fouá Andaráos, de São Paulo, gastou 2 milhões de cruzeiros em "Lampião, o Rei do Cangaço". Beatriz de Toledo, Joseph Guerreiro e Fernando Pereira têm oportunidade de brilhar em "A Beleza do Diabo", de Roman Lèsage, comentado em Paris mais do que no próprio Brasil.

Eva Tudor participa de "Maria Fumaça", com Jane Gray e Jackson de Souza, sob a direção de Moacir Fenelon, e em São Paulo a Bandeirantes, nova emprêsa, estréia com "Alamêda da Saudade", rodada em Santos. O alemão Henrique Jonen fará filmes coloridos num grande estúdio a ser construido no Rio com capital brasileiro, êste Jonen já foi o "manda-chuva" da UFA de Berlim e dirigiu filmes com Emil Jannings e Marlene Dietrich, entre seus planos no Brasil, onde radicar-se-á, figuram os celulóides: "O Deus da Selva" e "Carnaval no Rio".

Será organizada no Rio uma companhia de filmes religiosos, a Sacra-Filmes, que produzirá "Pecadora Imaculada", "Anchieta, o Apóstolo do Brasil" e "A Medalha Milagrosa"; à sua frente está o cineasta Rafael Mancini.

Muitos e muitos outros filmes serão realizados, de modo que a nossa pátria possa ser apresentada no exterior sem envergonhar-se e expor-se ao ridiculo aos olhos de outrém; note-se que o cinema é um grande meio de publicidade, e o Brasil precisa ser divulgado e conhecido além-pátria.

Os brasileiros já estão entusiasmados com o novo rumo do cinema nacional, e deverão seguir assim, cada vez mais e mais; e tenho a plena e absoluta certeza de que neste ano de 1951 o Brasil e o mundo terão que render homenagem a mais um cinema que produz arte e realismo em sua essência, colocando-o no mesmo plano do sueco, espanhol, francês, mexicano, ou italiano; realizando obras despretensiosas e singelas, porém com sentimento e arte, que é o essencial numa pelicula, seja lá qual fôr o seu custo, luxo ou procedência.

Salve 1951! *Carlos Conrado* (Rio)

★

FIM DOS COW-BOYS

Em todo o mundo o público freqüentador de cinema admira os astros cow-boys, e os produtores sabem de sobra que êstes filmes oferecem rendas de bilheterias e não se cansam de constantemente estar oferecendo filmes westerns com astros de cartaz.

Desde o advento do cinema que existem os astros cow-boys; nas nossas telas apareceram: William Farnum, Dustin Farnum, Neal Hart, Rex Bell, William S. Hart, Bill Cody, Jack Holt, Jack Hoxie, Jack Pickford, Charles Bouck Jones, Tom Mix, Joe Bonomo, William Desmond, Bil Boyd, William Boyd, Jack Perrin, Edie Polo, Francis For, Jack Daugerthy, Richard Talmadge, Edmund Cobb, Art Acord, Tim Mac Coy, Ken e Kermith Maynard, verdadeiros astros cow-boys que enfrentavam a morte cinematográfica a fim de salvarem as suas partenaires, que também eram eximias amazonas. Pearl With, Ruth Roland, Nerva Gerber, Ruth Mix, Luise Lorraine, Marie Walcamp, eram as representantes do sexo frágil mais famosas.

Hoje, o astro cow-boy vive em decadência, representado por Gene Autry e outros cow-boys cantores, nenhum segue nem de longe o nome dos seus antecessores.

haja vista que quando um grande estúdio lança um Tyrone Power, um Errol Flynn, um Gary Cooper, um John Wayne nunca os apresenta como cow-boy romântico, às voltas com o canto, e sim homens másculos bem ao tipo dos pioneiros dos filmes de aventuras do cinema mudo.

A morte vem tirando do mundo grandes nomes do passado, William Farnum, William S. Hart, Charles Bouck Jones, Tom Mix, Art Acord, William Desmond, Neal Hart, Bil Boyd (não confundir com Hopalon (William Boyd) Cassidy). Pearl Withe, Marie Walcamp, Nerva Gerber, e ùltimamente arrastou para um mundo melhor o famoso Jack Holt.

E' à memória dêste artista sempre correto, um verdadeiro bandeirante do cinema, companheiro do não menos famoso e falecido Harry Carey, que dedico estas linhas como lembrança a um dos mais perfeitos astros do western. Quem não se recorda do velho Holt nos filmes do oeste que êle fêz na Paramount, e depois aquelas finas comédias na Columbia, tendo como parceiro Ralf Graves: "Submarino", "Dirigivel", "Marido e Amante" ,etc. Jack Holt vem da velha Universal, onde apareceu como o famoso Pedro daquela série que ainda hoje traz nostalgia aos velhos cinemaniacos "Moeda Quebrada". Correu todos os estúdios da terra do cinema, sempre com o seu nome em evidência, atravessou a fase e evolução do cinema falado sempre como uma figura popular; ùltimamente, na Warner, vinha fazendo pequenos papéis, dentre êles aquêle em "Tesouro de Sierra Madre", mais sempre com a sua correção. Era talvez o artista que melhor "pose" tinha. Deixa uma longa lista de filmes e dois filhos que podem honrar a sua memória, Jenifer e Tim Holt, ambos especializados em filmes de aventuras, gênero que deu grande fama e fortuna ao velho Holt.

Adeus, Mr. Jack Holt. *Druval Fonseca*

ESTRADA 301

(Cont. da pág. 17)

"— Tem qualquer coisa errada... o carro não pega." — Então êle viu o policial que se aproximava do carro, vindo de trás. A lei havia seguido a pista do número da placa. Isto era uma armadilha.

Ambos saíram imediatamente do carro, cada um por um lado. Phillips tentou sacar o revolver, mas o soldado foi mais rápido e o abateu imediatamente. Mas Legenza já tinha sacado o seu revólver. Apontou o revolver para o policial e puchou o gatilho, mas o revolver falhou... Jogando-o à distância, Legenza começou a correr, usando os carros parados no meio-fio como escudo. De qualquer modo, êle conseguiu entrar num beco e pulou para os fundos de um edificio de apartamentos. Latas de lixo e de cinzas estavam no meio do caminho, mas êle conseguiu chegar aos fundos de seu próprio apartamento, tendo deixado para trás os gritos de seus perseguidores.

A porta do andar térreo estava fechada e êle teve de chamar Mais para baixar a primeira parte da escada de incêndio. Êle arfava quando finalmente chegou ao seu apartamento. Lee chorava histèricamente e Mary e Mais já haviam arrumado as coisas para a fuga. Legenza não hesitou.

"— Seria mais seguro se nos separassemos. "Mais, você e Mary saiam pela frente. Lee e eu vamos tentar a sorte pelo beco..." Todos êles sabiam o que a polícia descobriria no cadaver de Phillips. Um instantâneo de Lee e uma chave que seria experimentada em todas as portas do bairro até que os policiais dessem com êsse apartamento, o que aconteceria mais cêdo ou mais tarde.

"E Bill? Nós não podemos ir enquanto não descobrirmos..."

"— Eu já lhe disse... Não estou certo do que aconteceu." Legenza já havia vestido um casaco com a gola levantada e um chapéu com as abas abaixadas. Êle segurou o seu cotovelo e a empurrou em sua frente.

"— Êle está morto?" — perguntou Lee, quando os dois já tinham alcançado o beco e corriam desenfreadamente.

"— Não sei ! Vamos embora!"

A estrada de Philadelphia agora estava muito perigosa, por isso êles se decidiram pelo esconderijo em Richmond. Quando chegaram nas proximidades do apartamento, não viram nada de anormal, mas tinham de ter certeza. Por isso, entraram num restaurante perto do apartamento. Lee comprou um jornal e então leu a reportagem sôbre Phillips, noticiando a sua morte.

Depois de lerem a reportagem, Mais disse:

"— Um de nós tem de verificar se não tem ninguém no apartamento. Os tiras podem ter preparado uma armadilha para nós."

Legenza sorriu:

"— Está certo. Se os tiras estiverem escondidos lá, o negócio ficaria feito para nós. Mary ainda não terminou o seu sanduiche. Portanto, Lee, creio que você é a escolhida."

Legenza sabia o que ela pretendia fazer quando saisse do apartamento... se saisse. Mas antes ela precisava fazer uma busca e êle mandou Mais escoltá-la até a porta do edificio, forçá-la a subir, abrir a porta e entrar no apartamento.

Quando ela apareceu pela porta dos fundos, emergindo no escuro beco, êle estava encostado em um poste."

Legenza simplesmente sorriu e perguntou:



"— De que é que você está com mêdo, benzinho? Ninguém lhe vai fazer mal algum. Aliás, eu gosto muito de você." — Em seguida êle pôs o braço em redor de sua cintura.

"— Por favor!" — gemeu a moça.

"— Você não está sendo muito esperta," — êle disse. — "Phillips está morto. Eu não. Pense nisso, benzinho."

Mas Legenza não gostava que alguém recussasse o seu amor. E já no apartamento êle lhe disse que estava apaixonado por ela há bastante tempo. Para provar, tirou um relogio de pulso de diamante do bolso e forçou-a a colocá-lo no braço. Notando o olhar amedrontado da moça, êle disse:

"— Isto é apenas o começo. Você pode ter o que quiser."

"— O que eu quiser?" — A sua voz tremeu. — "Tem uma coisa que eu quero. Quero ir para casa... para o Canadá. "— As palavras que saiam de sua boca se atropelavam. — "Eu não direi nada. Prometo! Por favor acreditem-me... deixem-me ir..."

"— Se é isso o que você quer..." — Respondeu friamente Legenza. — "Amanhã... talvez." — Em seguida êle segurou o seu braço e a empurrou dentro de um quarto, trancando-o. Então voltou ao restaurante para terminar o sanduiche que ainda não tivera tempo para comer.

Legenza estava sorrindo consigo mesma ao deixar o restaurante. Começou a andar pela rua, odiando-a; odiando-a por não o querer, odiando-a por se ter entregue irrefletidamente a um sujeito como Bill Phillips. Então, quando êle se aproximava do edificio de apartamentos, estacou de repente e se escondeu em um beco escuro. *Ela estava ali, em sua frente, parada no meio da rua! De uma maneira qualquer ela conseguira fugir.*

Ela estava amedrontada e quando o viu começou a correr por um beco escuro. Êle estava logo atrás dela. Rápido e selvagem. Ela estava do outro lado do beco antes que êle a pudesse alcançar. Êle podia ouví-la na rua, gritando por um taxi. Mas o motor do carro continuou.

Finalmente Legenza alcançou a rua. Olhou em seu redor, mas ela desaparecera. Isto significa que ela estava escondida em alguma porta escura. E êle começou a andar ao longo da rua, com os olhos brilhantes procurando-a.

Um taxi veio do outro lado da rua. Estava cheio com quatro pessoas embriagadas. Êle viu Lee correr em direção ao carro e começar a gritar freneticamente. Êle desapareceu nas trevas enquanto ela gritava para o carro.

"— Por favor! por favor! Preciso de ajuda! Até eu apanhar um taxi..." — A principio os ocupantes do carro pareciam rir, mas finalmente tornaram-se um pouco mais sóbrios devido ao tom amedrontado de sua voz. Legenza recuou, ao ouvir as vozes reasseguradoras.

Um momento depois um taxi vazio apareceu, vindo do outro lado da rua. Um dos homens deu um sinal e o carro parou. Lee entrou no carro e disse ao motorista:

"— Para a estação, por favor..."

Depois de um momento ela falou novamente, a sua voz mais aguda:

"— Êste não é o caminho..."

Legenza virou-se do volante para ela. Êle sorria. O corpo inerte do chofer estava caido ao seu lado. Êle o matara para poder apanhar o carro. O carro repentinamente. Legenza sorria friamente.

O terror pulou para os olhos de Lee. Ela se encostou no assento do carro, encolhendo-se. O seu corpo fez uma tentativa instintiva para pular do carro. Mas já era tarde de mais para isso.

"— Benzinho, você não vai a lugar nenhum..." — A voz de Legenza era baixa e áspera. Muito mais baixa do que a voz do revolver em sua mão.

"A moça não identificada, encontrada baleada em um taxi esta manhã, "— dizia o rádio, — "ainda continua em estado de coma. Os doutores lhe dão cinquenta por cento de possibilidade de salvação."

Mary sorriu. Mais estava assombrada.

"— Isso não ajuda em nada. A dona estava apenas a alguns pés de distância. Talvez você já não atire tão bem."

Mary gargalhou.

"— Se a Francezinha abrir a boca vocês dois vão parar na cadeia." — Ela disse, como se isso fôsse uma piada. A melhor piada que ela conhecia.

Legenza não queria levar a culpa, por isso culpou Mais.

"— Não foi muita esperteza sua deixá-la fugir enquanto dormia.

Mais começou a protestar. Mas Mary interrompeu a briga.

"— Todos dois são culpados. E agora não é hora de um abrir a boca para o outro."

"— Só há u'a maneira de tapar a boca da Francezinha", — disse Legenza. — "Temos de chegar ao hospital antes dela voltar a si e terminar o trabalho."

Mary foi na frente e dizendo-se ser repórter de um jornal, conseguiu apurar que a paciente "Nome Desconhecido" se encontrava no quarto 404. No quarto 402 havia um guarda de plantão.

Mais e Legenza atravessavam o corredor, quando Mary veio da direção contrária, em companhia de um guarda. Ao passar por êles, disse bastante alto para que fôsse ouvida.

"—Quem o Sargento Truscott pensa que é para me prender?" — Era um sinal. Truscott estava por aqui em algum lugar e o disfarce de Mary fôra descoberto.

Êles continuaram a caminhar pelo corredor. Os nervos retesados, os passos cuidadosos. Quarto 404! À sua porta êles hesitaram. Legenza abriu a porta cuidadosamente. Os dois entraram. No pé da cama, bloqueando o caminho, estava um biombo. Imediatamente, de detrás dele, um revolver começou a detonar. Êles giraram imediatamente. Enquanto as balas continuavam a passar por seus lados, correram para o corredor. Um corpo caiu atrás do biombo. Trauscott fôra baleado.

Também Mais fôra baleado. Êle cambaleava e a sua camisa estava púrpura de sangue. Começou a cair, mas Legenza o segurou. Juntos, os dois se arrastaram pelo corredor em direção aos elevadores.

"— Que ninguém se mova... fiquem todos onde estão." — Gritou Legenza, dirigindo-se às enfermeiras aterrorizadas e aos visitantes.

Legenza apertava o botão do elevador de serviço, quando do elevador social saiu um grupo de policiais. Não havia muita gente no corredor, no meio das balas dos policiais e de Legenza.

O elevador parou sùbitamente no andar térreo. Juntando as enfermeiras em seu redor, Legenza usou-as como cobertura para alcançar o carro. Os policiais surgiram de todos os cantos, mas não podiam atirar, por causa das enfermeiras.

(*Continua na pág.* 30)

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

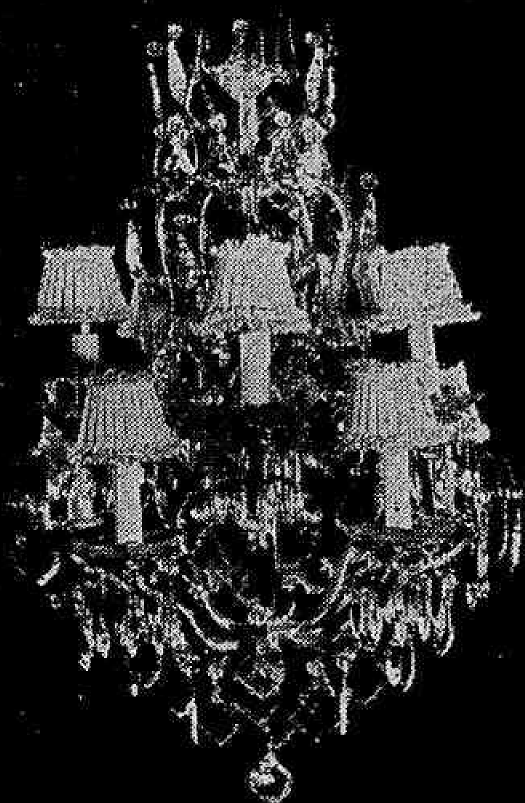
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

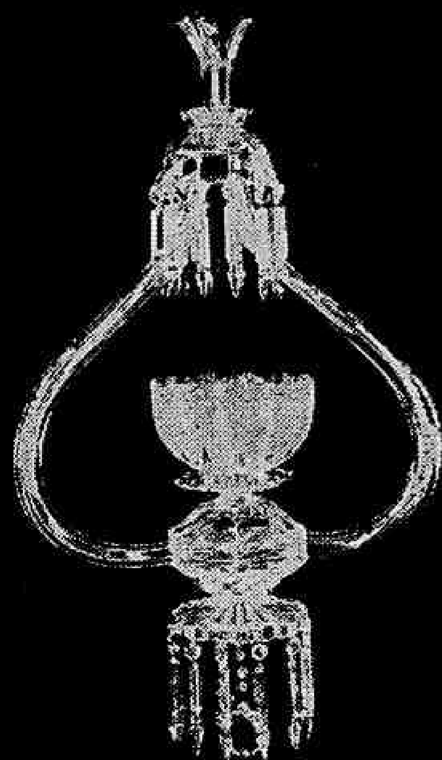
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

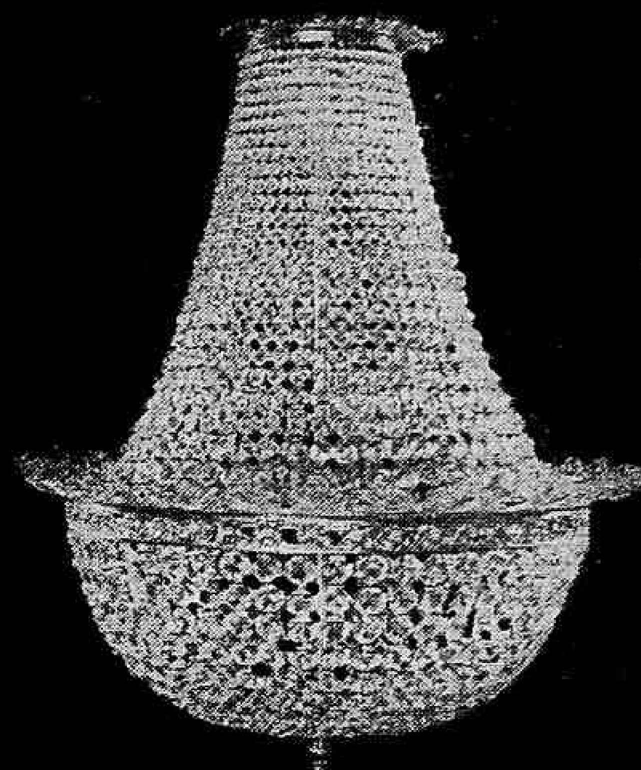
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428



1



2



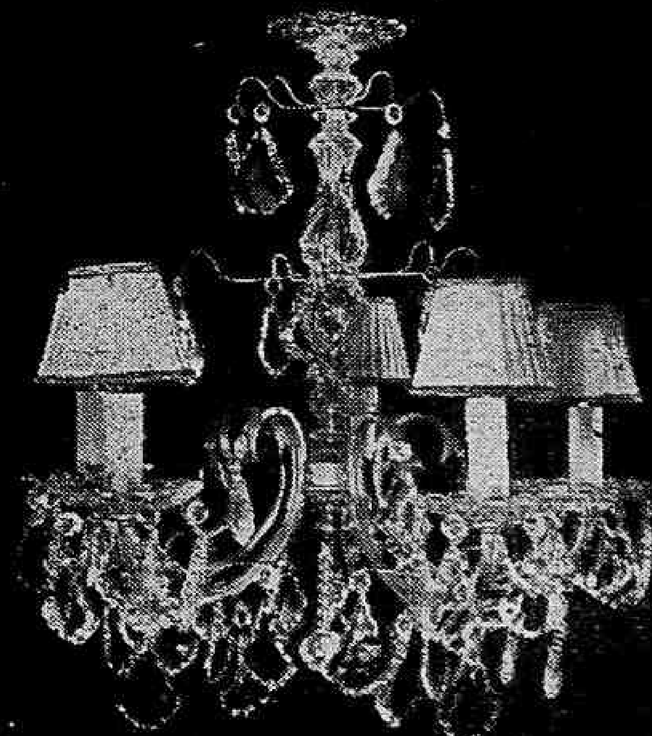
3



4



5



6

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

Rádio

ARMANDO MIGUEIS

PARA VARIAR

HOUVE quem discordasse do placard final de "Os Melhores do Rádio em 1950". Fato comum, aliás, em todo concurso. E' que a maioria não se conforma com a derrota, forjando tôda a sorte de justificativas. Mas, nem todos arrumam desculpa decente. Assim aconteceu com aquêle novelista, acusado de plagiador. Taxou de imbecis os componentes da comissão julgadora. Ùnicamente, porque não se lembraram do seu nome. Êle, o gênio das histórias em capítulos, jamais poderia perder para Amaral Gurgel. Muito menos para Ghiaroni. Mas perdeu. Os "imbecis" não tomaram conhecimento de suas obras-primas, nem fizeram justiça à sua prodigiosa imaginação. Por isso, restava-lhe o desabafo. Êste veio. Agressivo como os capítulos das novelas que escreve. Porém, não atingiu aquêles que escolheram, no duro, os melhores do ano que findou. E' que não nos chamaram para julgar "os melhores surrupiadores de trabalhos alheios". Quando tal acontecer, os "imbecis" dar-lhe-ão a invejada classificação.

Também um locutor-esportivo, cujo mérito é viver mudando de prefixo, discordou do veredictum final. Fê-lo para ser amável a seu novo patrão, a quem, nos dias atuais, considera o "melhor do planêta". Sua argumentação, porém, é falha. Luís Mendes venceu sem qualquer conchavo. E' ridícula a afirmativa de que o "melhor locutor-esportivo de 1950" tenha cabalado votos. Ganhou, porque de fato seu trabalho no decorrer do ano findo estêve acima do dos demais competidores. Logo, aquêles que lhe sufragaram o nome, fizeram-no justiceiramente. Portanto, qualquer veneno nada mais é do que despeito.

Nós, por exemplo, votamos em Paulo Roberto. Nem por isso deixamos de considerar Antônio Maria, um dos melhores produtores. Mas, como não era possível votar em dois, escolhemos o criador de "Nada além de dois minutos". Nem por isso o genial produtor de "Vamos dar um giro" falou mal do julgamento. E' que êle possui talento a bessa. Sabe reconhecer o valor dos colegas.

SETE NOTÍCIAS, APENAS...

Carlos Pallut substituiu Paulo Gracindo na "Seqüência G-3". Participou de "Calouros em Desfile", na ausência do Ari. Animou diversas atrações da Tupi. No fim das contas, bateu à porta da Justiça do Trabalho, a fim de pleitear a rescisão do contrato. Os fãs espantaram-se com essa atitude do espôso de Alba Regina. Coisa simples: maiores vantagens oferecidas pela Guanabara, de onde Pallut saíra para ingressar na Tupi. E êle voltou à PRC-3, como diretor-artístico. ★ Elvira Pagã estêve, com destaque, na primeira página dos jornais cariocas e paulistas. Desta vez, porém, o motivo prendeu-se à questões policiais. E' que a rival de Luz del Fuego, sob os efeitos do "whisky and soda", infringiu alguns dispositivos do Código Penal, sendo levada à fôrça para o xadrez. A cena teve por palco a capital bandeirante, onde a estrêla está residindo. ★ Hugo Vergueiro, conquanto não desfrute da popularidade de um Frias ou de um Reinaldo Costa, nem por isso deixa de ser um bom locutor. Atuando na programação da Cruzeiro do Sul, fêz-se notar pela maneira sóbria de dizer. Hugo Vergueiro, agora, vai fazer o Canadá, como substituto de Cahué Filho, na emissora local. ★ Carlos Brasil é veterano nas lides políticas. Conhece os podres de muita gente. Sabe de bastantes coisas sôbre a política. Derrotado nas últimas eleições, está em atividade ao microfone da Rádio Nacional, onde apresenta, diàriamente, às 22 horas e 5 minutos, a crônica "Pontos de Vista". ★ Lauro Wuller nasceu em Santa Catarina. Cabelo louro, portanto. Seu primeiro contato com o rádio teve-o por intermédio da Roquete Pinto. Deu certo. Daí, a Rádio Globo incluí-lo no seu quadro redatorial. Wuller vai escrever programas de sentido cultural. Por sinal, seu plano de atividade é grandíssimo. ★ Os assuntos desportivos constituem o "leit-motiv" da programação da Continental. Isto, justifica a oportunidade do lançamento de "Venenos da Semana", em que Saldanha Marinho focaliza uma porção de coisas sôbre o basquetebol. Fazendo-o com vivacidade, o assistente de Gagliano Neto prende a atenção daqueles que apreciam o esporte da bola ao cêsto. ★ Mário Mendez cantava na PRE-8, com relativo agrado. Mas, por medida de economia, seu contrato não foi renovado. Agora, encontramo-lo negociando condições com a Mayrink Veiga. Será mais um a reforçar a PRA-9.

CONFISSÃO



Professora MADALENA DA GAMA OLIVEIRA
O rádio não está isento de poderes nocivos.

Ali por volta de 1943, estando Alziro Zarur à frente da direção artística da Rádio Transmissora, a professôra Magdala da Gama Oliveira lançou, através do microfone PRE-3, "Artistas Novos do Brasil". Programa feito para revelar valores na arte do bel-canto teve, de início, sua aceitação limitada. E' que o grande público mantinha sua preferência para os "broadcasts" de sentido popular. Porém, a professôra Magdala não desanimou. Com o incentivo da crônica especializada e o apoio dos que sempre gostaram da boa música, não lhe foi difícil triunfar. Assim, "Artistas Novos do Brasil" logrou impor-se à admiração de todos, vencendo tôdas as etapas. Hoje, indiscutìvelmente, é um dos bons programas da Rádio Globo.

A professôra Magdala da Gama Oliveira, conquanto mantenha o cartaz em aprêço, nem por isso descuida-se de seus compromissos na Rádio Roquete Pinto, da qual é diretora. Daí, a oportunidade de sua confissão sôbre o que pensa do rádio. Ei-la:

— O rádio é, sobretudo, um maravilhoso instrumento de divulgação. Já ficou provado que o rádio não está isento

(Cont. na pág. seguinte)

FORA DA ONDA

SEU LALÁ NÃO ESCAPOU... — Ao acender das luzes do outonal mês de março, Lamartine Babo viu-se herói de uma "canção do dia". O outrora esguio componente do "Trio de Osso", influenciado pelas banhas que adquiriu, compareceu no dia dezenove diante do meretissimo juiz casamenteiro, a fim de livrar-se do pagamento do impôsto de solteiro. Assim, despedindo-se do celibato, Lamartine Babo consorciou-se com a senhorita Maria José dos Santos Renoso.

O queridíssimo Lalá escolheu para local de seu casamento a cidade de Corrêas. Fêz tudo em segrêdo, fugindo a qualquer publicidade em tôrno de tão auspicioso acontecimento. E' que o autor da "Canção do Dia" conhece de sobra a curiosidade dos fãs. Dai evitar qualquer atropêlo, indo buscar na tranqüila cidade de Corrêas, o ambiente propicio para seu tão esperado enlace.

PROMESSA NÃO CUMPRIDA... — Nos últimos dias de 1946, num cordialissimo bate-papo com seus amigos da crônica radiofônica, Oranice Franco, hoje à testa da redação comercial da PRE-8, anunciava a ultimação de uma novela sôbre a vida de Castro Alves. A noticia como era de esperar, chegou até às colunas especializadas. Porém, o tempo foi correndo. Oranice, assoberbado com seu trabalho na Nacional, deixou de produzir histórias seriadas. Ficou, dêsse modo, uma promessa não cumprida "A Vida de Castro Alves", segundo tudo faz crer, não passou de um sonho irrealizado...

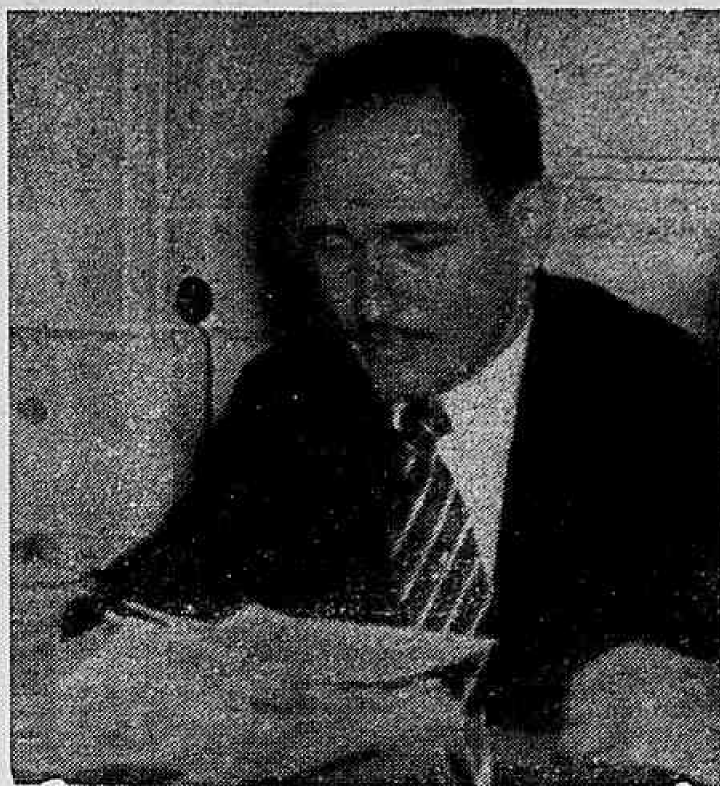
UM VERDADEIRO ARTISTA — Oscar Borgerth é, indiscutivelmente, um grande virtuose. Sua admirável arte continua a merecer os mais calorosos elogios daqueles que têm a felicidade de ouvi-lo ao violino. Suzanne Demarquez, por exemplo, escreveu em "Le Courier Musical", de Paris, o seguinte: "... Borgerth possui uma real segurança de arco, sua afinação não falha e esta particularidade é extremamente dificil de provar na Chacone de Bach; não há dúvida de que êle será, dentro em breve, uma personalidade marcante entre seus confrades; sua musicalidade nô-lo garante com segurança."



LAMARTINE BABO
Adeus, celibato!

GURGEL - PAI DE TODAS...

Novelas que são atribuidas ao autor de "Penumbra"



AMARAL GURGEL
O melhor novelista de 1950

Até parece samba do Evaldo Rui! Basta surgir uma novela de sucesso para a turma gritar p'ro Gurgel: — Tome que o filho é seu!

Êle tem sido apontado como autor de muita coisa que não escreveu. "Renúncia", por exemplo, foi incluida no acêrvo de suas produções. Há muita gente que o julga autor dessa famosa novela de Oduvaldo Viana. "Em busca da felicidade" está na mesmissima situação. Nada valeu a publicação nos jornais do retrato de Leandro Blanco. Em São Lourenço, quando em gôzo de merecido descanso, Gurgel recebeu cumprimentos pela autoria de três novelas que, na realidade, foram escritas pelo Giuseppi Ghiaroni.

Agora, o autor de "Pedro Mestiço" aparece como travestido de Dalva de Matos, a fim de abiscoitar uns cobres da Rádio Nacional. A noticia, porém, não procede, embora caiba-lhe certa parcela de culpa no caso. E' que... Bem, deixemos o Gurgel contar a história que, por sinal, não é seriada:

— Fui eu quem apresentou a nova autora ao Barros Barreto. Mas, antes que me faça perguntas indiscretas: Dalva de Matos é uma senhora casada, espôsa de um médico e que não deseja absolutamente que seu nome apareça.

E, quanto ao fato de levá-la ao meu amigo Barreto é simples. Êle precisava de autores. A escritora tinha peças completas, um gênero que já não existe na minha emissora. Logo...

Como na história da "Néga Maluca", Gurgel é considerado o pai de filhos alheios... Rebentos que recebem a simpatia do grande público. O novelista, a respeito do assunto, faz uma ressalva:

— Ainda bem que a paternidade só me foi atribuída em novelas... Nesse sentido, vou lhe contar um fato divertido. Eu fui alvo de uma homenagem certa vez. Do palco, o orador começou a citar as minhas obras de sucesso no rádio. Disse umas dez e tôdas de outros autores... Por fim, referiu-se que eu também era homem de teatro. "Agora acerta" — pensei. — Mas qual... o homem referiu-se logo a "Manhãs de Sol".

Oduvaldo Viana acha divertidissima essa ignorância. Êle próprio, em Poços de Caldas, viu-se transformado em pai de uma peça do Gurgel. E' que alguns admiradores prepararam-lhe uma homenagem. Êle foi, assistiu ao espetáculo inteirinho, recebeu os aplausos e só então tomou conhecimento da peça que era "Os Transviados".

A crônica especializada, porém, conhece de sobra as produções de Amaral Gurgel. Sabe-o talentoso. Por isso, quando da reunião para a escolha de "Os Melhores do Rádio em 1950", a turma descarregou a votação em cima do nome do radiofonizador de "São Bernardo".

Amaral Gurgel foi, portanto, o "melhor novelista de 1950", não é seu.

CONFISSÃO

de poderes nocivos, mas sua influência benéfica existe numa proporção de oitenta por cento na transmissão de matéria útil ao gênero humano. A ação de "ouvir o rádio" é mais individual que coletiva. O direito de escolher o programa preferido, inclusive através de emissoras internacionais, dá ao ouvinte um complexo de superação de conhecimentos ao contato de poderosas fontes de informação.

Lamento que nem todos saibam comparecer ao microfone com a devida noção de responsabilidade.

Quando houver menos amadorismo no rádio e mais rigor de seleção entre os ouvintes, o povo terá conquistado a maioridade de julgamento tão necessária ao progresso, isto no setor especializado da radiodifusão.

ESTRADA 301

(Cont. da pág. 26)

Legenza decidiu esconder-se em uma farmacia, saiu do hospital e entrou por um beco.

O som de sirenas começou a cortar a noite. Mais balbuciava:

"— Eu... nunca... conseguirei..."

"— O carro está logo ali na esquina!" — Murmurou Legenza. — "*Temos de chegar lá.*"

Mais encostou-se a uma parede e caiu. Legenza não o esperou e começou logo a correr para a esquina. Os carros da policia se aproximava. Legenza viu Herbie dar saida no carro. Desesperadamente gritou para êle esperar. Brooks diminuiu a marcha e Legenza pulou para dentro.

O carro logo saiu da cidade, entrando numa estrada, seguido de perto pelos carros da policia. Os perseguidores começaram imediatamente a atirar contra os bandidos. Brooks gemeu e caiu por cima do volante. O carro perdeu o contrôle e foi de encontro a um edificio. Legenza abriu a porta e saiu correndo sòzinho para a liberdade.

Entrou em um edificio pobre. Atravessou um longo e escuro corredor. Saiu pelos fundos, pulou uma cêrca e correu para as margens de uma estrada de ferro.

Ao chegar ao leito da estrada começou a correr, na escuridão da noite. A respiração era apenas uma agonia aguda dentro de seu peito. Mas Legenza continuou correndo, sem pensar em voltar atrás ou parar. Isto significaria a morte.

Os gritos se estavam aproximando. Êles deveriam ter luzes. Êles o distinguiriam e êle seria assassinado pela polícia. Com que direito êles o matariam? Então uma outra interrogação surgiu em seu cérebro: Com que direito êle roubara e também matará? Mas Legenza ainda encontrou uma desculpa: precisava viver...

As luzes de um trem se aproximaram. Legenza se meteu debaixo de uma ponte. Logo depois ouviu o barulho do trem. O monstro de ferro já começava a passar por cima de sua cabeça... O barulho era ensurdecedor. Legenza perdeu o equilibrio...

No dia seguinte as manchetes dos jornais noticiaram que Lee Fontaine voltaria ao Canadá e para o seu lar. Mas George Legenza estava morto. Não mais a Quadrilha dos Três Estados era u'a ameaça.

(Tradução e adaptação de Antônio Rocha)

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO 1471 - SÃO PAULO
PEÇA CATALOGO GRATIS

CINEMA
A MAIS RENDOSA INDÚSTRIA DO MUNDO
SEJA UM DOS SEUS SÓCIOS CAPITALISTAS, SEM EMPREGAR UM ÚNICO CENTAVO!
OPORTUNIDADE EXCEPCIONAL
Envie nome e enderêço, em envelope selado com Cr$ 2,00 a-fim-de receber autêntica foto de uma das mais notáveis artistas da tela, acompanhada da explicação desta mágica, ao
FÃN FOTO CLUBE
Caixa Postal, 752
Salvador, Bahia, Brasil

QUÉDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
BELEZA e VIGOR DOS CABELOS
INSUPERÁVEL
Há cinqüenta anos

AMOR VAI, AMOR...

(Cont. da pág. 21)

mento de chamados para casos urgentes e êle tinha de ir andando...

Ina ficou com o olhar fixo na porta por onde êle acabava de sair e, sùbitamente, caiu prostada na poltrona, chorando convulsivamente.

A fim de justificar-se perante Agnes por ter sido visto em um clube noturno em companhia de Ina, Linc foi forçado a prometer que faria uma conferencia sôbre resfriados no clube feminino a que a sua futura esposa pertencia. Como resultado, enquanto falava que sòmente as pessoas medrosas apanham resfriados, uma razão por que médicos não são abatidos por gripes, Linc começou a espirrar e teve de retirar-se para casa com um terrível resfriado.

Em casa, telefonou para Stella, avisando-a que não aparecia em casa de Ina por alguns dias em virtude de ter sido acometido por um resfriado. Em seguida meteu-se debaixo dos cobertores.

Estivera delirando por alguns instantes, quando, repentinamente, as luzes foram acesas e em sua frente apareceu Ina com um remédio para êle. O remédio era um copo de whiskey e êle, após tomá-lo, estendeu o braço para apanhar um toalha.

"— Foi muita bondade sua ter vindo até aqui, Ina. Mas, provàvelmente você pegará o meu resfriado dentro de quarenta e oito horas. Por que você não teve bastante senso para ficar longe daqui?"

Com um sorriso nos lábios, Ina ajeitou os cobertores e alguns minutos depois êle roncava suavemente.

Foi durante o III ato de Carmem que Linc acordou. Pensou que alguém estivesse tocando os seus velhos discos e, cambaleando, dirigiu-se à sala, encontrando Ina, vestindo um de seus pijamas. Estava tudo confuso, mas êle teve uma súbita vontade de apanhá-la em seus braços e beijá-la sofregamente. Ela não resistiu.

"— Querido." — murmurou Ina suavemente.

Linc, agora completamente acordado, olhou-a espantado.

"— Você está curada. Eu a curei! Você pode falar!"

Êle a puxou para a poltrona e, apontando para a vitrola, pediu-lhe para cantar uma das arias de *Carmen*. Quando ela terminou,, Linc novamente tomou-a em seus braços. E foi exatamente nesse instante que Chris entrou no aposento, acompanhado de Agnes. Agnes olhou para as pessoas na poltrona, ambas de pijama e comentou:

"— Tenha fé em mim, êle pediu!"

"— Não a culpo por estar com raiva, Miss Young," — disse Ina — "mas tinha de terminar assim."

"— Veja! Ela fala!" — Gritou Chris. — "Exatamente como sempre fez!"

"— Deu certo!" — exclamou Linc, virando-se para Agnes. — "O seu pai sugeriu êste tratamento. Ela necessitava a restauração de sua segurança emocional. Foi um simples caso de psicologia aplicada. A sua afonia era simplesmente psicosomática."

"— Se a sua idéia de terapia..."

"— Agnes", — interveio Chris, — venho assistindo Linc... nesse tratamento desde o seu início. Por que não lhe explico êste caso com palavras de uma sílaba?"

"— Compreendo termos médicos tão bem quanto qualquer um de vocês," — lembrou-lhe Agnes.

"— Então deve conhecer o juramento de Hipocrates. Êle diz que o médico tem de fazer uma cura, pouco importando os fatores ou circunstâncias desfavoráveis." — Declarou solenemente Linc.

"— Com juramento ou sem juramento, o tratamento da prima donna está terminado, Dr.?" — Indagou Agnes.

"— Sim, querida, sim."

Ina estava tremendo de raiva e depois de dizer meia duzia de desaforos deixou o apartamento de seu ex-marido. Depois dela se ter retirado, Agnes perguntou:

"— Você quer casar-se comigo?"

"— Sim, querida", respondeu dòcilmente Linc.

"— Quando e onde?"

"— Querida, casarei com você no Yankee Stadium, frente a cem mil testemunhas..."

Ina estava aparecendo aquela noite num espetáculo da companhia de brinquedos Bartlett, como estrêla convidada. Linc entrou no salão no momento exato em que ela terminava um número de Rodgers e Hart e era delirantemente ovacionada.

Ela deixou o microfone e Chris lhe fez um sinal. Então, ela se dirigiu a platéia:

"Senhores e senhoras, recentemente eu perdi a voz e agora lhe dou mais valor do que nunca. Sòmente compreendi isso quando recuperei a voz. Agora que tive tempo para pensar no assunto, quero agradecer pùblicamente ao Dr. Lincoln I. Bartlett, um ótimo médico e excelente pessoa."

Chris puxou Linc para o palco.

"— Diga alguma coisa."

"— Você não está atrasado para o seu casamento com Agnes?" — sussurrou Ina.

Linc meneou a cabeça negativamente e apontou para a garganta.

"— Não me diga que você tem blastomicosis! Você estêve em alguma floresta? — Linc novamente maneou a cabeça e sorriu.

"— Ah," — suspirou compreensivamente Ina. — "afonia funcional."

Linc meneou com a cabeça afirmativamente. Então êle tirou uma caderneta de receitas do bolso e escreveu:

"— Estou maluco por você. Quer casar-me comigo?"

"— Ora, Linc, para que escrever o seu pedido. E' claro que me casarei com você, querido."

"— No duro?" — indagou Linc e a tomou em seus braços, esquecendo-se da platéia que o olhava embevecido.

Depois de se ter separado do amoroso abraço Linc disse de uma maneira que não conseguia esconder o clínico:

"— Posso falar. Estou, curado."

Ina respondeu-lhe com o menos clínicos dos beijos...

(Tradução e adaptação de ANTONIO ROCHA)

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE:...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

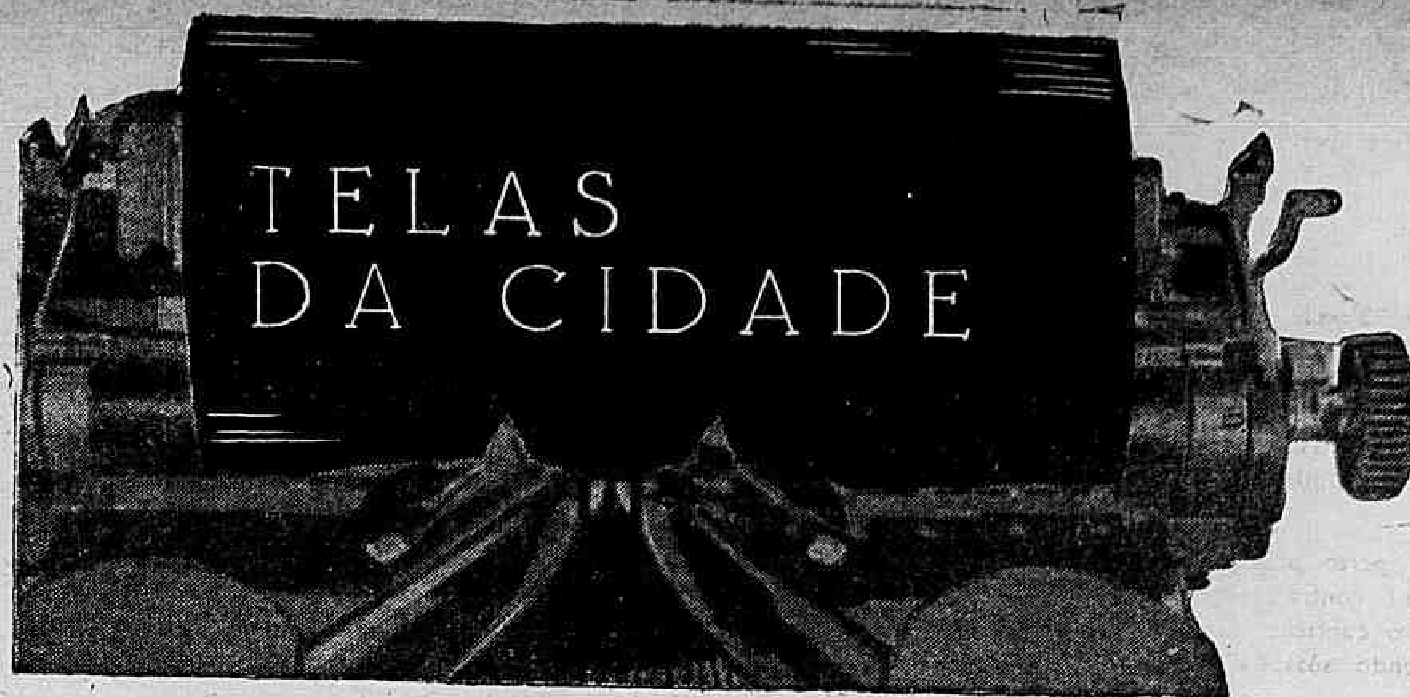
LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 78 — 3º
São Paulo
Remessa pelo Reembolso Postal



CHAMPAGNE PARA CÉSAR

(Champagne por Caezar — United)

Argumento fino, inteligente, feito em tom de sátira aos programas radiofônicos que costumam distribuir prêmios em auditórios. O cenário não aproveita bem algumas passagens mas resulta satisfatório. Richard B. Whorf, na direção, consegue bons resultados, especialmente em algumas cenas realmente hilariantes. Ronald Colman vive a figura de um homem enciclopédico que sabe tudo e, por ter sido recusado em um emprêgo numa importante emissôra, dispõe-se a enfrentar o auditório, respondendo a tôdas as perguntas, sem desejar aceitar os prêmios, que vão sendo «dobrados» de dia a dia, até atingir a soma de 40 milhões de dólares, que é em quanto avaliou a própria estação. A idéia é interessante, sem dúvida, e, apesar dos absurdos, é apresentada com certa lógica, com leves toques de farsa e uma ironia sempre presente em tôdas as imagens — com o propósito exclusivo de satirizar os recursos abomináveis da distribuição de prêmios em programas de auditório. Uma série de complicações vai surgindo, à medida que o prêmio se avoluma. O homem fenômeno toma conta dos cabeçalhos dos jornais: há alvorôço dentro da própria estação transmissora. E' preciso **eliminar** o homem, embaraçá-lo. Cria-se uma história de amor, e jogam-lhe em cima a figura sempre simpática de Celéste Holm, que nos proporciona um romance grotesco e algumas boas cenas. Vincent Price rouba todo o filme, simbolizando, caricaturalmente, o magnata da emissôra e que vê, a cada minuto, próximo o seu fim. Colman representa com muita naturalidade o seu papel, embora assentasse como uma luva ao «gênio» Clifton Webb. Bárbara Britton também toma parte, com naturalidade. Art Linkletter é o animar do programa, também okay.

Cotação artística: 3
Cotação comercial: 3



SUBLIME INSPIRAÇÃO

(The Rocking Horse Winner — Rank-International)

Filme britânico, lançado modestamente, apesar da boa qualidade. História atraente, embora não muito explícita, devido, talvez a ineficiência da adaptação, deixa margens a várias interpretações. O diretor Muir Matheson que, diga-se, consegue alguns momentos de cinema de primeira qualidade, conduz a narrativa num ritmo sereno, humanizando tanto quanto possível as complexas personagens que nele tomam parte. Trata-se da displicência de uma jovem mãe em relação ao seu lar, colocando acima de tudo o seu próprio bem estar, sem se importar com as dificuldades financeiras do marido — e sem se preocupar com os próprios filhos. Um dos meninos, de bons sentimentos, resolve ajudá-la. E toma gôsto pelas corridas de cavalos, cujos palpites lhe são ditados por vozes que emanam das paredes de sua própria casa e que sòmente êle ouve, quando, num esfôrço sobre-humano balança-se em seu cavalo de pau. (E' justamente nestes momentos onde a câmara faz prodígios e montagem e o corte completam magníficos efeitos obtidos). O tempo vai passando, e o menino vai ficando exausto, até ser entregue aos cuidados médicos, onde vem a falecer. Mas já antes havia juntado a soma de 80.000 libras, que pede sejam entregues à sua mãe. Alucinada, ela cai na realidade. Manda queimar o cavalo de pau e o dinheiro. E sente-se envergonhada de si mesma. Verdade, a história cairia no ridículo, não fôsse a sobriedade e a segurança da direção de Muir Matheson; como é bem verdade que poderia ser muito valorizada, caso se dedicasse melhor atenção ao cenário, definindo melhor os personagens, marcando com mais convicção os seus tipos. Contudo, é uma obra apreciável, com alguns momentos de muito bom cinema.

Cotação artística: 3,1/2
Cotação comecial: 2

COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

CREPÚSCULO DOS DEUSES

(Sunset Boulevard — Paramount)

BILLY Wilder e Charles Brakett têm o dom de fundir admiràvelmente o cinema-arte e o cinema-bilheteria. «Farrapo Humano», e «Tarde Demais» são os exemplos mais evidentes. Para êste ano, fizeram, ainda de parceria, mais uma obra que dignifica o cinema americano, tão injustamente combatido. Crepúsculo dos Deuses» é um auto-retrato de Hollywood, com alguns toques favoráveis, que não lhe tiram, antes, ao contrário, consèrvam-lhe aquela dignidade e aquele aspecto envolto em mistério, adquirido pouco depois de seu nascimento. **Sunset Boulevard** apresenta, em primeiro plano, o drama íntimo de uma mulher que vive agarrada na sombra do passado: Norma Desmond, figura fictícia, mas que bem provàvelmente poderia existir (se não existe de fato) na vida real. Bonita e famosa ao tempo do silencioso, é hoje uma estrêla esquecida. Esquecida pelo público, sim, mas nunca ela poderia esquecer êsse mesmo público. Egocêntrica, doentia, o mundo gira em tôrno de si mesma, e a idéia de que «ainda» seria uma atriz vitoriosa, no cinema falado, roe-lhe a alma, com a mesma morbidez que fala de si mesma, de sua arte, rodeada de retratos, de luxo, de confôrto, rodeada de si própria, no afã de fugir ao tédio, na angústia sombria de paralisar o tempo. O drama de Norma Desmond é bem delineado. Seu tipo está bem marcado, psicològisamente, especialmente por ter lhe dado Glória Swanson, todo o vigor de sua arte, talvez porque, ela mesma, como atriz, sinta em realidade, um paralelo entre a ficção e a realidade de sua própria vida. Talvez porque encontrasse na personagem interpretada, um pouco de si mesma. Todavia, embora o filme se afigure a alguns, como um simples drama passional (o que não deixa de ser), o filme cresce em interêsse por se desenrolar dentro da própria Hollywood, com uma estrêla do cinema, abordando, embora de relance, alguns de seus problemas mais sérios, ora em tom irônico, ora em tom amargo, e ora simplesmente em tom cru, direto, sincero — como no caso do escritor de cenários cujos «scripts» eram constantemente recusados. Em tôda a linha do filme, nota-se uma perfeita coesão, um sentido único, um ritmo bem delineado. A câmara acompanha friamente todo o desenrolar da história, em retrospecto, iniciado até o momento do crime, onde se inicia o filme. Interpretações muito boas, cada qual desejando «engulir» o outro. Glória Swanson domina, de forma invulgar, o seu papel. Erich Von Stroheim, embora num papel pequeno e sem muita oportunidade, mostra a classe que tem e o gigante que é na arte de representar. William Holden, depois de tanto desperdício, tem sua verdadeira oportunidade; e agarra-a com unhas e dentes. Nancy Olson, uma pequena nova, dá o toque poético em todo o filme, deixando transcorrer, sob aquêle sorriso de ternura e carícia, uma atmosfera de perfume que se espalha em tôda a história. John F. Seitz fotografou muito bem e Franz Waxman confirma suas qualidades inatas de grande compositor, dando um sentido altamente cinematográfico à sua partitura. Em suma, «Crepúsculo dos Deuses» é um filme de qualidade: história interessante e muito bem feita. Vale a pena ser vista.

Cotação artística: 4

Cotação comercial: 3,1/2



LOUCOS DE AMOR

(Love Happy — United)

Os Irmãos Marx sempre são esperados com ansiedade, e não me lembro de ter rido tanto no cinema como quando vejo suas películas. Grouxo, Xico e Harpo são, por isso mesmo, sempre benvindos. A espectativa tanto mais crescia de interêsse quando o argumento de «Loucos de Amor» trazia a assinatura de Harpo Marx, indiscutìvelmente um dos mais inteligentes cômicos do cinema, reaparecendo assim de forma bastante auspiciosa, após alguns anos de ausência. O início do filme, onde Grouxo faz a apresentação, é excelente. Promete um filme inteligente, repleto de piadas finas, e é nesse ponto que começamos a afrouxar os cintos para dar boas risadas. Mas tudo muda, como por encanto, e o filme cai no comum. História inteligente, sem dúvida, não procura evitar certos lugares comuns, mas explora com habilidade o «non-sense», apresentando algumas cenas realmente engraçadas e originais, como aquela série final, entre os letreiros luminosos expostos no terraço de um edifício. Há alguns números musicais interessantes, mas que podiam obter melhores resultados. Vera-Ellen fotografa melhor em prêto-branco e está mais graciosa e mais linda que nunca. Illona Massey, sofisticada, está aceitável. Os Marx Brothers demonstram suas qualidades musicais, em trechos isolados e não muito bem aproveitados (harpa e piano). Mas é só.

Cotação artística: 2
Cotação comercial: 3

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK



FRED MAC MURRAY

FRED Mac Murray que é, naturalmente, um dos «caras» mais aborrecidos do cinema, nasceu em (pudera, tinha que ser numa cidade com êsse nome!!!) Kankakee (gravaram bem? Can, ca, qui...), Ilinois, Estados Unidos da América do Norte (do norte, hein!!!) num 30 de agosto qualquer. Mede 1,90m (ô gigante, ô espantalho) e pesa muito bem. Está em Hollywood desde 1932 (trinta e dois!!!) e já filmou um bocado, para a Fox, Paramount, RKO, Columbia, Warner, Metro e Universal. Filmes principais: «Meninas loucas», «O Lírio Dourado», «Pistas Secretas», «Homens sem nome», «A mulher que soube amar», «Corações Unidos», «Roubada do Altar», «Amor e ódio na floresta», «Treze horas no Ar», «A Princesa de Brooklyn», «Atiradores do Texas», «A Valsa da Champanhe», «A Donzela de Salém», «Começou no trópico», «Reportagem de sangue», «Confissão de mulher», «Hollywood é nossa», «Conquistadores do Ar», «Uma família gozada», «Borboleta de Salão», «Convite à felicidade», «Solteira por capricho», «Lembra-se daquela noite?», «Na antiga New York», «Maridos em Profusão», «Figuras do mesmo naipe», «Virgínia Romântica», «Uma noite em Lisboa», «Demônios do Céu», «Nova Iorque é assim». «A mãe solteira», «Ela e o secretário», «Clarão no Horizonte», «Sem tempo para amar», «Coquetel de estrêlas», «Quero você, morena», «Insuspeitos», «A irresistível impostora», «Pacto de Sangue», «Adoravel Engano», «Notavel Impostor», Fantasia de Amor», «Capitão Eddie», «Ninho da Serpente», «Furacão Negro», Relíquias de Amor», «O Ovo e Eu», «Singapura», «O milagre dos sinos», «Lua de mel com pimenta»», «No nosso algre caminho», «Não confie no seu marido», «Papai foi um craque», «Reinado do Crime» e «Never a dul moment». As atrizes Sue Carol (hoje ilustre senhora Alan Ladd), Dixie Lee, Claudette Colbert, Ann Sheridan, Katharine Hepburn, Sylvia Sidney, Joan Bennett, Carole Lombard (hoje falecida), Jean Parker, Gladys Swarthout, Dorothy Lamour, Frances Langford, Harriet Hiliard, Louise Campbel, Ellen Drew, Madeleine Carroll, Irene Dunne, Shirley Ross, Bárbara Stanwyck, Alice Faye, Jean Arthur, Patrícia Morison, Alexis Smith, Mary Martin, Marlene Dietrich, Rosalind Russell, Paulette Goddard, Susan Hayward, June Havoc, Betty Hutton, Joan Crawford, Marquerite Chapman, Joan Leslie, June Haver, Lynn Bari, Helen Walker, Ava Gardner, Alida Valli, Maureen O'Hara e Claire Trevor já passaram por suas armas (tradução: «armas» em inglês quer dizer: braços...)



JEAN PETERS

INICIALMENTE, pelo amor que eu tenho a ela, senhores fãs: não confundam Jean com Susan Peters. Ambas são «brotinhos». Ambas encantadoramente sofisticadas. Ambas terrivelmente interessantes, sendo a Susan ligeiramente mais antiguinha na tela, e teve aquela história de paralisia e de sua magnífica resistência, belo, nobre gesto humano, etc., etc., etc., que a consagrou perante as massas iluminadas pelo óleo das lâmpadas da China dos U.S.A., etc., etc., etc.. Quanto à Jean, menos simpática, mas todavia como direi pois por assim falar como diria o Cantinflas, entretanto, porém, dado que, conforme as «intempéries» e outros lugares comuns do cronista que pisa artistas: Jean Peters, repito, nasceu outro dia, naquele filme espetacular colorido do Tyronesinho «Capitão de Castela», lembram-se? Daí p'ra cá a Fox, companhia que nela alimenta esperanças, experimentou-a numa série de filmes de 2a. linha, entre os quais «Gosto dêsse bruto» e «Orfão do Mar», interessa? Pois bem: com pouco a pequena deu p'ra ficar popular e tal e lousa e começou a posar cada vez com um vestido e um penteado novo, mas a cara, a carinha que Deus lhe deu, essa ninguém tira, não é, «honey»? Jean Peters pròximamente virá em belos filmes, dêsses da gente respeitar, tirar o chapéu, tá? Mas... quando será isso? Bem, quando será garanto que nem aquêle velho da história da lagoa com gin e água tônica limonada sabe...



SUSAN HAYWARD

SUSAN HAYWARD, uma das pouquíssimas atrizes realmente talentosas atualmente militando no cinema americano, nasceu em New York, N.Y., Estados Unidos da América, a 16 de julho de 1919 e seu verdadeiro nome é Edith Marrener, interessa?... Tem olhos castanhos e cabelos ruivos, interessa?... Pois bem: estreou em Hollywood em 1938 e de então para hoje apareceu em filmes da Warner Bros., Paramount, United Artists, Columbia, Republic, Universal, Eagle-Lion-Classic, RKO Rádio e 20th Century Fox, sendo os mais importantes: «Mulheres Culpadas», «Beau Geste», «Bôca não é garganta», «Os quatro filhos de Adão», «Adoravel Intrusa», «Herança de ódio», «Vendaval de Paixões», «Clarão no horizonte», «Casei-me com uma feiticeira», «Clube dos inocentes», «Nasce o Amor», «Coquetel de Estrêlas», «Jack London», «Romance dos sete mares», «Nunca é tarde», «O Grande Bruto», «Paixão Selvagem», «Morte ao amanhecer», «Desespêro», «Recordações», «Rua das almas perdidas», «Raizes de Paixão» (exibido em alguns Estados do Brasil como «Paixão e Sangue»), «Um homem irresistível» (Saxon Charm: não confundir com Her Kind of Man), «Tulsa», «Sangue do meu sangue», «Meu Maior Amor», «Rawhide», «I can get it for you wholesale», «I'd climb the highest mountan» e «David and Bathseba». Susan Hayward, será preciso dizer, além de talentosa, possui um corpo dos mais belos e sedutores do cinema, incluindo-se nisso cabeça, tronco e membros...



JOSEPH COTTEN é de Petersburg, Virgínia, Estados Unidos da América do Norte. Nasceu a 15 de maio de 1905 (velhinho, hein, quem diria, né?...) Está no cinema desde 1941, descoberto e apresentado por Orson Welles. Fez: «Cidadão Kane», «Lydia», «Soberba» (1941); «Jornada do Pavor», (1942); «Sombra de uma dúvida, «Laços Eternos» (1943); «A Meia Luz», «Desde que partiste», «Ver-te-ei outra vez» (1944); «Um Amor em Cada Vida» (1945); «Duelo ao Sol» (inédito no Brasil, por burrice dos importadores — 1946); «Ambiciosa» (1947); «Portraif of Jennie» (também inédito no Brasil por asnice — 1948); «Sob o signo de Capricórnio», «Filha de Satanás», (1949); «O que a vida me negou», «O terceiro homem» (inédito no Brasil), «Entre dois juramentos» (1950); «Half Angel» 1951. Joseph Cotten já filmou para a RKO Rádio, United, Universal-International, Metro, Paramount, David O. Selznick (a quem pertence, por contrato), Warner Bros., e Fox. Suas uvas foram: Merle Oberon, Teresa Wright, Deanna Durbin, Ingrid Bergman, Claudette Colbert, Jennifer Jones, Ginger Rogers, Loretta Young, Bette Davis, Alida Valli e Linda Darnell.



JOSEPH COTTEN

música

OSWALDO DA CUNHA

ASSIM É O RÁDIO

PODEMOS afirmar sem exagêro, que a nosso vêr, o rádio carioca oferece-nos um único dia no ano em que podemos utilizá-lo para se ouvir realmente boa música, e, por incrível que pareça, êste único dia é — sexta feira santa. Pudemos formular esta observação ao ouvirmos os vários programas transmitidos pelas nossas emissoras, na data máxima do cristianismo. Neste dia, obrigados (infelizmente êste é o termo) pela seriedade do dia, as emissoras não tiveram outro recurso, senão o de tirar das prateleiras as maravilhosas composições de Bach, Haendel, Mozart, Liszt e outros imortais representantes da legitima música universal, e o que tivemos foi uma sequência infindavel de ótimos programas, que levaram a milhares de lares brasileiros alguns momentos de música pura e instrutiva. Outra observação que nos foi dado a fazer, foi quanto a quase total ignorância de certos locutores, que, com absoluta irresponsabilidade e a seu bel-prazer, trocavam os nomes das peças irradiadas, o mesmo acontecendo quanto aos autores e intérpretes pronunciando-os mal, numa confusão de irritar. Francamente, com o avanço técnico atingido pelo nosso rádio, já era tempo de termos alguma cultura mais,, o suficiente ao menos para evitarmos tais disparates. Acho que deviamos exigir um pouco mais de alguns dêstes senhores, do que a simples transmissão entusiasmada de uma partida de futebol.

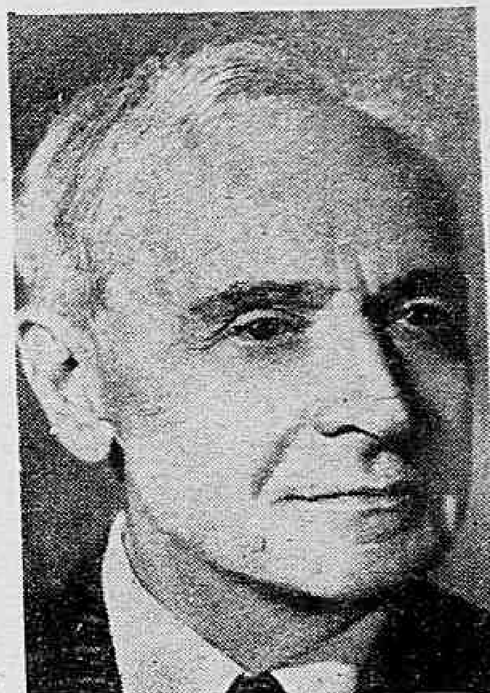
NOTICIA'RIO

7º CONCURSO INTERNACIONAL DE EXECUÇÃO MUSICAL

Após o 6º Concurso Internacional de Execução Musical no qual 255 candidatos de 30 países tomaram parte, o comité de organização decidiu preparar, para 1951, novo concurso internacional. Êste se realizará em Genebra, de 24 de setembro a 7 de outubro, e constará das seguintes provas: canto, piano, sonatas para piano e violoncelo, flauta e côro. Artistas de todos os países, de 15 a 30 anos, poderão participar. Os prêmios são no valor total de dez mil francos suiços.

Êste concurso revestir-se-á de maior interêsse do que os precedentes, pelo fato do acréscimo de uma 3a. prova com orquestra, para a atribuição dos prêmios, isto graças à colaboração da «Rádio-Genève» e da orquestra da Suiça francesa.

Os prospectos contendo o regulamento e o programa do concurso acabam de ser editados e serão enviados gratuitamente aos candidatos. O pedido poderá ser dirigido ao «Secretáriat du concours, au Conservatoire de musique de Genève». A lista do juri, composta de eminentes professores estrangeiros e suiços será publicada em fins de fevereiro. As inscrições serão aceitas até 14 de julho.



SERGE KOUSSEVITZKY

A Orquestra Sinfônica Brasileira anuncia para breve a presença entre nós do famoso regente Serge Koussevitzky, que durante vinte e cinco anos conduziu a Orquestra Sinfônica de Boston. Koussevitzky doou à Universidade Hebraica, de Jerusalém, tôda a sua biblioteca musical. Esta biblioteca, considerada uma das melhores no gênero, foi doada com a condição de serem cedidos tôdas as partituras e manuscritos que fossem solicitados pelas organizações interessadas, no Estado de Israel. A coleção inclui, tôdas as obras de Beethowen e Bach, além de outras partituras completas de quase todos os grandes mestres da música clássica e algumas obras de compositores modernos.

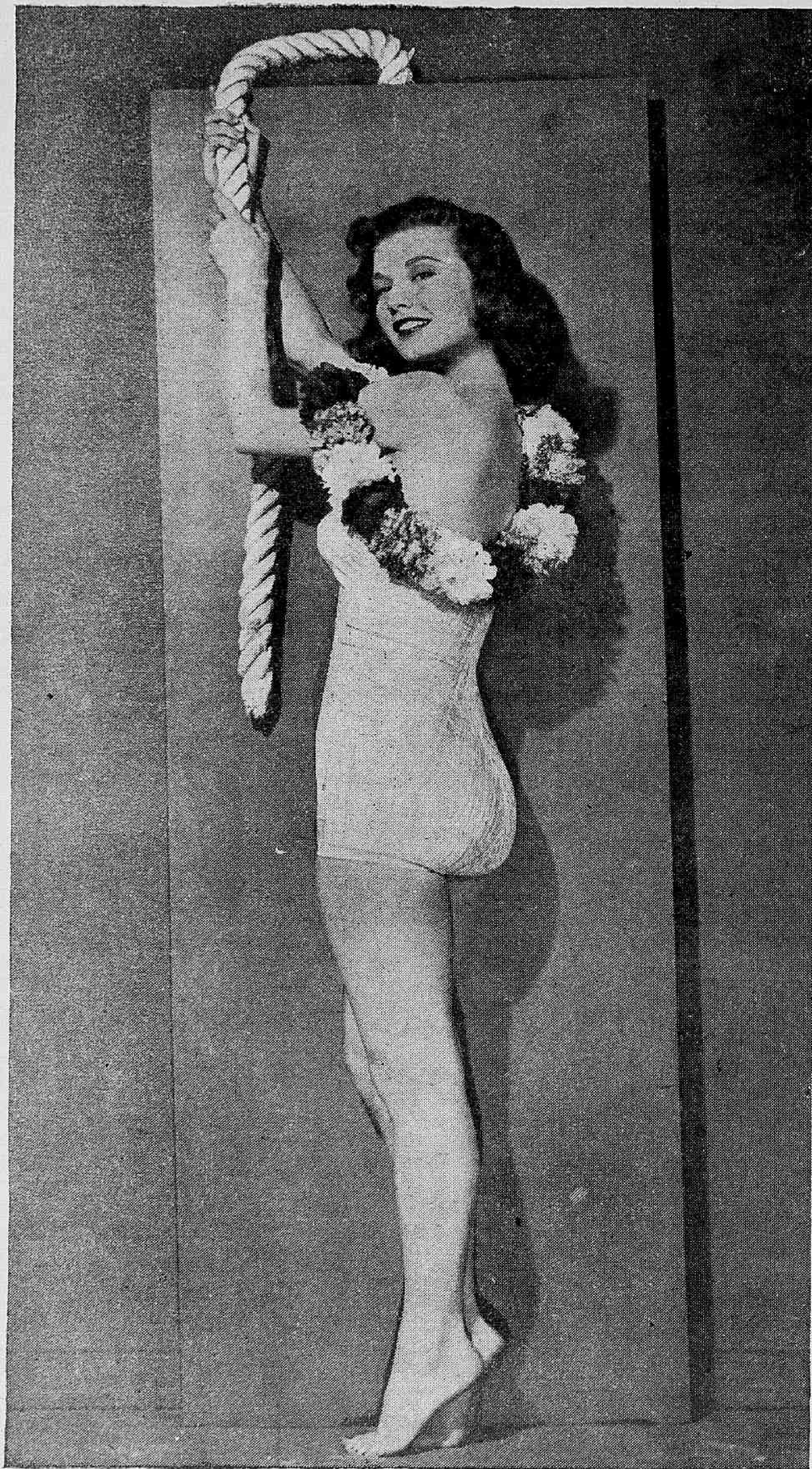
MÚSICA DE VILLA-LOBOS NA FINLÂNDIA

Em Helsinki, na Finlândia, foi apresentada pela primeira vez a composição de Villa-Lobos, «Descobrimento do Brasil», pela Orquestra Sinfônica de Helsinki, regida pelo Maestro Similã.

No programa foi publicado um comentário que, após se referir ao Maestro Villa-Lobos com palavras elogiosas, assim se expressa à obra:

«Descobrimento do Brasil» se compõe de três «suites» para orquestra: a primeira compreende dois temas. O primeiro tema, «Introdução», o mais longo e dominante, compõe-se de várias partes em tempos diversos e variados. O vivo e alegre segundo tema «Alegria» começa por sons rítmicos que atingem a um climax grandioso. A obra é escrita para grande orquestra numa instrumentação brilhante e matizada». ★ PAUL PARAY NOS ESTADOS UNIDOS — Convidado a reger a orquestra de Filadelfia, encontra-se nos EE.UU. o famoso regente dos Concertos Colonne, Paul Paray, que fez a sua «reentrée» no Carnegie Hall de Nova York. Tendo ferido a mão direita, três dias antes do concêrto, Paul Paray teve que regê-lo com a mão esquerda.

Pausa para meditação



PEGGY DOW — (U. International)

O TÔNICO
DAS LACTANTES

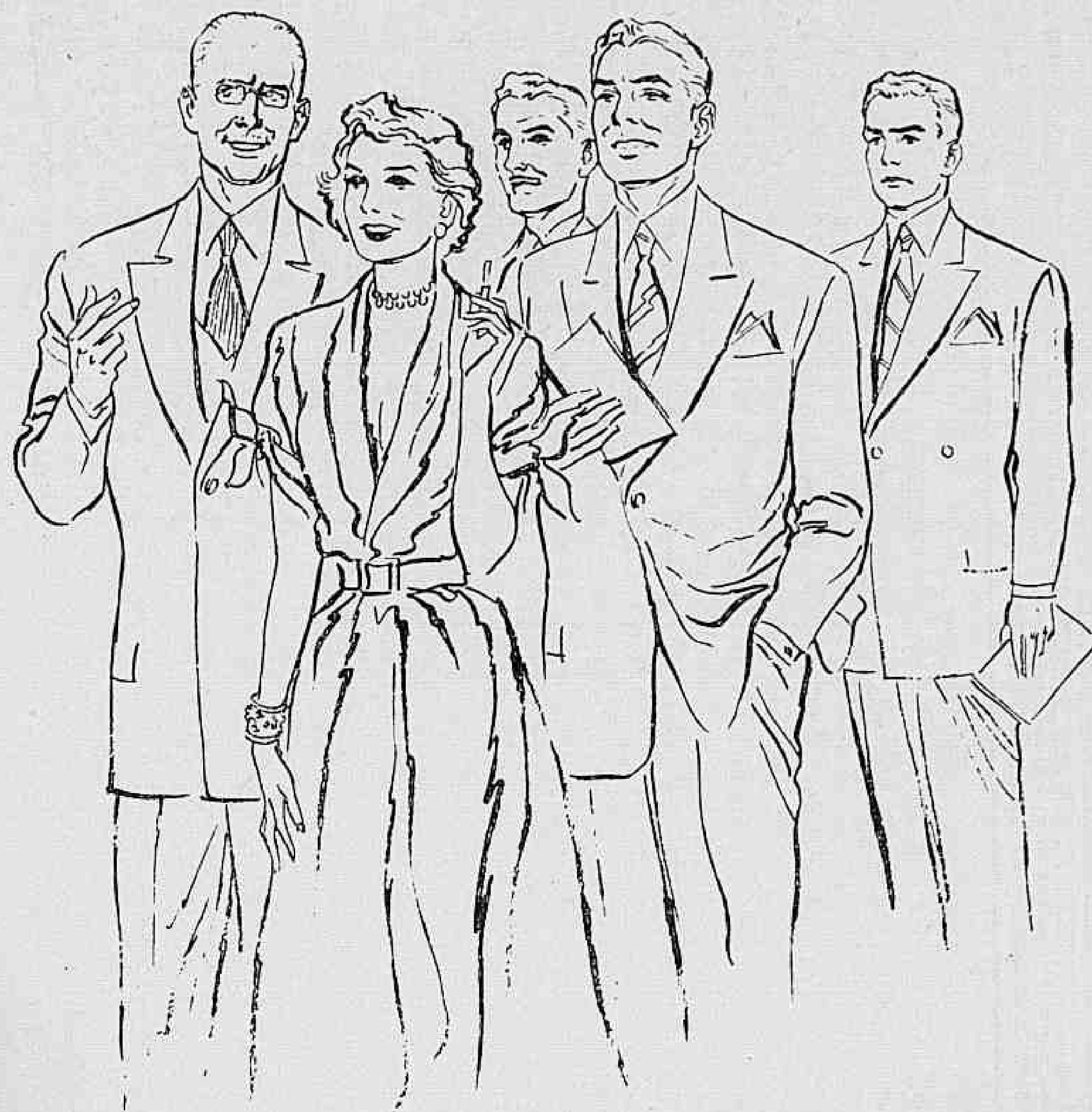


ÁGUA
INGLÊSA



Quem preza a escultura clássica aprecia Hollywood







O talento do bom conhecedor vai do mais complexo ao mais simples... Quem admira os expoentes da estatuária clássica, um Moisés ou um David de Michelangelo, também sabe apreciar um bom cigarro, como Hollywood, o cigarro das pessoas de bom gosto. Tabacos finíssimos, numa composição de felicidade única, fizeram de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira, o cigarro eleito por você!

cigarros

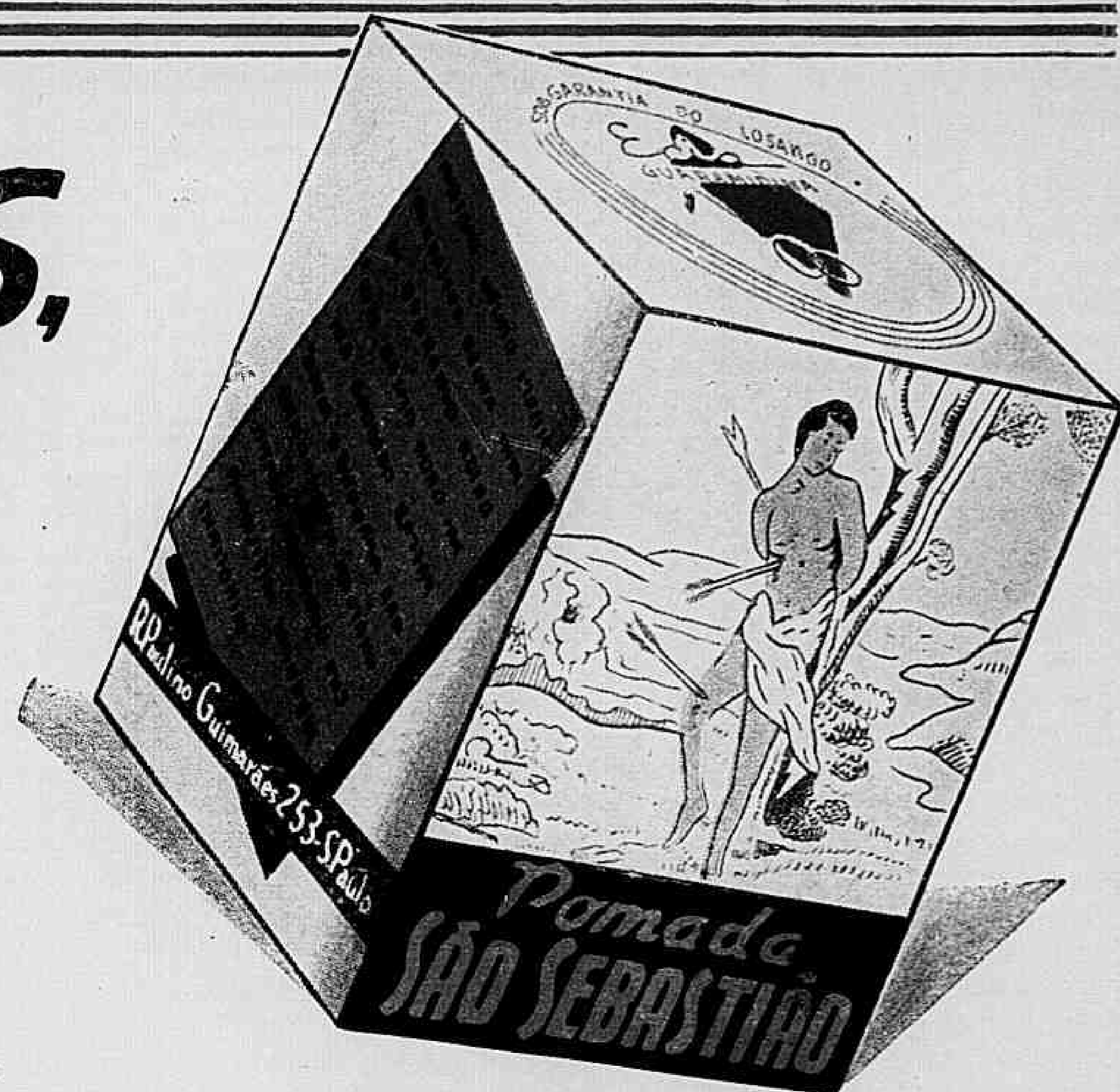
Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ

H-88.067

Conserve a sua péle limpa e macia...



SARDAS,
ESPINHAS
E
MANCHAS



Pomada SÃO SEBASTIÃO